REVISTA DA SEMANA

N.º 26 Cr$ 3,00 em todo o Brasil 26-6-48

BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO CONT. LEGAL

NINGUEM DIZ...
MAS JÁ PASSEI
dos 50!

São estes os resultados do uso constante da Quina Petroleo Malibú! Cabelos permanentemente jovens, higiene perfeita do couro cabeludo, sem caspa e sem calvicie! Quina Petroleo Malibú é, realmente, um fator de rejuvenescimento. Faça, tambem, uso deste notavel tônico capilar e

SEJA DOS QUE FICARÃO NOS 50

Malibú
quina petroleo

Uma aplicação diaria, após o banho, produz resultados estupendos!... porque a Quina Petroleo Malibú contem pilocarpina.

À VENDA EM TODO O BRASIL, NAS BÔAS CASAS DO RAMO

Drama anônimo no circo pobre

ERA uma cidadezinha morta do interior baiano, com sua única rua modorrando o sono grande e tranquilo de velha viúva, e o circo causou reboliço, a pasmaceira foi agitada pela novidade. Um circo custava tanto a ficar em Jacamaici!

Coitado! Era um circo bem pobre, sem elefante, sem globo da morte ou charanga de músicos fardados de vermelho com galões dourados, e nem cadeiras tinha, nem "poleiro" havia — o espectador que levasse seu tamborete. Era um circo vagabundo e os bons jacamaicianos retalharam-no com sua ironia, acharam um motivo para o seu diz-que-diz cansado, de só navalhar os próprios conterrâneos. Mesmo assim todo mundo ia.

Armaram o pano já rôto num terreno abandonado e toda noite, sem horário fixo, conforme a lotação, a função começava. O dono era um homem requeimado, cara e sorriso de cigano, olhos manhosos, sobrancelhas como acentos circunflexos, arcaico bigodinho à Adolphe Menjou, basta cabeleira à capitão Blood caindo-lhe pelos ombros curvos. Tinha tocante característica que logo lhe granjeou a piedade dos jacamaicianos, sempre prontos a serem cristãos: era aleijado duma perna e êle espalhava que a perdera na guerra de São Paulo, numa cena tipo Marcílio Dias. Na estréia êle explorou sabiamente tal fato. E com voz comovida, botando patriotismo a serviço de sua necessidade, fez muito coração sangrar de compaixão. Usava um nome estrangeiro, como convem a todo dono de circo, carregava a pompa dum Alexandre Petrovitch como a uma condecoração do czar. Tratava a platéia classicamente, "distinto público", distribuindo v. excias. indistintamente, o que acabou por enternecer os da terra.

Mas a alma do circo não poderia deixar de ser o palhaço. Atendia por um fácil apelido, como convem a todo palhaço que se preze. Guabiraba caiu logo no goto do povo. Chegava a ser engraçado, tão descarado era. Não fazia macaquices inúteis, tinha certo dom de oportunismo. Mas seu maior sucesso era devido à liberdade jocosa que tomava com o público. Pequeno, franzino, talvez faminto, ossos aparecendo, nele não havia contudo aquela tragédia dos dramalhões antigos, do palhaço que chora por dentro enquanto ri por fora. Parecia, mesmo fora do picadeiro, muito alegre de tudo, ignorante de mais para engordar recalques no espírito.

Duas jovens, que Petrovitch apresentava como filhas, ambas magras, ambas de dentes chumbados, faziam alguns números sofríveis de ginástica e desempenhavam alguns papéis em trágicos esquetes — onde sempre Petrovitch era o herói e Guabiraba o vilão. Havia ainda a mulher do proprietário, sem jeito para nada de circo e, a julgar pelo ventre significativamente arredondando-se, com jeito apenas para isto; havia ainda dois empregados, negros e adolescentes, aos quais o "distinto público" mimoseava com os gritos pouco generosos de "mata-cachorros", sem falar em outra figura, a que menos impressionou a platéia, tão insignificante era o seu trabalho. Como bom colega acompanhava a magreza geral, era o segundo palhaço. Cara furada de bexiga, nariz chato, trazia na testa uma legível estupidez, e nos olhos uma tristeza dolorida. O circo era a sua paixão. Largara a choça natal, o pedaço de terra onde plantava mandioca, deixara tudo para seguir Petrovitch e o destino errante do circo. Era o que menos ganhava, êle mesmo não fazia questão de ganhar coisa alguma. Petrovitch conhecia sua fraqueza e economicamente a explorava. Só lhe dava comida e o prazer de ser de circo. Pisado, humilhado, êle se sentiria satisfeito se sua aspiração tivesse êxito. Invejava humildemente Guabiraba, tinha loucura para ser um bom palhaço, cabriolar pelo picadeiro, causar gargalhadas, tomar ousadia com o público sem zangá-lo, ser a atração dos espetáculos, provocando chamados insistentes da platéia, sentindo os ouvidos tinirem de tanto aplauso.

Mas lhe faltava a bossa, ninguém simpatizava com êle, ninguém ria com suas graçolas sem graça, todos o vaiavam — "fora, bestalhão!", "fora, estupor!", "queremos o Guabiraba!"

VASCONCELOS MAIA — Especial para "REVISTA DA SEMANA"

REVISTA DA SEMANA

Sumário

COLABORAÇÃO

Drama anônimo no circo pobre (Vasconcelos Maia) 3
Para raptar Napoleão de Santa Helena (Viriato Corrêa) 16

BIOGRAFIA

A vida de Boccaccio (Henry Thomas e Dana Lee Thomas) 18

CARICATURA

Bom humor 12/13

REPORTAGENS

Sua Excia. o Schistosoma (Milton Pedrosa) 6/11
A volta de Alda Garrido 23/25
Cantinflas prefere o teatro ao cinema (Nelson Vainer) 26/27
O renascimento da tapeçaria francesa (Ivonne Jean) 30/35

CONTOS

O vaso de Soissons (Paul Reboux) .. 19
Iniquidade (Miguel de Unamuno) ... 20/21
As crianças esperam papai (C. Bousfield Vieira) 22

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 4
O Mundo Marcha 5
Cine Revista 28
O filme da semana 29
Broadcast 36
Vida literária 37
Livros novos 38
Pelas estradas do céu 49
Cancioneiro internacional 52

SUPLEMENTO DA MULHER

Nos bastidores femininos (Kitty) 39
O espírito feminino através dos tempos 44
A personalidade da semana (Sarah Marques) 45
Mães e filhos (Zóia de Laet) 46
Muro das lamentações 47
"Week-end" na cozinha (Marie Cook) 48

FOLHETIM

Na esteira do bruxo vermelho (Garland Roark-F.R. Gurger) 57/58

ILUSTRAÇÕES

Orlando Matos
Armando Pacheco
Abelardo Zaluar

NOSSA CAPA

Volta hoje à nossa capa a senhora Humphrey Bogart, mais conhecida como Lauren Bacall, que vimos há pouco no filme "Prisioneiro do passado". Lauren Bacall está terminando outra película para a Warner Brothers, cujo título em inglês é "Key Largo". Neste celulóide, além do seu indefectível espêso, aparecem também Lionel Barrymore e Edward G. Robinson. O casal Bogart-Bacall tem sido o mais constante, pois há mais de um ano que êsses dois artistas vêm aparecendo juntos nos mesmos filmes.

a Semana EM REVISTA

A MÉDIA DOS CONGRESSISTAS

Um jornalista norte-americano, John M. Willig, do "The New York Times" publicou recentemente, na edição dominical dêsse grande jornal, um interessante trabalho sôbre os congressistas norte-americanos, com o intuito de fixar o tipo médio dentre êles. Por essa estatística, a idade média do Congressista é a de 52 anos de idade. A altura 5 pés e 9 polegadas (nos Estados Unidos não está ainda em uso o sistema métrico decimal), o pêso é de 184 libras, a duração da vida conjugal de 24 anos e três meses. O congressista médio tem dois filhos, mora em uma casa modesta, no valor de menos de 11.000 dólares, tem sete ternos de roupa, fuma 22 cigarros por dia e lê 18 livros por ano... Inclui ainda a estatística outras indiscrições, inclusive a notícia de que dois senadores usam cabeleira postiça... Quanto às suas origens, 78 são educadores e ex-professores, 55 lavradores e ex-lavradores, 17 donos de jornais e 21 antigos jornalistas, 1 ex-agente da Polícia Secreta, 7 médicos, 2 dentistas, 1 veterinário, 2 arquitetos, 7 ex-delegados de polícia, 2 banqueiros, 2 padres, 2 "speakers" de rádio, 3 donas de casa, etc. Cremos que seria interessante se algum dos nossos repórteres parlamentares se desse ao trabalho de realizar uma estatística dêsse gênero no Brasil. Temos deputados de idade tão provecta como o sr. Graccho Cardoso, que é hoje, decerto, o Matusalém do Congresso, e tão juvenís quanto o sr. Aluízio Alves. Não sabemos de nenhum que use cabeleira postiça. Nesse particular, há apenas algumas dentaduras, como a do sr. Barreto Pinto, que, às vêzes, ameaça cair em meio de um discurso. O que há, em matéria de disfarces, para esconder calvícies constrangedoras, é aquela espécie de penteado que já ganhou fama, no Senado, onde ilustre figura é apontada como meticulosa ao ponto de contar o número exato de cabelos que reserva para cada lado da cabeça: trinta à direita e trinta à esquerda... Temos os nossos "speakers" e temos, especialmente, uma coisa que não há nos Estados Unidos: fartura de ex-governadores, ex-ministros, ex-interventores e até um ex-presidente da República, participando ativamente do Congresso. Será que os nossos congressistas têm em média apenas sete ternos, como seus colegas norte-americanos? Será que fumam 22 cigarros por dia? Será que lêm dezoito livros por ano? Aí está um motivo de reportagem sem dúvida curioso, — com vistas aos nossos repórteres parlamentares...

UMA CAUSA MUITO JUSTA

Declarando-se em dissídio coletivo, os empregados das emprêsas cinematográficas recorreram aos bons ofícios do Ministério do Trabalho, no sentido de obter um aumento de salários. O caso foi a julgamento e as autoridades incumbidas de estudar o assunto decidiram que a causa era justa e que êsses empregados descontentes tinham direito a um aumento de quarenta por cento sôbre os seus salários. Causa mais do que justa, — justíssima, — a dos empregados de emprêsas cinematográficas não podia deixar de merecer amparo. O comércio de filmes representa uma das atividades mais prósperas do momento. As grandes agências exibidoras arrecadam somas na verdade fabulosas, e mais fabulosas ainda são as rendas das emprêsas exibidoras, pràticamente sem concorrência alguma, neste país em que, mesmo nas grandes capitais, há escassês de teatros e de diversões noturnas. Nestes últimos tempos, as rendas das casas exibidoras aumentaram consideravelmente, passando os ingressos dos cinemas de primeira categoria, que ainda recentemente custavam Cr$ 4,40 a custar nada menos de Cr$ 8,80, ou seja, exatamente o dôbro do preço anterior. Enquanto isso se dava, os empregados das companhias cinematográficas continuavam a ganhar salários diminutos, sem ter a compensação que deviam merecer, em razão do esfôrço desenvolvido e dos lucros das firmas que exploram essa atividade. A lei de dois têrços, visando beneficiar os nacionais, em competição com os funcionários vindos de fora, para as agências cinematográficas estrangeiras, se refere sòmente à quantidade dos empregados, não atentando no volume dos salários atribuídos a uns e outros. Assim é que, em geral, nessas agências há dois têrços de funcionários parcamente remunerados, em confronto com um têrço de empregados de categoria privilegiada, ganhando salários na verdade invejáveis. Quanto às emprêsas exibidoras, ao contrário das distribuidoras, vivem sob o regime da parcimônia geral. Não possuem elementos estrangeiros privilegiados, nem tampouco nacionais. Têm lucros magníficos, — é natural que tenham lucro todos os que se empenham em qualquer forma de comércio ou de atividade honesta, — mas são de uma indiferença completa pela sorte dos seus funcionários, dos quais a grande maioria ganha salários abaixo de mil cruzeiros. E' verdade que essas emprêsas vão levar um golpe com o estabelecimento do preço teto dos cinemas, que será de Cr$ 7,00 em todo o Brasil. Mas nem mesmo uma coisa dessa poderá justificar que negócio tão próspero, tão seguro, tão garantido, pague tão inferiormente àqueles de que se utiliza para manter suas portas abertas.

OS ABUSOS DOS FOGOS PROIBIDOS

Na semana passada publicamos nesta página um artigo, no qual comentávamos os abusos dos fogos nas festas juninas e os perigos que resultavam da prática inconsiderada dêsses folguedos. Fizemos, nessa ocasião, prudente e oportuno apêlo às autoridades públicas, no sentido de evitar excessos de perigosas conseqüências. Na ocasião em que escrevíamos, não podíamos ilustrar nossos receios com fatos lamentáveis, mas simplesmente com a notória perturbação do sossêgo público com as bombas de grande potência, que a tôda hora rebentavam na cidade. Bem razão tínhamos nós de manifestar êsses receios, pois o noticiário policial dos jornais logo em seguida começou a publicar notícias de acidentes trágicos, nos quais perderam a vida indefesas crianças, tanto no Rio como em Niterói. Além dessas crianças, mortas pelas explosões de bombas proibidas, uma outra ficou parcialmente cega, sendo levada neste triste estado para o Hospital de Pronto Socorro. Confundidas com os fogos inocentes, simplesmente decorativos, essas bombas vinham sendo vendidas em numerosas barracas de fogos através da cidade. Ante os protestos da imprensa e o noticiário dêsses casos tristes, as autoridades municipais iniciaram, imediatamente, a repressão do abuso, expedindo ordens terminantes para que cessasse êsse comércio. Algumas barracas, que haviam feito estoque de fogos proibidos, desobedeceram a intimação, sendo fechadas pela fiscalização da Prefeitura. A medida foi pronta e eficaz, merecendo louvores a energia com que agiram as autoridades. Entretanto, não devemos perder de vista os casos trágicos que se verificaram no Rio e em Niterói. E' preciso que, nas festas juninas do ano vindouro, os abusos não voltem a se verificar, ceifando a vida de inocentes crianças que encontraram a morte quando buscavam apenas um momento de alegria...

ANO XLVII
N.º 26 — 26-6-48

REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário:
R. MAGALHAES JUNIOR

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS
Porte simples: Um ano — Cr$ 140,00; Seis meses Cr$ 70,00
Registrada: Um ano — Cr$ 170,00; Seis meses — Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO
Registrada: Um ano — Cr$ 270,00; Seis meses — Cr$ 140,00
O número avulso custa 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corres. na Bahia: J. Machado Cunha, Av. 7 de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia. EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 — Tel. 4-1569 — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 613 — 2.º andar, sala 217. Telefone 6-6718.

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34 dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyentes, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299. Tel. 32. Avenida 9109, Buenos Aires.

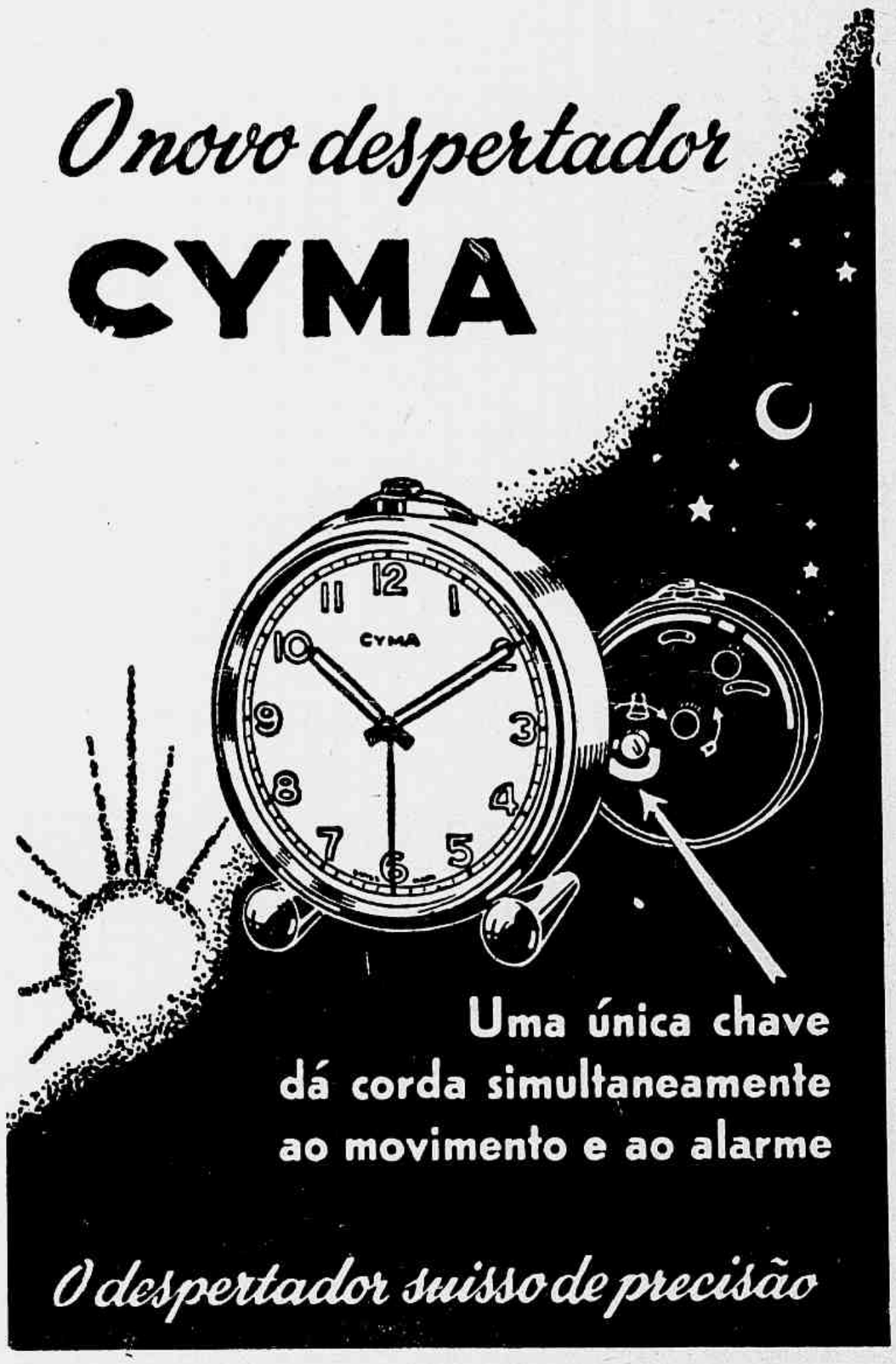
Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ÊSTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

LEGRESSOU ao Canadá o general Alexander depois de alguns dias de permanência entre nós, durante os quais recebeu as mais expressivas demonstrações de aprêço do govêrno e do povo brasileiro. Que essa visita não seja a última lembramos nós, recordando uma frase dita em português pelo Visconde de Tunis, num dos seus discursos... Os já famosos "acôrdos de Londres" que pretendem fazer o reerguimento europeu levantando uma Alemanha forte e industrial (que medo!), foram julgados pelo Parlamento francês e tiveram uma aprovação mínima de 11 votos, devendo-se salientar que 13 deputados se abstiveram de votar e o medo do comunismo fez alguns votarem a favor da política de Londres. O ciclo da terceira guerra se acentuou na noite de 17 passado... A estrada de ferro Mogiana, de São Paulo, despediu 150 empregados que não atenderam à intimação de retornarem ao serviço e cessar a greve. Entretanto a greve continua e milhares de operários só voltarão ao trabalho depois que a direção da ferrovia tiver solucionado o seu aumento de salários, autorizado desde fevereiro do ano passado... Enquanto certas emprêsas não cumprem o que prometem aos seus empregados e os despedem em massa, o Brasil é acusado pela Federação Mundial de Sindicatos como sendo um violador dos direitos dos trabalhadores. O Brasil faz companhia nesta lista de coatores de liberdades sindicais a países como Espanha, Portugal, Argentina, Grécia, etc. — Dize-me com quem andas e eu dir-te ei quem és... Os donos de cinemas e circuitos da cidade, vanguardeiros dos "tubarões" nacionais, ainda não se dispuseram a conceder o aumento de 40% sôbre os irrisórios ordenados dos seus empregados. Enquanto isso, milhares de cruzeiros são enviados mensalmente para o exterior como proventos dessa indústria. Por que não age energicamente o Tribunal Regional do Trabalho?... Enquanto les pagam mal aos empregados, esfolam o público. Os "comandos" ficaram de visitar os cinemas, mas foi só promessa. Por outro lado a C. C. P. acaba de tabelar os de luxo, que não poderão cobrar mais de sete cruzeiros pela entrada. Conseguirá a C. C. P. vencer êsses magnatas? Duvidamos muito... Até que enfim o Senado dos Estados Unidos se decidiu a aprovar uma lei federal que considera crime o linchamento. Não podia deixar de aparecer como contraste a voz de um representante sulino que jurou "lutar até o fim contra semelhante lei". Nos Estados do Sul, os sulistas se regalam quando pegam um negro e o matam de tanta pancada... O comissário Oscar Gonçalves Pêssego foi prêso pelo detetive n.º 72 por agressão física ao operário José dos Santos, que decorava o seu apartamento. Não é esta a primeira vez, infelizmente, que um comissário foge ao decôro necessário... Induziram o Presidente da República a doar uma subvenção de 280 mil cruzeiros à milionária CBD (Confederação Brasileira de Desportos). Coitado do Tesouro Nacional, tão pobrezinho e a fazer favores a ricaços! Na mesma lista coube à União Brasileira de Excursionismo a ninharia de 15 mil cruzeiros... Um matutino provou que a maioria dos restaurantes obtêm lucros de quatrocentos por cento em cada prato servido. Extorsão e sujeira é o que campeia na maioria dos restaurantes do Rio... O feminismo avança! A Polícia de São Paulo está à caça de uma quadrilha de mulheres que tem assaltado sòmente homens... O deputado Flores da Cunha afirmou que o ex-ditador Getúlio Vargas será candidato às próximas eleições. No dia seguinte, o deputado Amaral Peixoto, genro do ex-ditador, desmente a notícia. Parece-nos que o senhor Getúlio Vargas quer é movimento. Ninguém fala mais dele e isso deve doer um bocado... O caso da Escola Naval, continua no cartaz, provocando protestos, processos, etc. Estão agora envolvidos no caso o Ministro da Marinha, o Superior Tribunal Militar e até o Ministro da Justiça... Treze mil engradados de alho, depositados no Armazem 20 do Cais do Pôrto, ficaram totalmente perdidos depois de seis meses de espera. Enquanto os consignatários brigavam com os remetentes a mercadoria ficou lá abandonada. Em casos como estes a administração do pôrto deveria vender o lote em leilão e deixar que os gananciosos negociantes depois brigassem pelo dinheiro da venda... O presidente da República pediu a exoneração dos funcionários excedentes dos quadros das repartições públicas. E os funcionários, interinos ou nomeados, que passam o dia sem fazer nada? Não estão também "se excedendo"?... Dona Dulce Assunção Stefano, moradora no bairro Casa Verde, em São Paulo, declarou a um repórter que vira no dia de Santo Antônio um "disco voador", prateado de um lado e enegrecido do outro. — "Disco voador no dia de Santo Antônio? Isso é um autêntico "balão"! — esclareceu o Ramalheda... A menina Diana Pastorelli, de San Mateo, na California, comeu um uapis e ficou tôda azul!... A Organização Internacional dos Refugiados anunciou que o Brasil vai receber mais 5.500 deslocados de guerra. Garantem que a maioria é composta de lavradores. Veremos... Dona Silvia Silva Corrêa brigou com o marido e depois botou vidro moído na comida do esposo. Na hora em que o "seu" Ismael Corrêa ia ceder a primeira garfada a uma filhinha do casal, dona Silvia se arrependeu, jogou fora a "boia" e contou tudo ao marido. Discussões, gritos, queixa na Polícia, afastamento. À noite, os vizinhos conseguiram reconciliá-los. Ismael voltou ao "doce" lar e dona Silvia prometeu nunca mais assustá-lo daquêle jeito... O senhor José Moyses Nader procurou esbaforido as redações dos jornais para declarar que os comunistas puseram o seu nome entre os dos adeptos do credo vermelho, mas que isto é uma infâmia! Êle jura, perjura e abjura! Nunca foi comunista! Não se exalte tanto, "seu" Nader. Muita gente tem o nome nos partidos democráticos e também nunca foi democrata... Segundo cálculos de "círculos usualmente bem informados" sòmente em Novembro estará pronta para sanção presidencial a Lei do Inquilinato .. Os "comandos" examinaram as cozinhas dos carros-restaurantes da Central do Brasil e ficaram escandalizados. O luxuoso "Cruzeiro do Sul" servia carne deteriorada aos passageiros e o estado higiênico da cozinha era dos mais precários... De vez em quando aparece a notícia de que Hitler está vivo. E' o que acontece agora com um telegrama da Colombia. Certo leitor do jornal "La Razon" garante que o ex-Fuehrer tem ido várias vezes ao cinema em Bogotá. A Polícia não acredita no caso e diz que êsse leitor paranoico está fazendo fita... Faleceu no Rio a conhecida escritora Eugênia Alvaro Moreyra, esposa do jornalista Alvaro Moreyra, e figura de relêvo dos círculos literários e artísticos do país. O senhor João Mangabeira, em vibrante discurso na Câmara, sentenciou que já está perigando o sistema democrático e que com as liberdades elementares suspensas, o Brasil caminha depressa para o fascismo... A Comissão de Justiça do Senado vetou os novos aumentos da magistratura e da Justiça do Trabalho, argumentando que o Tesouro não suporta êsses novos ônus... O Rio conta com mais um teatro. E' o Teatrinho Jardel, na avenida Copacabana, pequeno no tamanho, mas com grandes intenções. Os cartazes dos teatros do centro da cidade estão quase todos em mudança. Novas grandes peças se anunciam... Por hoje é só... até sábado...



O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sôbre temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

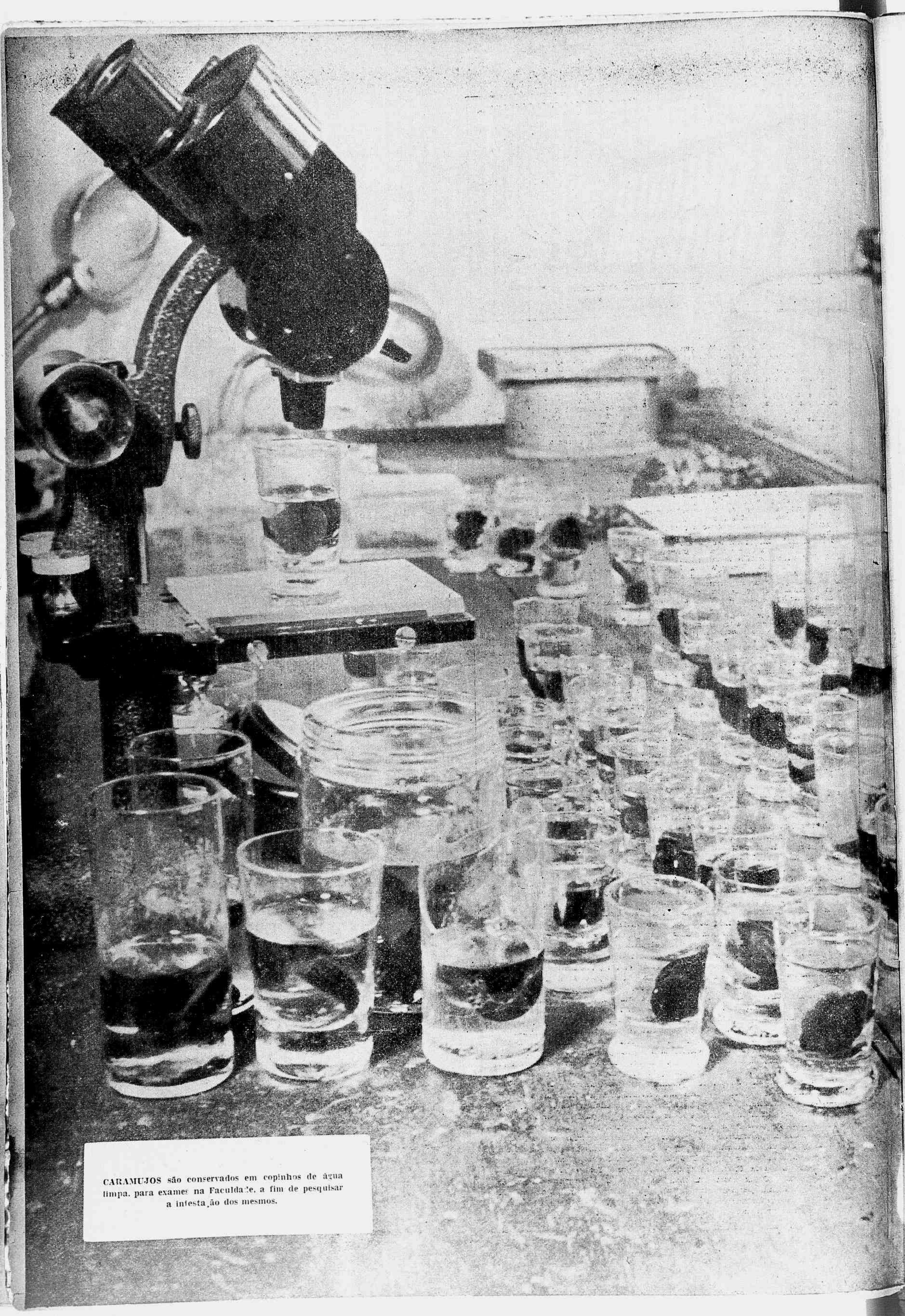
2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sôbre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

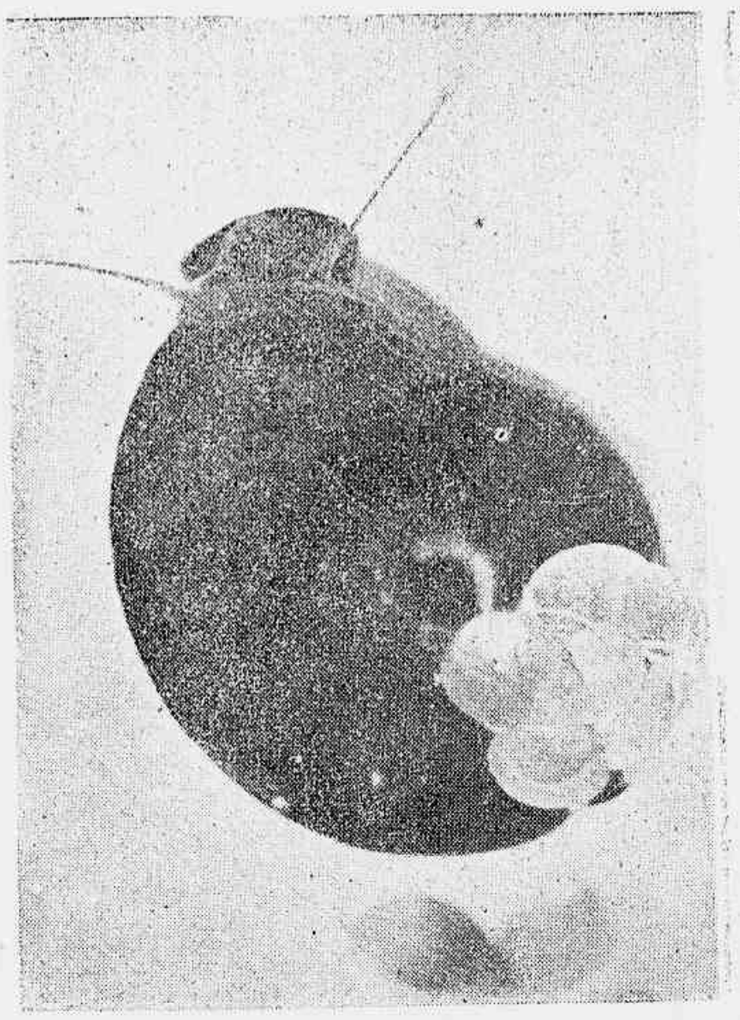
4 — Os contos submetidos a êste concurso devem ter no mínimo três fôlhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito fôlhas.

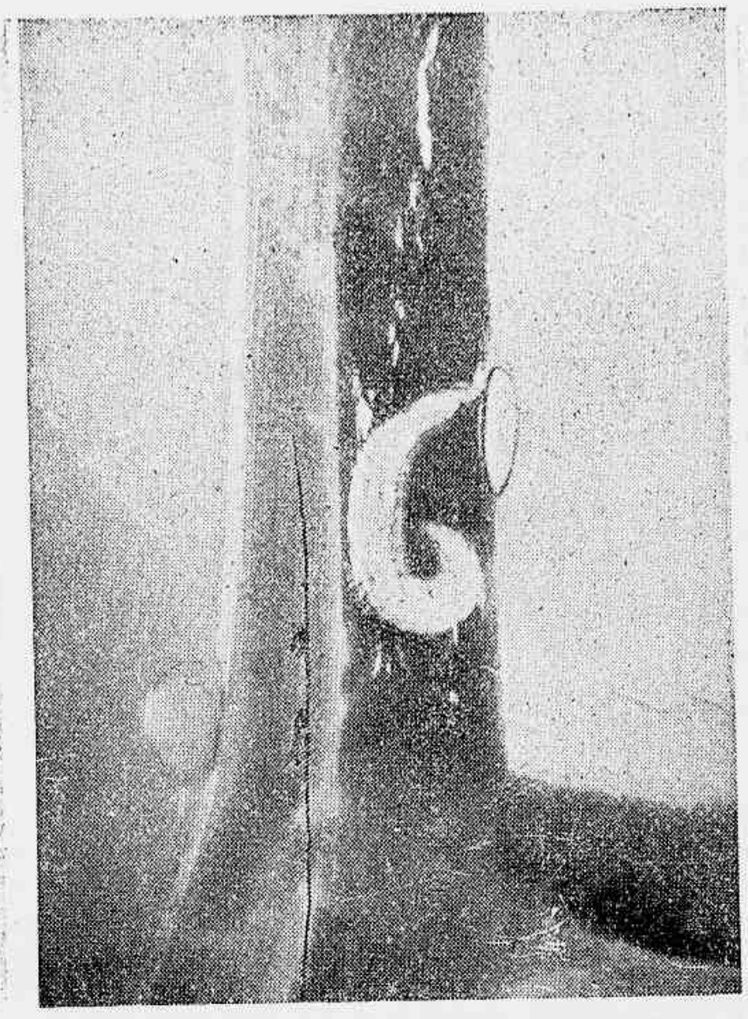
5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na fôlha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".

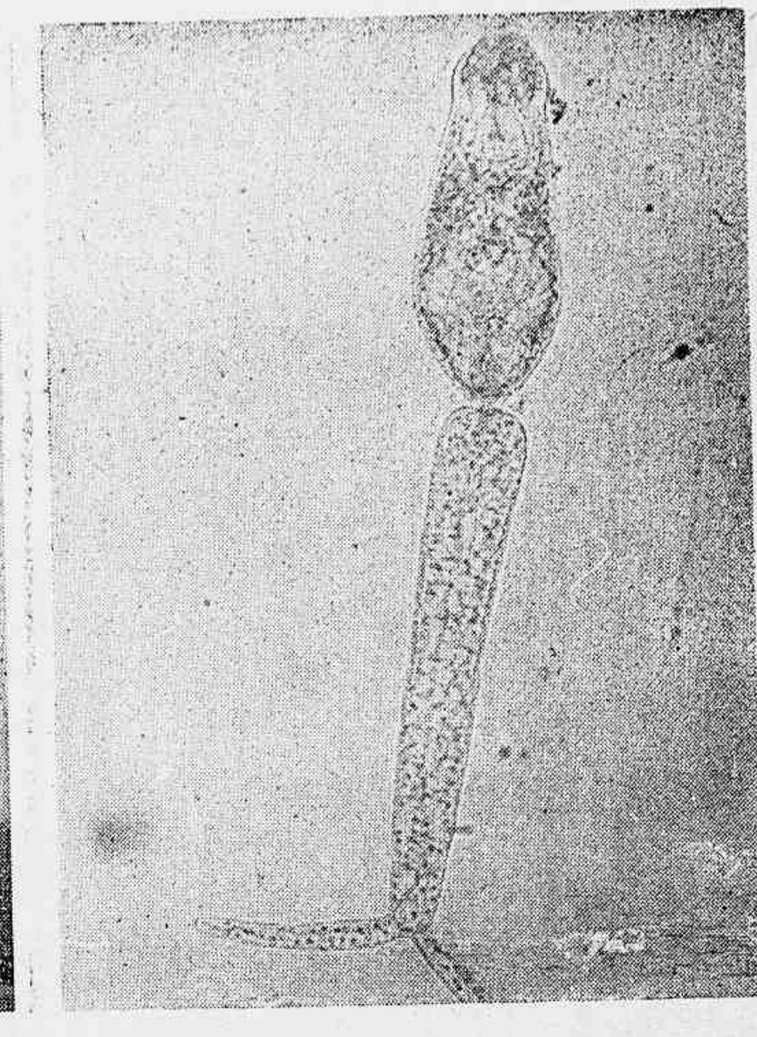
6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e a banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.



CARAMUJOS são conservados em copinhos de água limpa, para exames na Faculdade, a fim de pesquisar a infestação dos mesmos.







Ao alto: FOTOGRAFIA DO CARAMUJO vivo dentro dágua (foto difícil de se fazer). "SCHISTOSOMA MANSONI" dentro duma veia do intestino, aumentado 22,3 vezes. MICRO-FOTO DA CERCARIA. Forma-se no caramujo, sai para a água e penetra no homem. (Cercaria aumentada cêrca de 350 vezes).

SUA EXCIA. O SCHISTOSOMA

8.000.000 DE BRASILEIROS SOFREM DE ESQUISTOSOMOSE ★ CIDADES, COM 90% DA POPULAÇÃO ATACADA ★ ASSUSTADORA ESTATÍSTICA

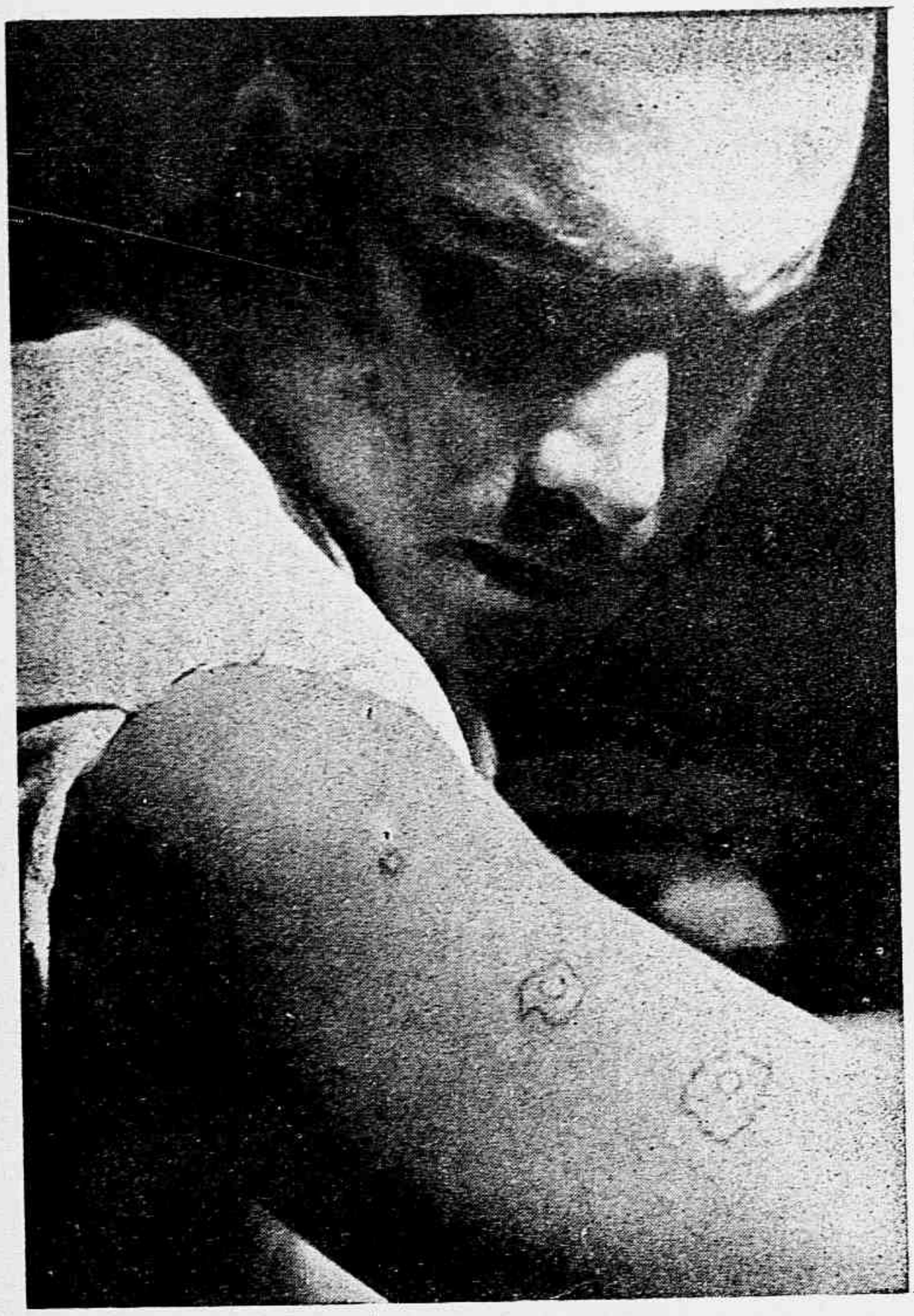
Reportagem de MILTON PEDROSA ★ Fotos de AUGUSTO CARDOSO

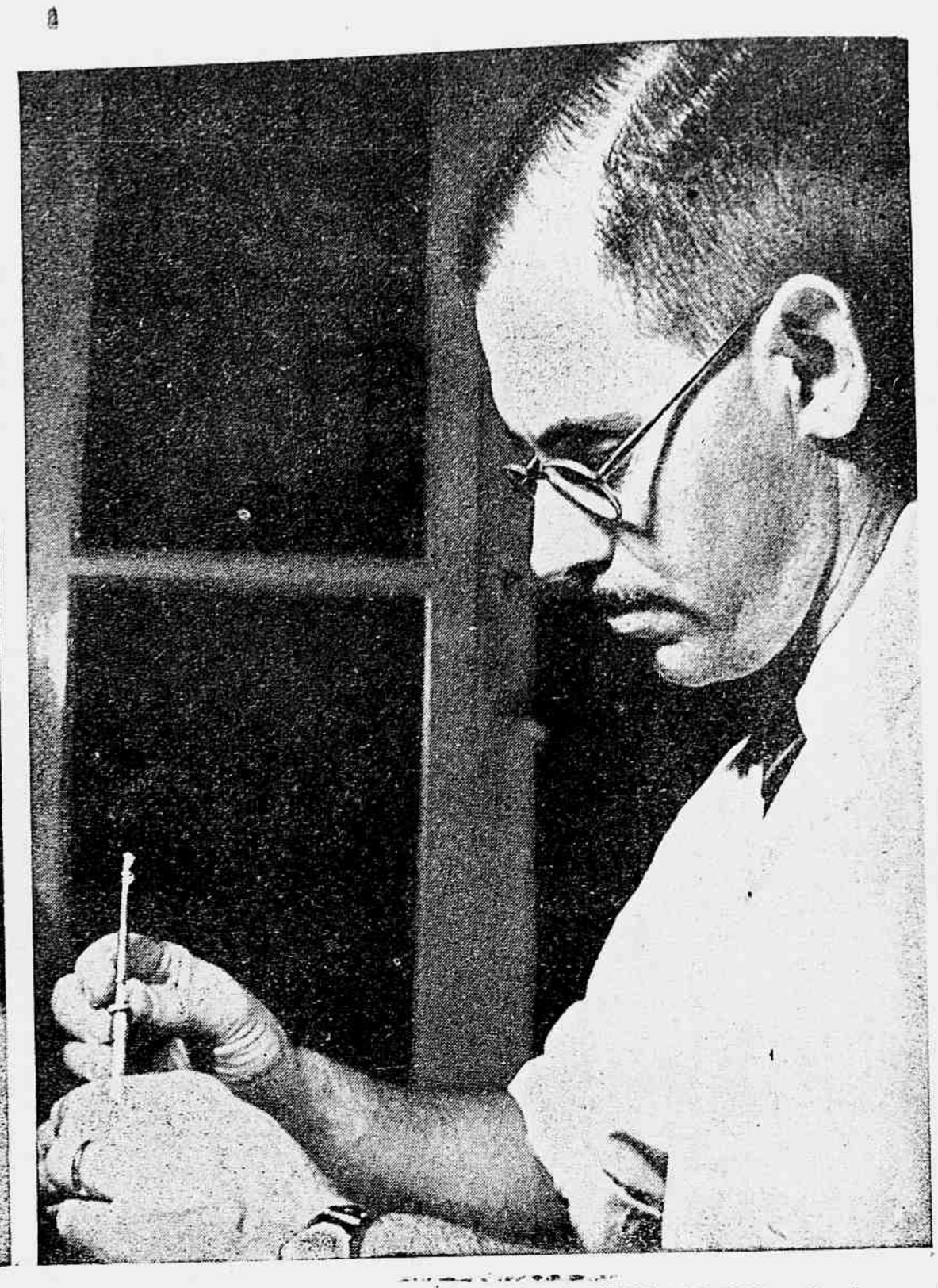
S. excia., o Schistosoma, é sem dúvida o mais poderoso personagem que já chegou a dominar o país. Muita e muita gente jamais terá ouvido falar de sua tremenda influência sôbre as nossas imensas populações, notadamente sôbre as grandes massas rurais. Já é tempo, porém, de trazer ao conhecimento público aquilo que apenas alguns doutos conhecem em seus detalhes.

Êsse personagem domina uma vasta zona territorial em que estão incluidos os Estados do Rio Grande do Norte, Ceará, Parahiba, Pernambuco, Sergipe, Alagoas, Espirito Santo, Bahia, Minas, São Paulo e uma enorme faixa que se estende até o Rio Grande do Sul. Êsse domínio cada dia mais se alastra, num crescendo que acabará por abranger, não parte, apenas, mas todo o país.

S. excia., porém, não é nenhum político. (Ora, essa!) Nem por isso deixa de ser s. excia., pois o Schistosoma é o verme responsável por uma das mais terríveis endemias que, abaixo de Deus, infelicitam o habitante dêsses oito milhões de sonolentos quilômetros quadrados que se denominam Brasil. Perto dela, a malária é hoje "café pequeno", e o stegomia fasciata é "pinto", diante do Schistosoma.

CARAMUJOS MORTOS, em grande quantidade, no laboratório de parasitologia da Faculdade de Medicina





A esquerda: TESTE ALERGICO para esquistosomose (Cutirreação), injeção do extrato do verme morto. A direita: O PROF. AMILCAR VIANA MARTINS colhendo material para exame.

E eu lhes digo por que... se para tanto não me faltam engenho e arte.

CIDADES COM 90% DA POPULAÇÃO ATACADA

Se olharmos um dêsses mapas comuns do Brasil, nada veremos demais, além daquilo que já conhecemos. Se olharmos o homem, ficaremos na mesma. Nada veremos de novo, se pregarmos os olhos na terra. Mas, se prestarmos atenção à água, não a tôdas as águas, evidentemente, mas a certas águas, e se soubermos o que elas contêm, então ficaremos abismados.

E' aí que está o foco da esquistosomose, o que torna suspeitas tôdas as águas da mesma região, isto é, lagos, lagios e córregos.

Aparentemente, o assunto parece interessar de perto apenas aos especialistas e médicos em geral. Esta ilusão se desfaz facilmente, como bôlha de sabão, quando se sabe que mais de oito milhões de brasileiros, mais ou menos um quinto da população do país, ou seja, um indivíduo em cada grupo de cinco pessoas, estão atacados pelo terrível verme. E mais: que, em Minas, há cidades, como Pedra Azul, onde 85% (oitenta e cinco por cento) da população é vítima do schistosoma. E que, Coração de Jesus e Brasília, duas outras cidades mineiras, acusam uma percentagem de 83% de doentes. Que digo? Pains, ainda em Minas, tem 90 por cento de sua população atacada de esquistosomose!

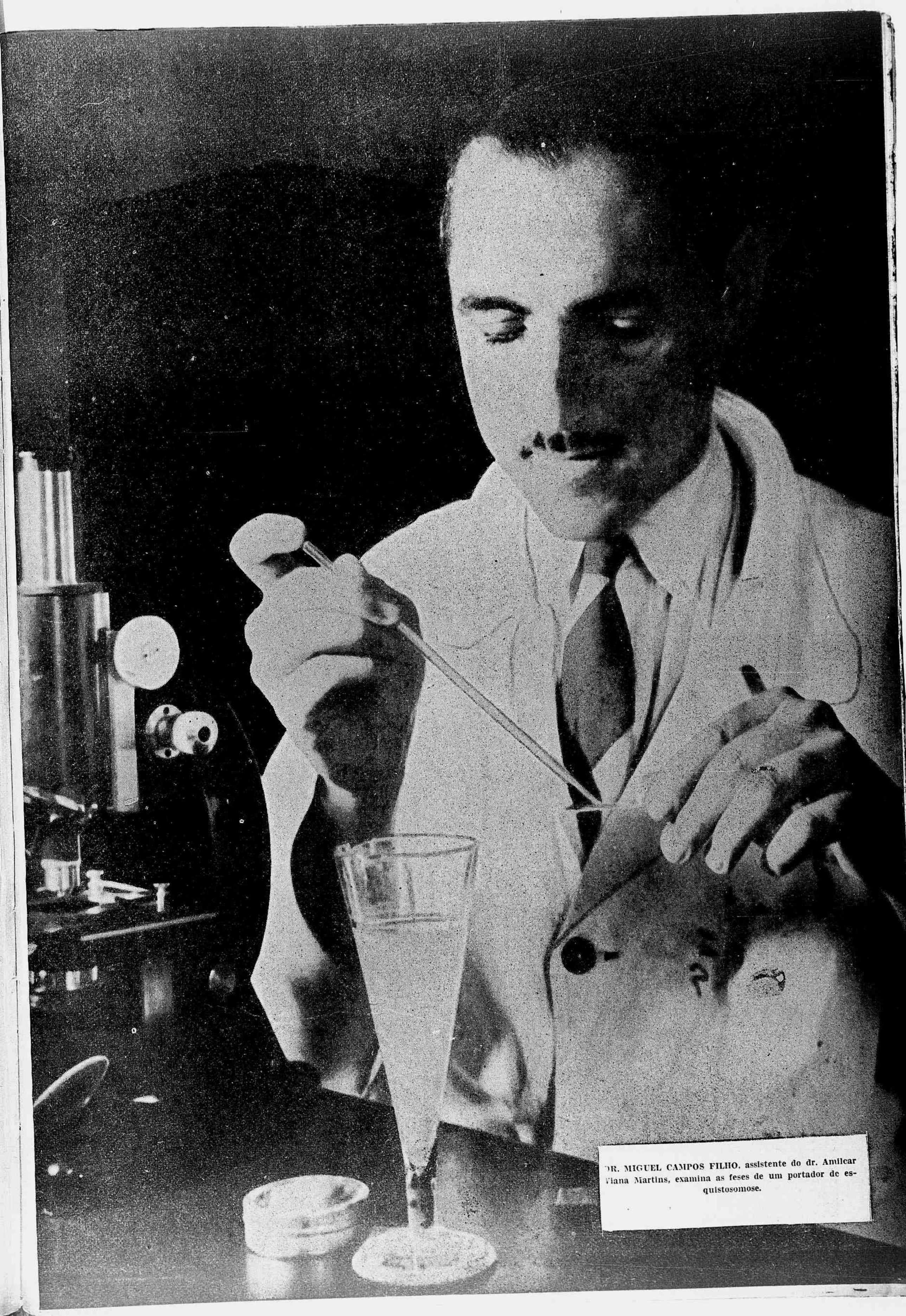
Não. Não são dados colhidos a esmo. Tais dados me foram fornecidos por um especialista, o dr. Amilcar Viana Martins, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais, major R/2 do Exército, ex-integrante da FEB, e que agora dedica-se inteiramente ao estudo dessa moléstia, êle mesmo atacado de esquistosomose, como o repórter e, provavelmente, como você, leitor, que me lê, em alguma parte do Brasil, e como aquêles homens, aquelas moças, crianças e velhos, que lá estavam, submetendo-se ao teste, na Faculdade de Medicina, no dia em que lá fui.

O professor Amilcar Viana Martins levou a efeito uma série de exames em Belo Horizonte e constatou, em 3000 crianças em idade escolar, uma média de 12,5 por cento de infestados.

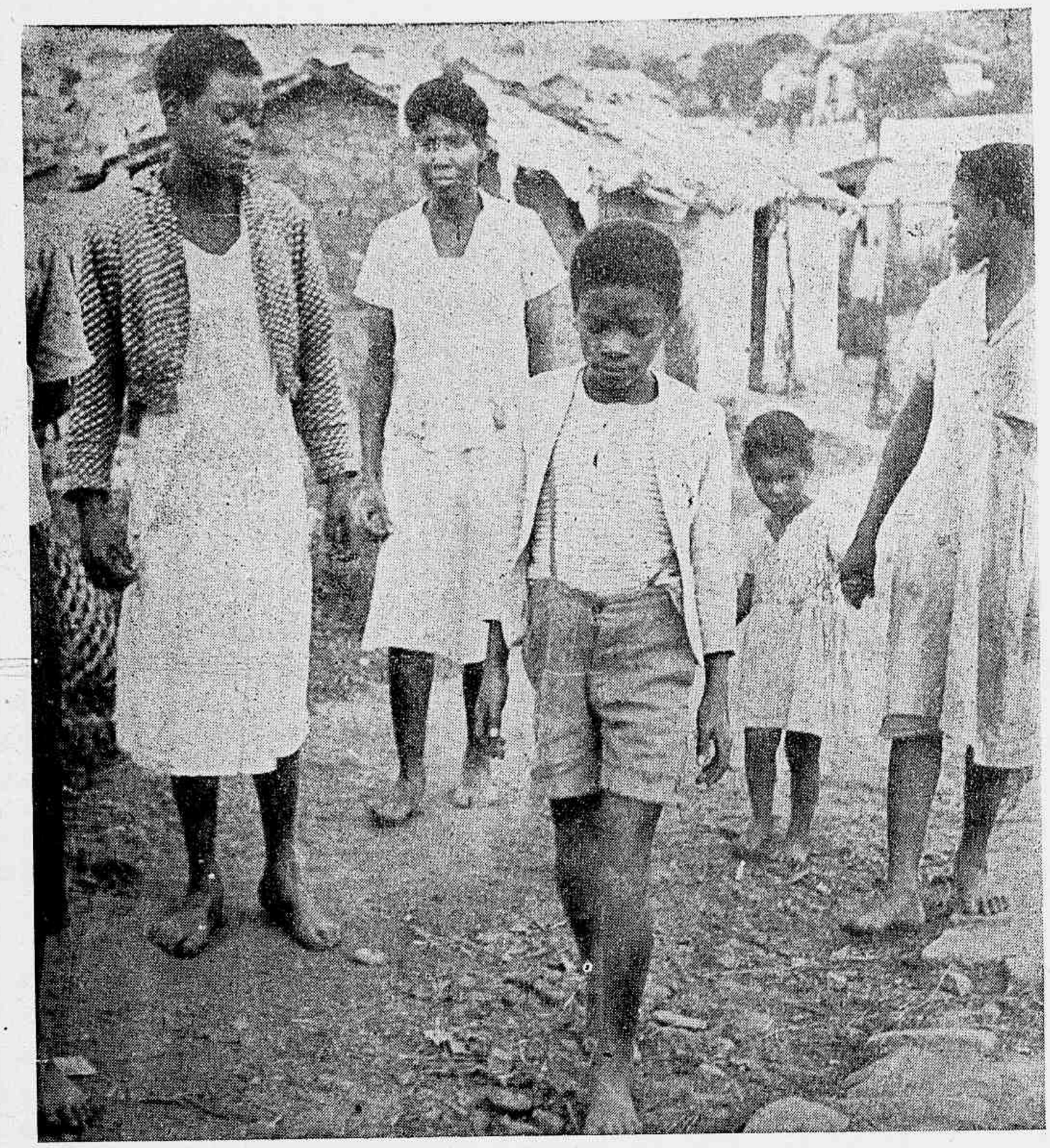
O QUE O BRASIL IMPORTOU COM A ESCRAVATURA

E'. As cifras são alarmantes. Mas elas dizem a verdade nua e crua. E nem é nova a moléstia. Sua descoberta data de 1852, mas ninguém saberá dizer quando, onde e como ela teve origem. Sua existência já foi constatada no antigo Egito, pelo encontro do schistosoma em múmias desenterradas pelos arqueólogos.

DUAS JOVENS em tratamento de esquistosomose. (Fotos feitas na Faculdade de Medicina).



DR. MIGUEL CAMPOS FILHO, assistente do dr. Amilcar Viana Martins, examina as feses de um portador de esquistosomose.



ESSA GENTE não dispõe de fossas, nem tem meios, nem conhece instalações sanitárias. O seu banho é nas águas infestadas. Esquistosomose certa.

Para o Brasil, ela veio, como artigo de importação, nos intestinos dos escravos procedentes da África. Entrou pelo Nordeste, veiu descendo, penetrou em Minas, caminhou para São Paulo e lá vai continuando para o Rio Grande do Sul (adiante lhes contarei como ela foi até lá, e, não é uma bela história, lhes asseguro). E lá vai ganhando o interior do país. No Estado de São Paulo há fócos, e grandes fócos, os há principalmente na cidade de Santos.

E', como se vê, u'a marcha para o Oeste, u'a marcha que não foi prevista, que não estava em nenhum plano, u'a marcha trágica, que não encontra obstáculos, invencivel, mas a única marcha para o Oeste que verdadeiramente está sendo feita neste país.

E s. excia. o Schistosoma marcha. Os especialistas auscultam os seus passos, interior a dentro, passos soturnos, de botas de sete léguas, dominando novos milhões de sêres humanos, de brasileiros inermes e desprevenidos, ante os braços cruzados das autoridades ditas responsáveis pelas coisas de educação e saúde.

O Serviço Nacional de Febre Amarela, no relatório de suas atividades de 1931 a 1944, constatou o seguinte: Em Minas Gerais, onde êle tinha 317 postos instalados, 210 acusaram a existência de esquistosomose. Isso significaria a infestação de 2/3 da população.

Na Bahia, onde existiam 230 postos de febre amarela, constatou-se a existência de esquistosomose na zona compreendida por 177.

No Espírito Santo, para 58 postos, havia esquistosomose em 52.

Em Sergipe, para 35, havia em 33;

Em Alagoas, para 65, havia em 54;

No Ceará, para 213, havia em 103;

Em Pernambuco, dos 159 postos, 125 verificaram a existência de esquistosomose na região compreendida pelo seu raio de ação.

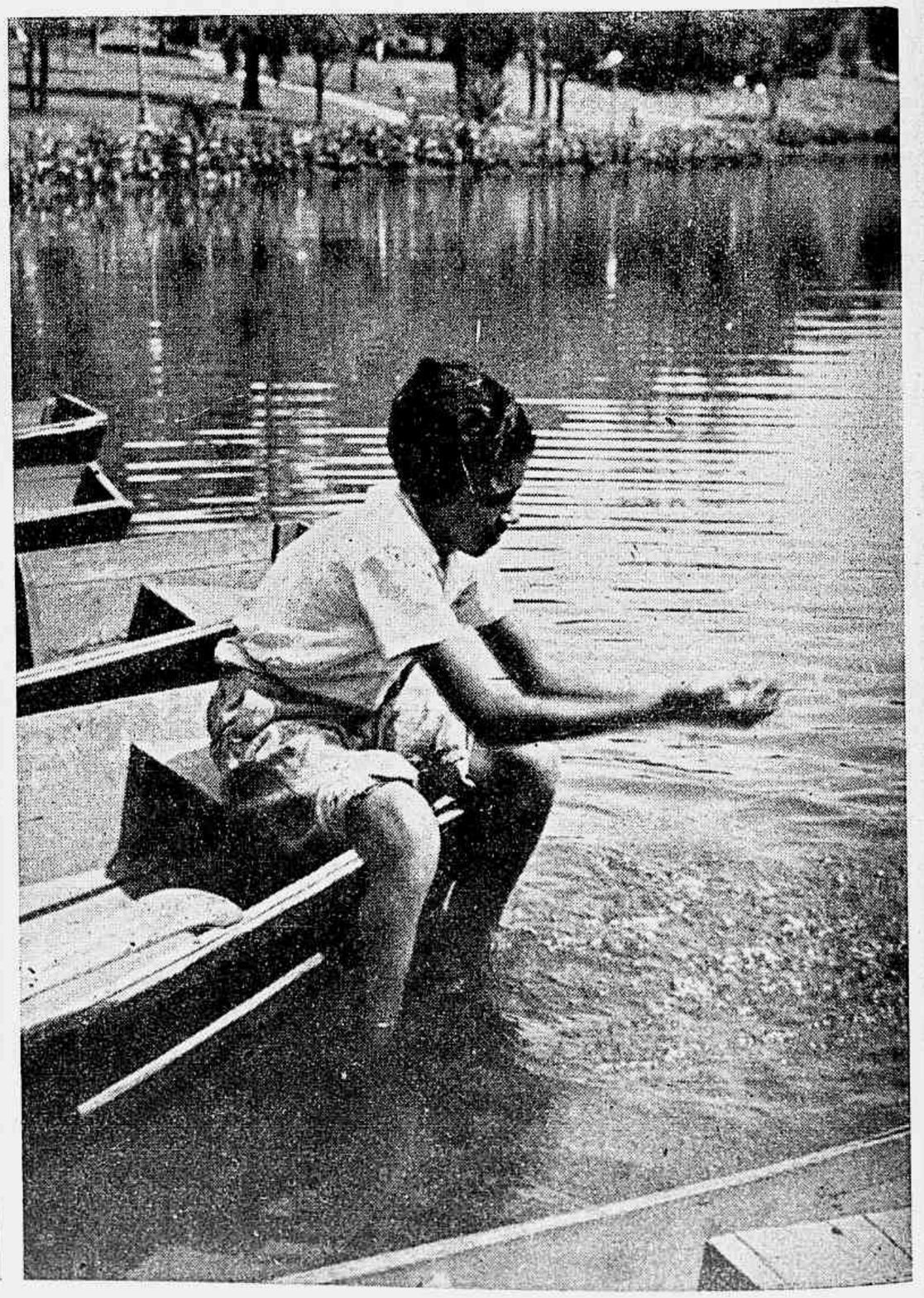
Nesse andar (deve-se lembrar de que já existem cidades onde 90 por cento da população está doente), um denominador comum — a esquistosomose — dará a medida de todos os descasos.

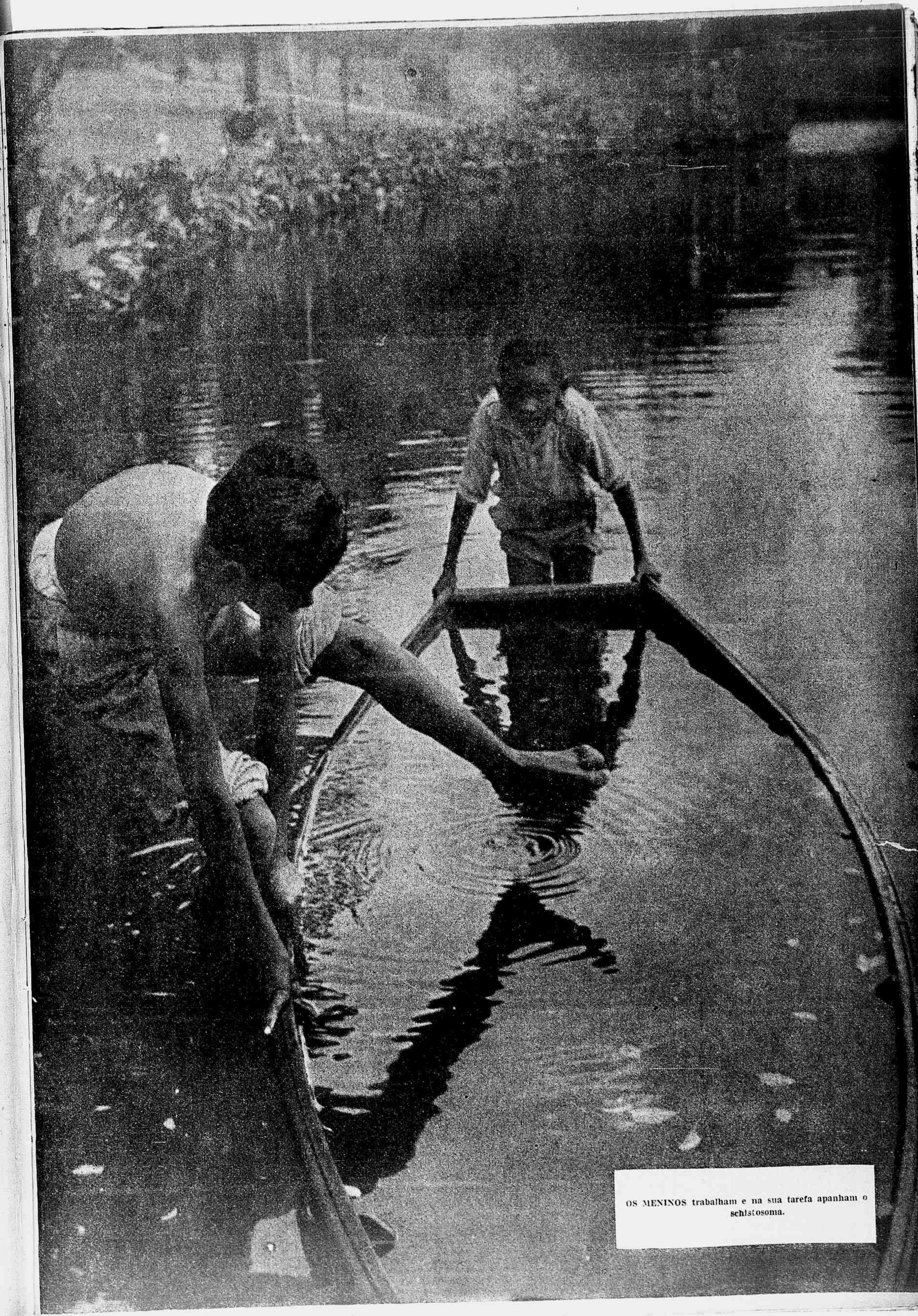
O PERIGO DOS BANHOS...

O homem, o verme e a água. Nas veias intestinais do primeiro vive o segundo, o schistosoma Mansoni. Na água, vive o caramujo, que é o hospedeiro. Através das féses, o ovo do verme cai nágua. Aí rebenta e, de den-

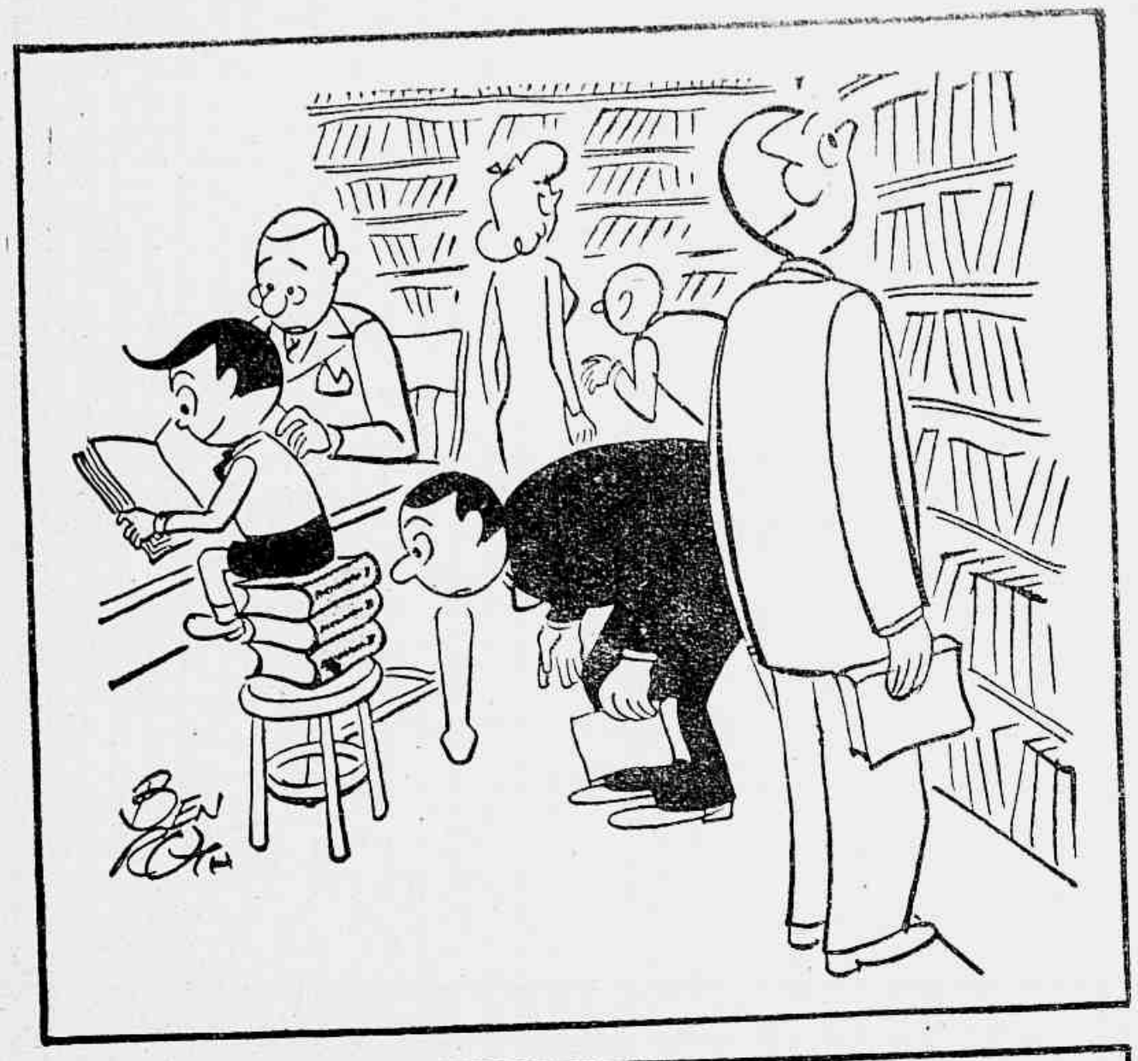
(Cont. na pág. 50)

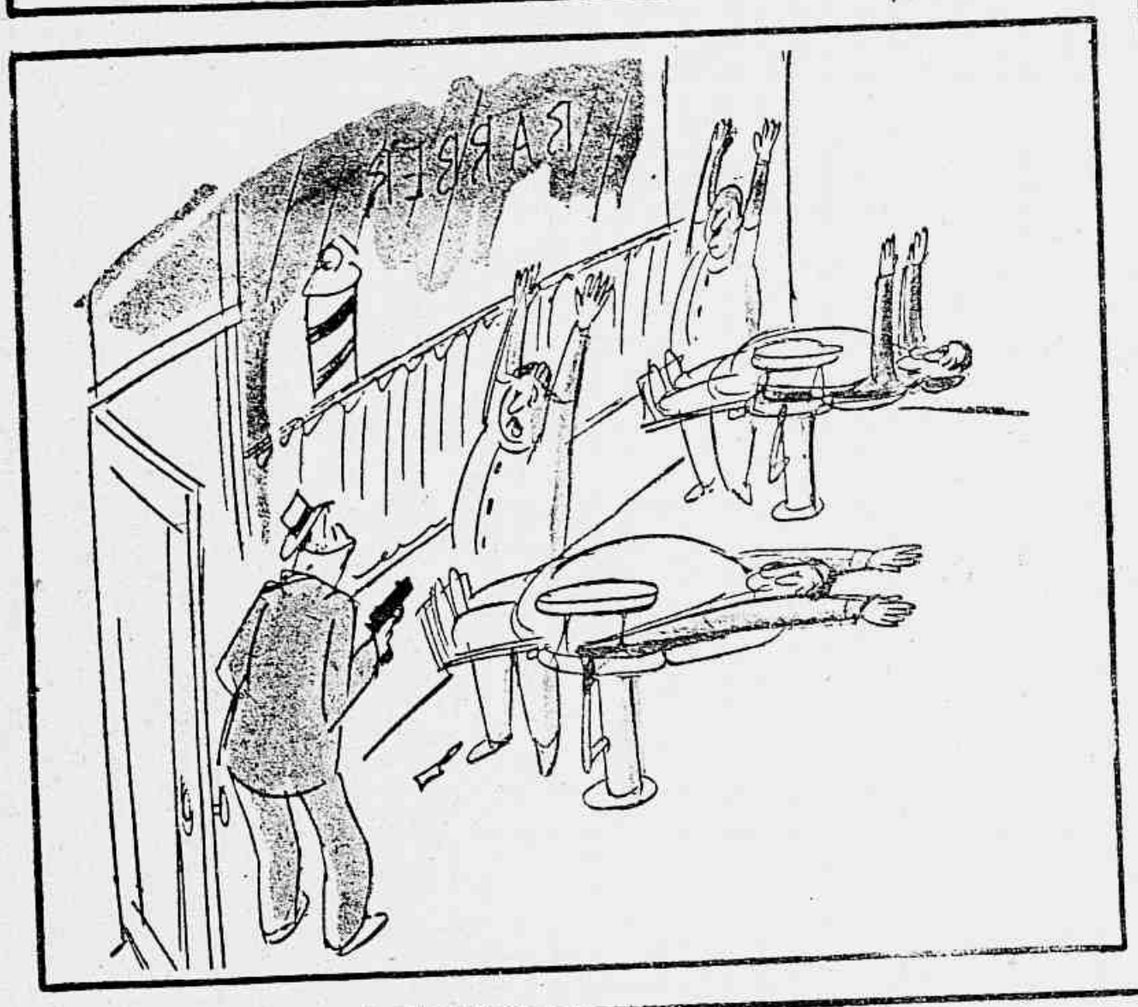
A esquerda: NO PARQUE MUNICIPAL a morte está de tocaia, no meio dessas maravilhas. A direita: O MENINO BRINCA com a morte no Parque Municipal, onde o prefeito instalou uma escola para filhos de operários.

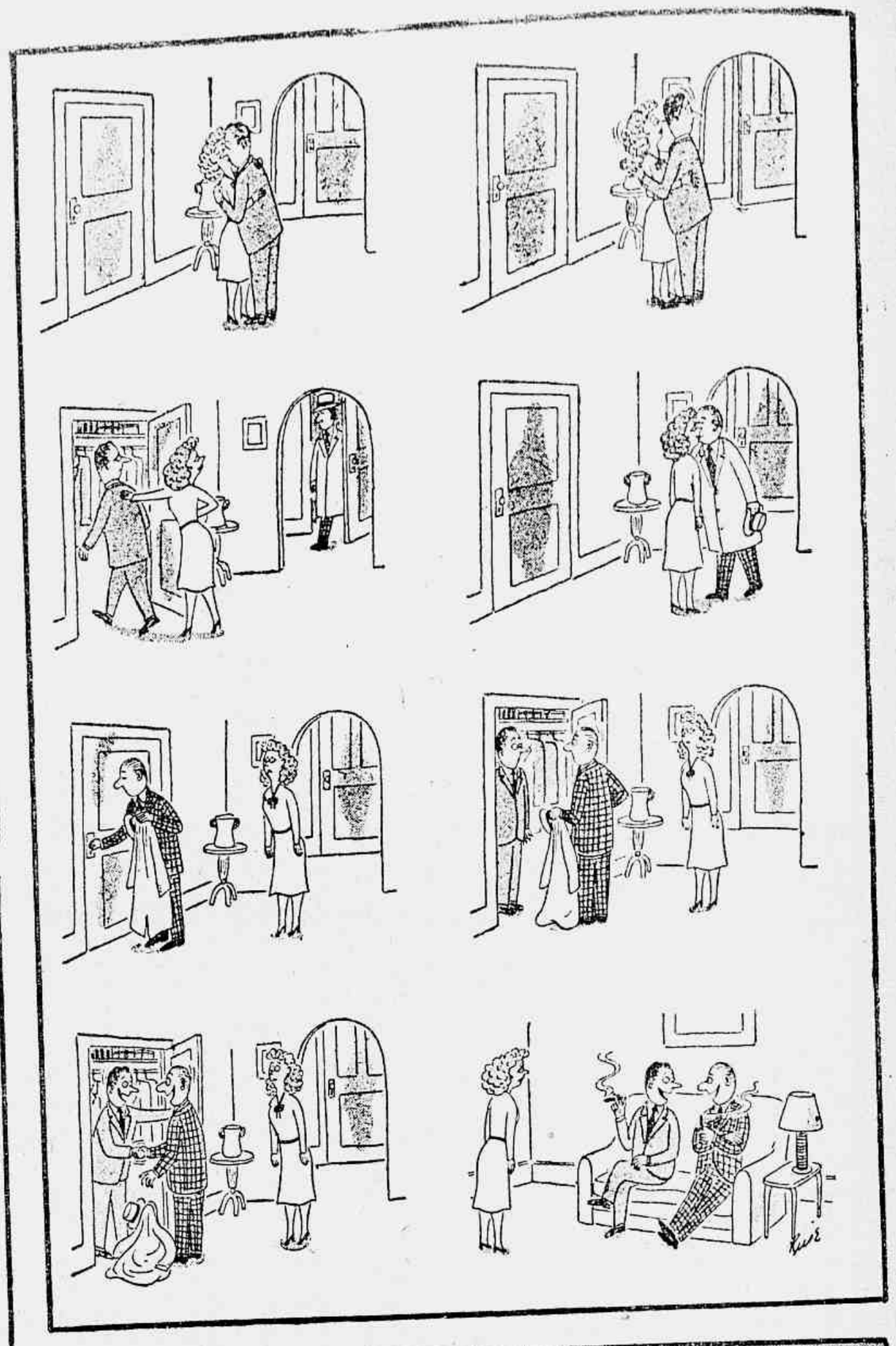




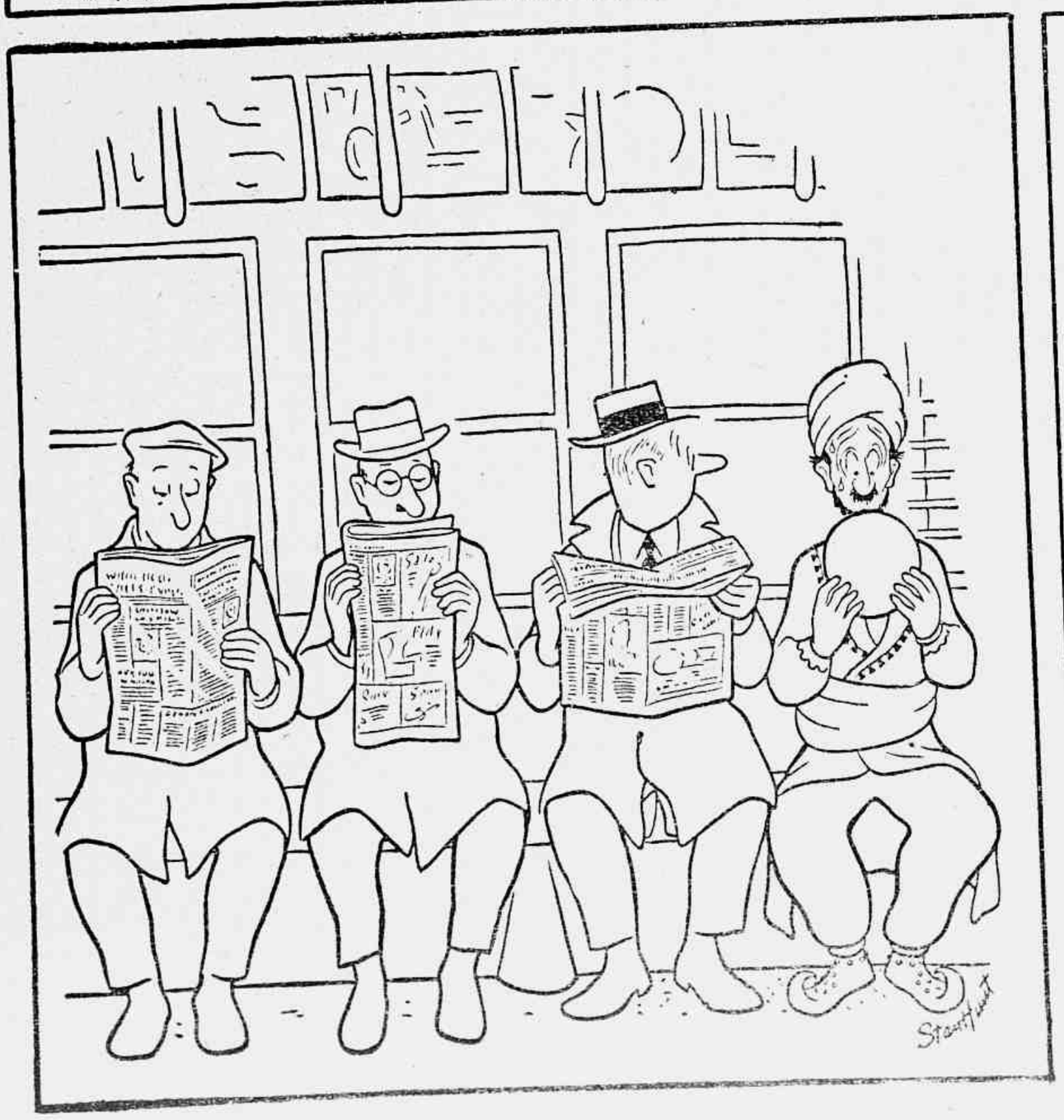
OS MENINOS trabalham e na sua tarefa apanham o schistosoma.







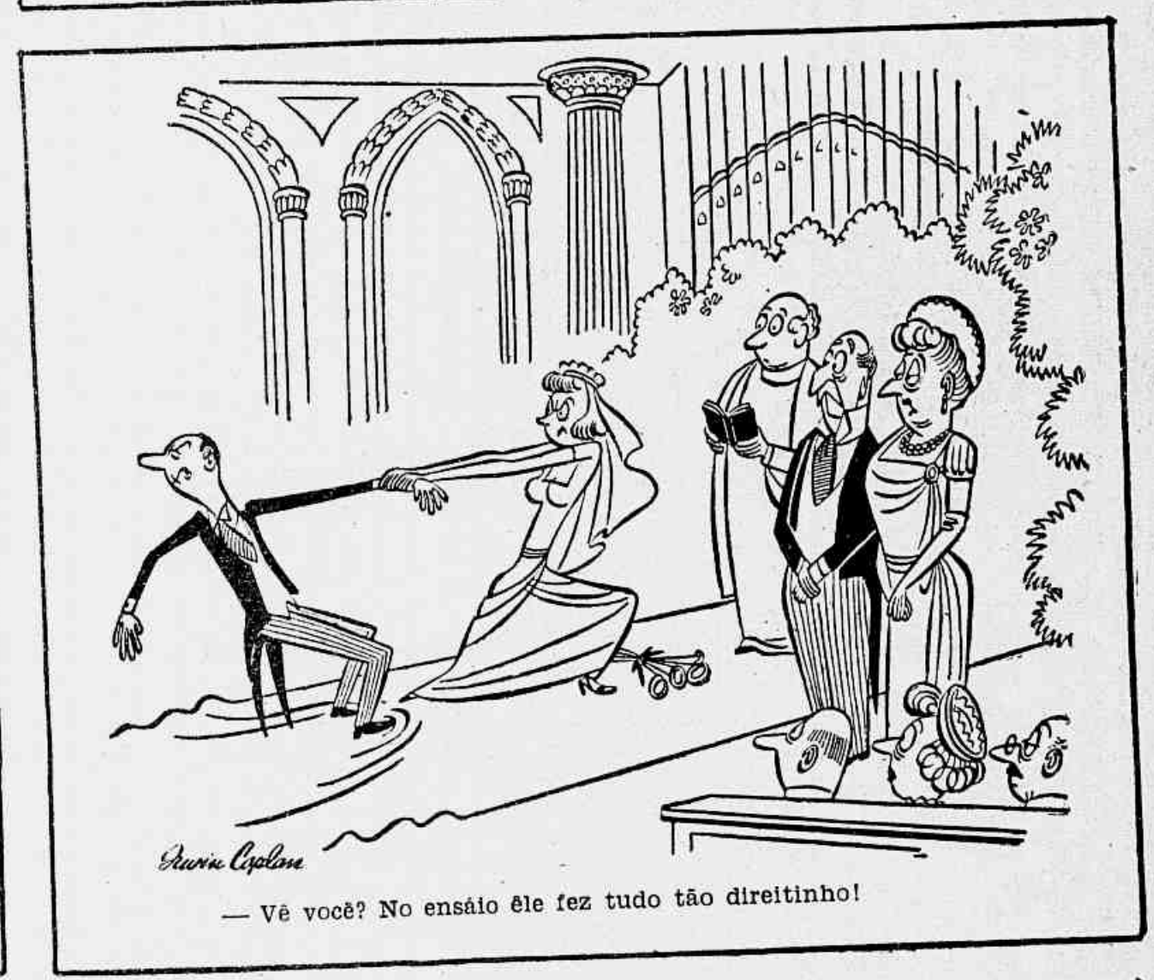
BOM HUMOR



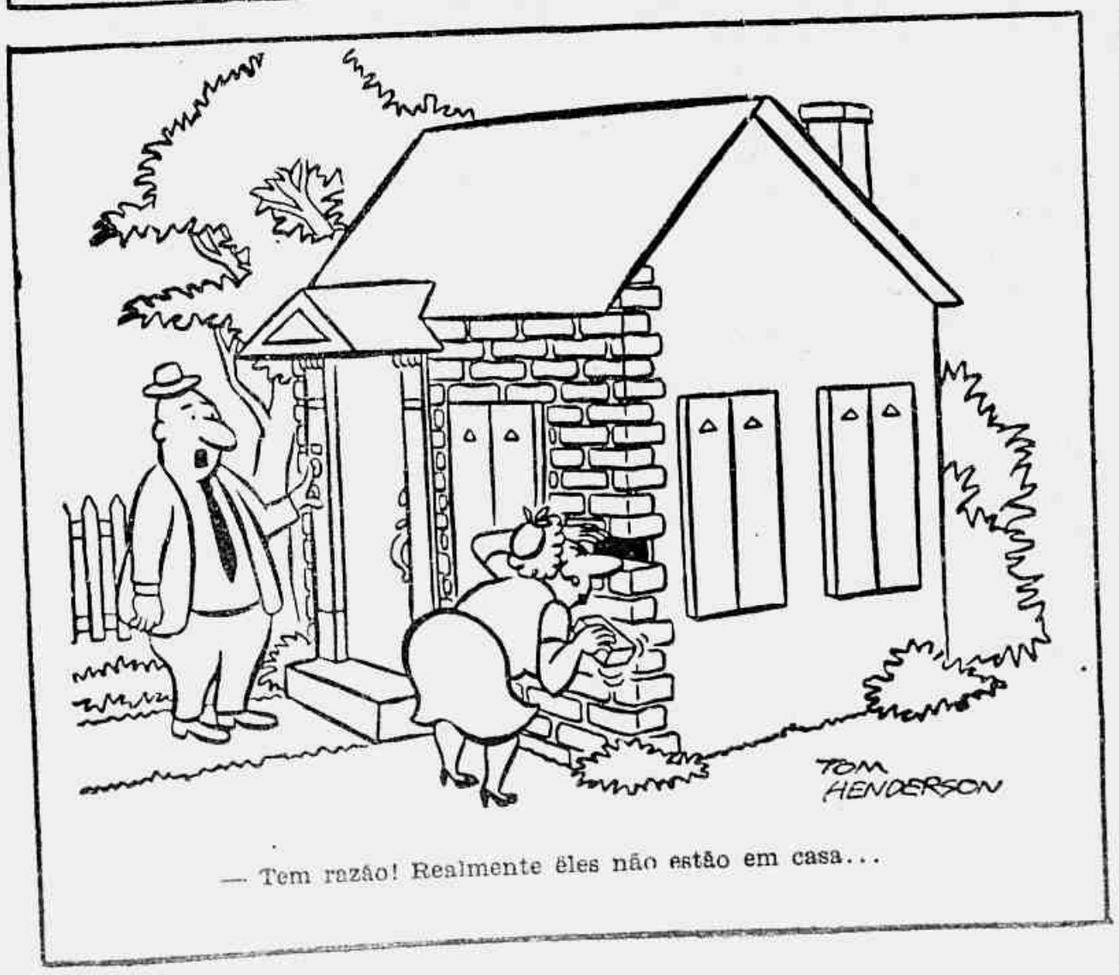
— Mas Margarida! Você deixou outra vez a porta da rua aberta, mulher?

— Ele vive apenas para os seus netinhos...

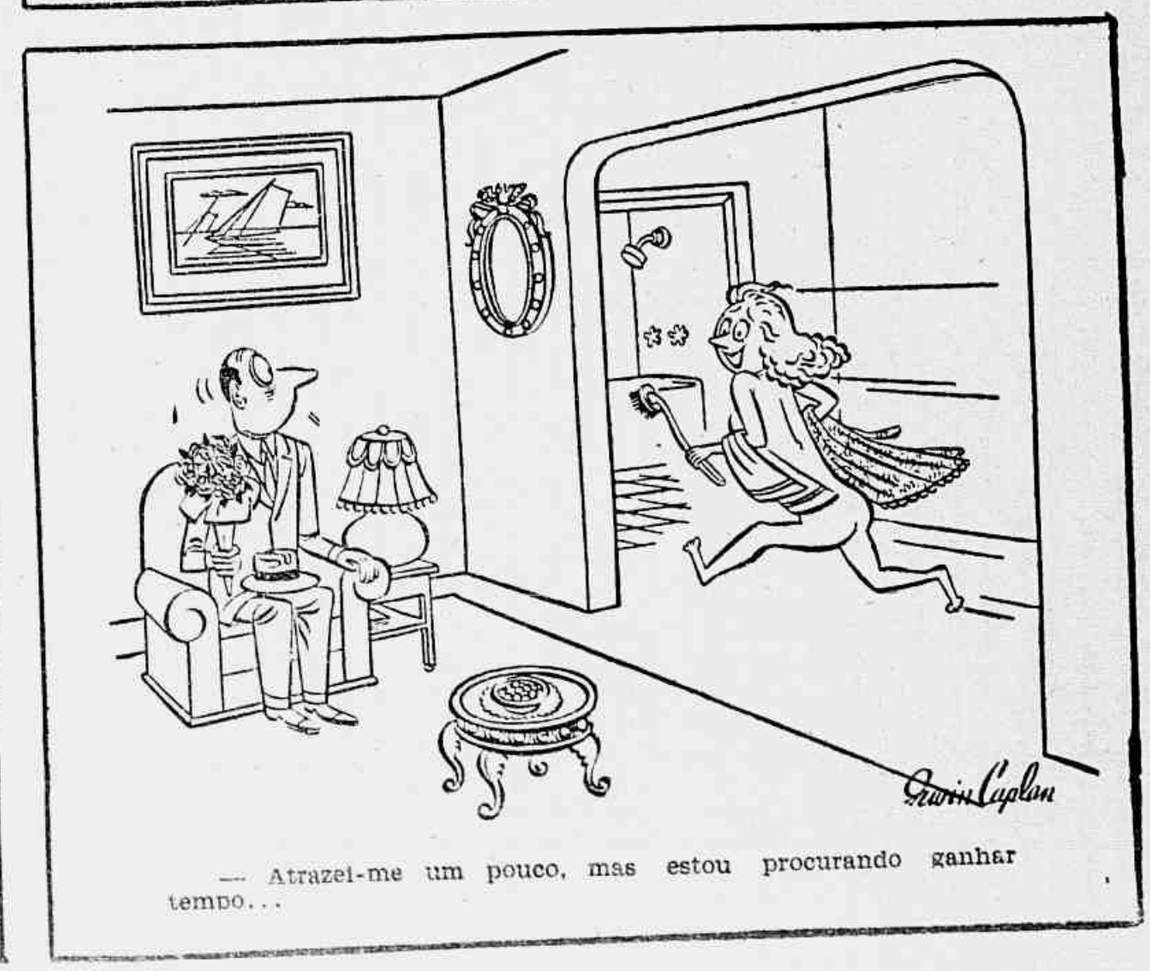
— Acorda! Fiz panquecas para o almôço!



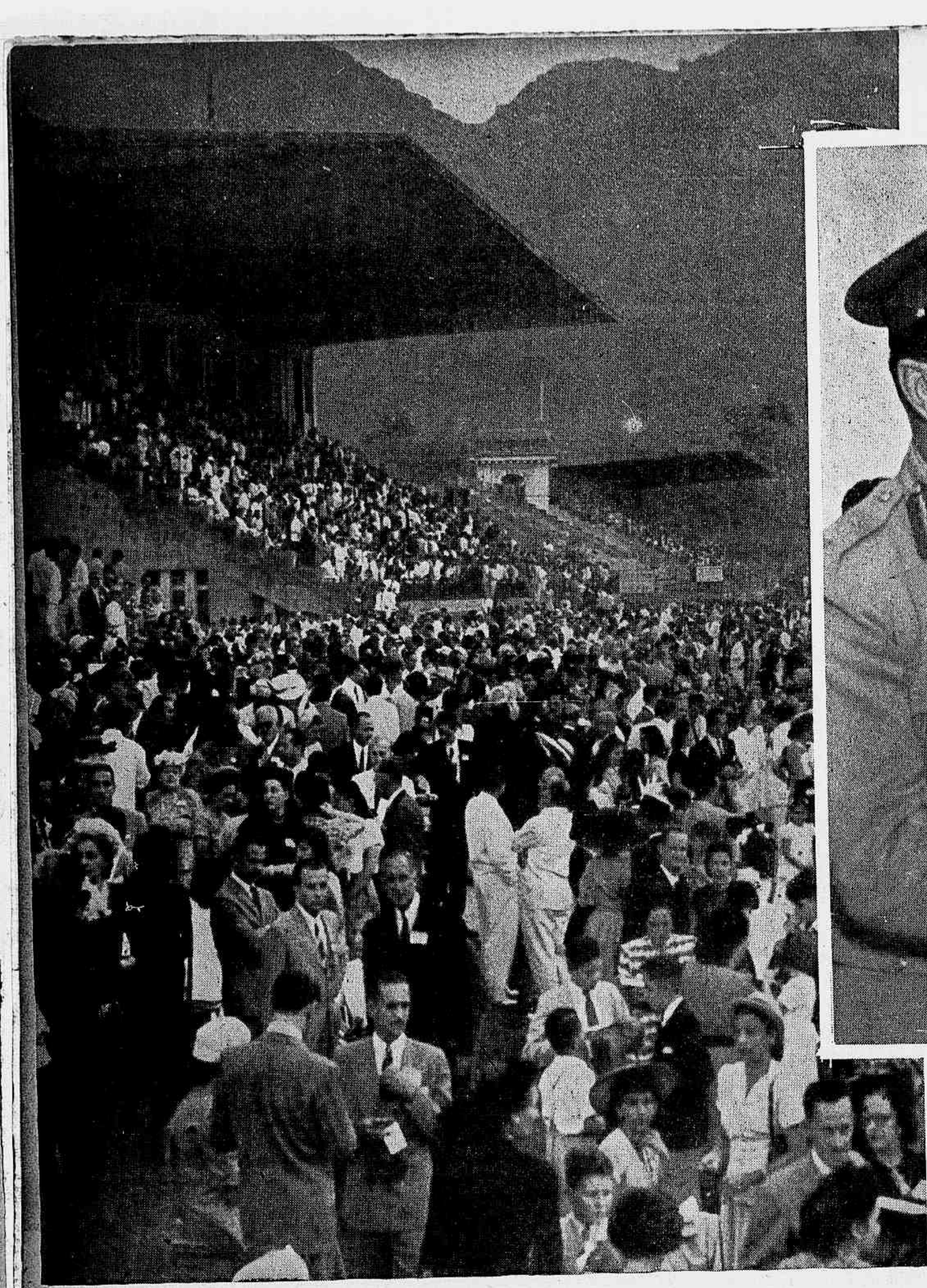
— Vê você? No ensáio êle fez tudo tão direitinho!



— Tem razão! Realmente êles não estão em casa...



— Atrazei-me um pouco, mas estou procurando ganhar tempo...



OS VISCONDES DE TUNIS NO HIPÓDROMO BRASILEIRO

AO ALTO — À esquerda, aspecto da "pelouse" e arquibancadas. À direita, os cumprimen tos do sr. João Borges Filho ao Marechal Alexander, à sua chegada ao Hipódromo. EM BAIXO — Na tribuna oficial, o Governador do Canadá, a Viscondessa de Tunis, o Presiden te Eurico Dutra, cercados de damas e senhoritas da nossa sociedade.

As recepções oferecidas pelo aristocrático Jockey Club Brasileiro às grandes figuras que nos visitam, já se tornaram em uma das mais belas tradições da nossa hospitalidade. As tardes de gala do Hipódromo famoso repetem-se sempre que um hóspede ilustre aqui aporta. A recepção oferecida ao Governador Geral do Canadá e à sua espôsa, a Viscondessa de Tunis, no domingo 13, reviveu no magnífico prado da Gávea o esplendor dos seus maiores dias. Uma tarde maravilhosa dêsse curioso inverno carioca emoldurou o panorama onde se desenrolou a linda festa, durante a qual o antigo comandante supremo dos nossos pracinhas recebeu o caloroso aplauso do povo brasileiro. Estas páginas refletem a magnificência do "meeting" dedicado pelo Jockey Club aos Viscondes de Tunis, na sua recente visita ao nosso país.

AO ALTO — À esquerda, o presidente do Jockey Club e o Marechal Alexander. À direita, a Viscondessa de Tunis, acompanhada de damas brasileiras, chega ao prado, vendo-se o senador Nereu Ramos e o sr. Manuel Pereira de Araujo Freitas, diretor do Jockey. EM BAIXO — Alexander, Dutra e João Borges dirigem-se para a tribuna de honra.

PARA RAPTAR NAPOLEÃO DE SANTA HELENA

Por **VIRIATO CORRÊA** (DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS)

(ESPECIAL PARA **REVISTA DA SEMANA**)

Napoleão Bonaparte.

TERIA realmente havido no Brasil uma conjuração para raptar Napoleão Bonaparte do presídio de Santa Helena?

E entre os elementos prestigiosos dessa conspiração encontrava-se a figura de Antônio Carlos?

Até hoje não se pôde ainda dar, com segurança, nenhuma resposta afirmativa.

Quando, em 1815, se deu o desastre de Waterloo, a figura de Napoleão enchia o mundo. A humilhação que a Inglaterra impôs ao maior guerreiro moderno deixou emocionado o coração do povo civilizado. O imperador dos franceses era um déspota simpático: a humanidade vivia encantada pelo fragor e pelo brilho de suas vitórias.

E ao vê-lo no rochedo africano de Santa Helena, não como o dominador de exércitos e sim como prisioneiro, o mundo, compungido, teve, por mais sediça que seja a imagem, a imagem exata de uma águia metida numa gaiola. E o que se dizia dos rigores da prisão na ilha longínqua, dos sofrimentos impostos ao prisioneiro, da vida melancólica que êle arrastava no triste rochedo soprado pelos ventos mornos do Equador, dava ao vencido de Waterloo o prestígio romanesco que nenhum outro guerreiro tivera em toda a história. De todos os cantos do mundo chegavam a Santa Helena manifestações de simpatia e de ternura pelo grande desterrado. E não houve talvez um cantinho civilizado da terra que não tivesse um grupo de homens a pensar na possibilidade de arrancar Napoleão das muralhas da ilha remota.

O Brasil seguiu o ritmo universal. Aqui também se devia ter armado planos para raptar o prisioneiro famoso. A incerteza continua de pé, embora haja indícios de que não deixaram de existir os planos.

Que planos foram êsses?

Conta-nos Pereira da Costa que nos arquivos franceses, com data de 29 de julho de 1817, há um relatório narrando que José Bonaparte, irmão do imperador destronado, está naquele ano em plena atividade, organizando uma expedição para ir a Santa Helena raptar Napoleão.

O relatório é minudente. Afirma que o comandante da expedição é um certo general Ravul. E mais: que se está em negociações para comprar uma escuna de 300 toneladas, armada de canhões e com apareinagem própria para fabricar balas incandescentes.

Havia, naquela época, nos Estados Unidos, cêrca de dez mil bonapartistas que roíam em solo americano o duro pão do exílio. E era justamente na terra liberal de Washington que se faziam mais acesas as conspirações em favor da liberdade do ex-imperador dos franceses. Os oficiais da tal escuna que se estava cuidando de comprar, já estavam contratados nos Estados Unidos e iriam de Filadélfia para Nova York a fim de se reunirem em Anápolis, onde se encontrava o conde Adolfo Pontecoulant, um dos chefes conspiradores.

Informa ainda o relatório que o coronel Latapie já estava em caminho de Pernambuco com trinta homens. Em caminho de Pernambuco, porque o ponto de reunião dos expedicionários de José Bonaparte era a ilha Fernando de Noronha.

Na ilha Fernando de Noronha, diz textualmente o documento, "devem reunir-se os oficiais franceses de Bonaparte, em número de oitenta aproximadamente, setecentos oficiais americanos, duas escunas e um navio armado por Lord Cochrane e tendo ao seu bordo oitocentos marinheiros e duzentos ou trezentos oficiais. Essas fôrças reunidas devem marchar sôbre Santa Helena, acometer o navio inglês que cruze nas adjacências, incendiá-lo e operar em seguida três ataques, etc.".

Os expedicionários do rapto de Napoleão não iriam escolher a ilha Fernando de Noronha para as suas atividades se não tivessem assegurada a cumplicidade ou a simples boa vontade do govêrno brasileiro.

Mas quem governava o Brasil naquela época era D. João VI, o pobre monarca que atravessou o Atlântico a todo o pano, fugindo das hostes napoleônicas que invadiram Portugal. D. João só podia ser hostil a qualquer plano que tivesse por fim libertar o invasor **do seu país.**

Como se explica que Fernando de Noronha fosse o ponto escolhido pelos bonapartistas para as suas reuniões conspiratórias?

E' que, em 1817, havia rebentado em Pernambuco a revolução separatista e republicana que a história conhece pela denominação daquele ano. Logo que a revolução dominou as fôrças legais, o govêrno provisório enviou aos Estados Unidos Antônio Gonçalves da Cruz, por alcunha o "Cabugá". "Cabugá" levou duas missões: conseguir que a América do Norte reconhecesse a nova república e comprar navios e armá-los para a guerra que os revolucionários sustentavam contra o govêrno de D. João VI.

A situação geográfica do Brasil e particularmente a de Pernambuco era de imensa utilidade para os planos dos que tramavam o rapto de Napoleão. A chegada de "Cabugá" aos Estados Unidos foi para os bonapartistas um presente do céu. E entre o enviado dos republicanos de Pernambuco e os partidários do prisioneiro de Santa Helena, imediatamente se estabeleceram relações amistosas.

Ao que parece os encarregados da expedição bonapartista acharam que era ocasião oportuna para meter mãos à obra. Mais de um navio partiu dos Estados Unidos em rumo do nosso país para tentar ou para estudar as possibilidades do rapto, mas, quando chegaram às nossas águas, nada puderam fazer porque a desafortunada república dirigida por Domingos José Martins já havia sucumbido ao pêso das armas do govêrno de D. João VI.

Um dos navios foi o "Parangon", que trazia a bandeira americana.

No "Parangon" vinham o conde Adolfo Pontecoulant, de que falava o relatório citado acima; o coronel Latapie, que o mesmo relatório afirma ter partido para Pernambuco com trinta homens.

Justamente por ocasião da passagem do "Parangon" o govêrno de D. João VI fazia em Pernambuco o inquérito da revolução malograda. Nesses momentos os governos costumam ver culpados em toda a gente. Os passageiros do "Parangon" foram presos e levados à presença do governador legal de Pernambuco.

Afirma-se que o coronel Latapie, diante das autoridades brasileiras, confessou lealmente que a sua passagem pelo Brasil prendia-se ao plano de evasão de Napoleão Bonaparte.

E as atividades de Antônio Carlos? Não se conhece, por enquanto, documento algum que as afirme.

E' possível que amanhã elas possam ser provadas. Naquela época Antônio Carlos estava em plena flama do seu espírito liberal. Era êle um dos chefes da revolução de 1817, e um movimento em prol da evasão do prisioneiro de Santa Helena devia ter forçosamente a sua simpatia, se é que não tinha a sua colaboração ardente de moço.

A morte de Napoleão, em Santa Helena.

HOMENAGEM A JOÃO LUSO

A RECEPÇÃO DO CASAL CARLOS SILVA ARAUJO EM HONRA DO ILUSTRE ACADÊMICO

FIGURA de relêvo do nosso mundo literário, o escritor Armando Erse (João Luso), nosso ilustre companheiro de trabalho, membro da Academia Brasileira de Letras e redator do "Jornal do Comércio", recebeu a 12 do corrente, dia do seu aniversário natalício, carinhosa e expressiva homenagem. Em recepção dada em honra do aniversariante e de sua excelentíssima espôsa, o casal Carlos da Silva Araujo reuniu no palacete de sua residência, na Urca, figuras do maior relêvo em nossos círculos sociais, literários e artísticos.

Esteve presente a poetisa e declamadora Margarida Lopes de Almeida, que deliciou os presentes com a interpretação de várias poesias de grandes vultos das nossas letras. Dessa encantadora reunião são os flagrantes que ilustram esta página.

A VIDA DE BOCCACCIO

(1313 — 1375)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

CHAMAVAM-NO "Giovanni o Tranquilo" devido à sua capacidade de manter o bom humor diante da desgraça. E êle foi agraciado com o condão de contagiar a todos com sua alegria. Encontrando-se numa sociedade de mulheres aborrecidas mortalmente com a monotonia da vida, entregou-se à tarefa de distraí-las. E descobriu que nada no mundo era mais divertido que uma boa história de amor. Notou que a maior alegria da mulher era brincar com as chamas da paixão. Mas, se uma mulher tinha medo de queimar os dedos, sentia grande alegria em ler sôbre outras que haviam brincado com as chamas. Êste "amor por procuração" produzia — observou êle — quase todas as sensações da realidade, porém não apresentava nenhum dos seus perigos. "O que as mais temerárias dentre as mulheres fazem, suas irmãs menos temerárias gostam de imaginar que estão fazendo". E assim, em seu esfôrço para alimentar a imaginação de suas irmãs menos afoitas, Boccaccio tornou-se o inventor do romance moderno.

Seus romances em miniatura são tão pitorescos, em sua infinita variedade como uma paisagem italiana. Noites de luar de francas gargalhadas, prados de serena beleza riachos de refrescante humor, súbitos cotovelos de estrada e revelações de inesperados esplendores, tempestades de ciumento ódio, nuvens velozes de momentânea tristeza e o sol da camaradagem fraternal e humana que abarca tudo — são êstes os elementos dos quais êle cria suas histórias. Seu mundo é um mundo bem desperto, banhado pela glória do sol do meio-dia. Uma paisagem medieval, plena de gordas e sanguíneas figuras — homens e mulheres que falam com tanta naturalidade e que amam tão sensualmente que ainda os podemos ver, ouvir e saborear através dos seculos que separam o seu do nosso mundo. Boccaccio reproduziu a vida com tanta fidelidade que certa vez um crítico comentou, referindo-se a êle: "Quando Deus criou Giovanni, duplicou a criação".

II

Giovanni Boccaccio, filho natural de um negociante florentino, nasceu na éra religiosa de Dante (1313). Educado no misticismo da igreja, logo o abandonou pelo realismo da vida. Sua formação intelectual foi perfunctória. Travou conhecimento com os clássicos e, antes que o pudesse aprofundar, foi colocado como aprendiz aos 10 anos de idade na casa de um negociante parisiense. Poucos anos mais tarde tornou-se viajante comercial a serviço de seu pai. Tinha, porém, um insaciável amor à leitura e uma profunda falta de inclinação pela profissão de caixeiro-viajante. "O trastezinho compra mais livros do que vende mercadorias", queixava-se seu pai. Estudioso por instinto, Boccaccio adquiriu uma cultura literária superior à da maioria dos doutores da época. E familiarizou-se tanto com a literatura quanto com a própria vida. Tornou-se igualmente eficiente em versejar e em amar. Gostava apaixonadamente da companhia dos livros e amava igualmente a companhia das mulheres. Quanto aos interêsses comerciais da família, dizia: "Que meu pai se encarregue disso: corre-lhe ouro nas veias; nas minhas corre sangue".

Desiludido de fazer do filho um comerciante, o velho Boccaccio resolveu transformá-lo em advogado. Mandou-o para a Universidade de Nápoles. Aí Giovanni aplicou-se diligentemente a tudo... menos ao estudo das leis. Recebia uma boa mesada do pai e travou íntimas relações com todos os frutos do conhecimento que não lhe eram familiares, especialmente com os frutos proibidos. Os jovens mais sérios do tempo estavam, sob a influência de Dante, mergulhando nos mistérios do inferno, do purgatório e do céu. Boccaccio ajuntou a êste currículo dos três mistérios divinos, um quarto (para êle o mais interessante porque o mais humano) o mistério da terra. Dante e Petrarca tinham dirigido a atenção do mundo para os amores espirituais de Beatriz e Laura. Boccaccio voltou os olhos e o coração para o amor material de Maria, a filha natural do rei Roberto da Sicília. Tinha êle vinte e oito anos de idade, quando se viu envolvido neste caso de amor. Maria era casada. Mas diante da virtude fácil do mundo de Boccaccio, um marido legal era apenas um obstáculo secundário para um amante ilegal. Deu-lhe o nome poético de **Fiammetta** (Chamazinha) e permitiu corajosamente que ela o aquecesse ao fogo roubado de sua afeição. Mas Boccaccio pagou-lhe regiamente seus obséquios. Escreveu um romance ao qual deu o seu nome e imortalizou-a como um dos personagens principais do **Decameron**.

Devoto do imediatismo, êle sentia contudo, como bom filho da época, profundo interêsse pelo futuro. Escreveu uma biografia de Dante. Mas o livro não fez nenhum sucesso. Boccaccio estava engolfado de mais na comédia humana para compreender a **Divina Comédia**, de Dante. Estava espiritualmente cego de mais para poder enxergar com nitidez a figura do homem que tentou descrever. Admirava a poesia de Dante, mas era indiferente à sua teologia. Em seu esfôrço para reproduzir o fogo da religião de Dante, conseguiu apenas levantar uma cortina de fumaça de nebuloso misticismo. Referiu-se à teologia como sendo "a poesia de Deus". Sendo, porém, cético quanto à existência de Deus, tinha também suas dúvidas quanto à realidade de sua poesia. **A Vida de Dante**, escrita por Boccaccio, fere uma nota de grande beleza na literatura italiana, mas uma nota pouco perceptível. E' uma tentativa de glorificação da crença medieval feita por um homem que, no fundo, era um incréu.

Após a **Vida de Dante**, Boccaccio fez várias outras experiências literárias... e continuou a ferir a nota pouco perceptível. O estilo literário em voga no seu tempo era pesado, artificial, cheio de ornamentos. Boccaccio, porém, era simples, sem afetação, sincero. Quando tentava dar-se ares de importância, como faziam seus contemporâneos, saía-se mal. A prosa pretensiosa e a poesia bombástica de seus dias soavam estranhas em sua bôca que gostava do riso. Escreveu um romance longo e erudito, intitulado **Filocolo**, que serpeia como um rio comprido e lento por entre barrancos de pesada argila. E' completamente destituido de qualquer atrativo. Boccaccio ainda não aprendera a escrever da maneira saudável e natural como falava. Era simples de mais para se envolver em complicações de fraseologia pedante, como esta "Sêres na aurora da vida que ofereceram as velas de seus espíritos inquietos aos ventos que sopram das asas douradas e farfalhantes do jovem filho de Citereia". Tudo isso apenas para dizer "jovens apaixonados". Em **Filocolo** a noite jamais desce calmamente, sempre o faz com um soar de clarins e um chamejar do sol poente como "os árdegos cavalos de Apolo, cansados do esfôrço do dia, mergulham seus corpos escaldantes nas águas oceânicas do Ocidente". Os personagens desta história são monstruosidades que jamais nos falam numa voz natural, mas nos gritam através dum megafone. São incapazes de pedir um gole dágua sem antes fazer um discurso longo e floreado sôbre a sêde que sentem. A linguagem de Boccaccio é ainda campanuda e pouco maleável. Êle imita seus predecessores muito inferiores a êle, em vez de dar liberdade à sua própria inteligência. Prefere a canhestra expressão composta, grega ou latina, ao simples equivalente italiano. Em **Filocolo** — o protótipo ainda informe do romance moderno — Boccaccio revela-se um clássico erudito de primeira ordem mas um poeta romântico de segunda.

Contudo, **Filocolo**, apesar de toda a sua timidez, foi um sucesso comercial. O mundo estava maduro para a ficção. Boccaccio ferira uma nota desconhecida na literatura e o público gostara dela. Encorajado pela popularidade do seu romance em prosa, tentou outro em verso. Êsse livro, **Teseide**, poema épico modelado de um modo geral à imagem de **Eneida** de Virgilio, teve tanto êxito — e era tão sem vida — como **Filocolo**. Era um livro de heróis escrito por um homem que não acreditava em façanhas heróicas. A **Teseide** é um panorama magnífico, mas sem vida — um velho e brilhante espetáculo petrificado. Nele não há movimento nem vida. Possui todos os ingredientes de um bom poema, exceto a poesia. Lá está a habilidade literária, mas falta-lhe a faísca do entusiasmo.

Pouco a pouco, entretanto, Boccaccio aprendia a escrever com o coração ao mesmo tempo que com a cabeça. Seu livro seguinte, **Filostrato**, aproximou-se um pouco mais da vida do tempo de Boccaccio. Nele o autor conta a vida de Tróilo e Créssida; e aqui, pela primeira vez nos dá dois personagens que têm nomes antigos, mas espíritos modernos. Seu amor é uma paixão humana e terrena, despida de toda a retórica bombástica e de todo o misticismo doentio que petrificaram os sentimentos dos primeiros livros de Boccaccio. Agora o autor voltou de sua excursão pela literatura. Fixou-se no estudo da vida. Desviou seu olhar das estátuas de mármore para os sêres vivos — gente que êle conhece mais intimamente e que prefere às figuras inanimadas. Tendo tateado no escuro durante anos, Boccaccio está finalmente encontrando a si próprio. Aqui já começamos a ter rápidos vislumbres do alegre satirista, do filósofo bem humorado, que aprendeu a rir com os homens em vez de rir dos homens. Êle os golpeia com sua contundente inteligência. Depois, receoso de os ter machucado, acaricia-os com seu delicado humor. Ao dirigirmo-nos agora para a apreciação do gênio de Boccaccio, sentimos que com **Filostrato** já estamos mais próximos da terra firme. Já vemos, aqui e ali, flutuando sôbre o mar, algumas folhas vindas dos bosques mágicos de seu gênio em expansão. Ouvimos a voz do verdadeiro Boccaccio, o futuro criador do **Decameron**, falando-nos nesta apóstrofe ao amor: "Oh! Pensar-se que existam tristes avarentos que culpam os amantes e insistem em que é melhor ganhar dinheiro que amor! Que êles perguntem a si mesmos se as economias de toda uma vida lhes trouxeram mais prazer que um único momento de amor! Responderão que sim, mas não estarão dizendo a verdade. Rir-se-ão do amor e o chamarão de "dolorosa loucura". Mas, enquanto economizam suas moedas, deixam que se afaste deles a verdadeira essência da alegria. O dinheiro que têm poderá desaparecer em uma hora, mas o amor uma vez experimentado é uma alegria que dura a vida inteira. Que Deus leve os avarentos ao arrependimento, e que o dinheiro que amealharam miseravelmente seja repartido com os amantes".

O erudito Boccaccio transforma-se rapidamente em Giovanni, o poeta. Prepara-se para abandonar sua devoção a Apolo, o deus da cultura, e para adotar a religião de Vênus, a deusa do amor. Em seu livro seguinte, **Amorosa Visione**, vemos mais um passo nessa direção. Êste livro, embora inspirado pelo poema de Dante, representa um afastamento sensível do "espêlho abstrato de um céu visionário" do mestre. Ao contrário, é um espêlho muito concreto de uma terra realista. Dante eleva-se da carne para o espírito. Boccaccio desce do espírito para a carne. E nessa descida torna-se menos inteligivelmente sublime porém mais compreensivelmente humano. As mulheres do mundo de Boccaccio são mais interessantes porque são menos perfeitas que os anjos do paraíso de Dante. Enquanto os anjos de Dante despertam nossa admiração, as mulheres de Boccaccio provocam nossa compaixão. "Como são iguais à gente e, portanto, como são atraentes!". Boccaccio proclama um novo evangelho — o do amor humano. "O amor deixou de ser um pecado, agora é uma alegria".

Boccaccio aprende a pintar "o eterno feminino" em todo o seu encanto sem propósito definido e pecaminoso. Dispersa o halo de cavalheirismo sentimental que circundava as mulheres de sua geração e revela-nos não apenas as palavras inocentes que lhes caem dos lábios mas também os pensamentos que passam por seus cérebros e que não são tão inocentes assim. No soneto que transcreve-

(Continua na pág. 54)

GIOVANNI BOCCACCIO

O Vaso de Soissons

Conto de **PAUL REBOUX** Ilustração de **O. MATTOS**

CONHECEIS a história do Vaso de Soissons? A história é clássica. Encontra-se na maior parte das coleções de anedotas. Se a esquecestes, tomo a liberdade de recordá-la.

★

Dia de inspeção na escola. A professora pôs a sua luneta de domingo, com cabo de prata. Os alunos envergaram suas melhores roupas para celebrar essa data comovente. Todas as meninas estão presentes, atentas, recolhidas, com o coração batendo.

O senhor inspetor que conheceu os felizes tempos em que se honravam as letras; o senhor inspetor que deplora o espírito moderno e os progressos feitos pela ignorância à medida que o número de iletrados diminui; o senhor inspetor interroga essas mocinhas.

— Minha filha, diz êle, olhando por cima dos óculos. Podeis dizer quem quebrou o vaso de Soissons?

Nesse ponto, o inspetor, apoiando-se ao encôsto da cadeira, espera a narração de Clóvis, e a frase tradicional: "Lembra-te do vaso de Soissons!".

A menina cobriu-se de rubor. Com a garganta apertada, os olhos cheios de lágrimas, balbucia:

— Não fui eu, senhor... Juro-vos que não fui eu...

O senhor inspetor ergueu os óculos sôbre a testa e olhou para a menina. Mas, condescendente, faz outra pergunta e não insiste

— Ficou satisfeito, senhor inspetor? perguntou a diretora depois do exame.

A pobre senhora estava bastante perturbada. Do parecer do inspetor talvez dependa que certa fita côr de violeta (condecoração do Ministério da Instrução Pública em França), que decora com modéstia um peito exíguo e modesto também, se transforme — quem sabe? — em roseta da Legião de Honra.

— Estou satisfeito, em princípio; todavia, fiz a uma de vossas discípulas a seguinte pergunta: "Quem quebrou o vaso de Soissons?". E ela me respondeu: "Não fui eu".

— Que aluna? pergunta a professora, tomada de súbita angústia e perdendo a cabeça.

— Uma pequena loura... Henriette Dupin, se não me engano...

— Henriette Dupin? exclamou a professora com a mão no peito, para atestar a sua boa fé. Oh! senhor! é uma menina de conduta irrepreensível e que nunca proferiu uma mentira... Se respondeu que não foi ela, podeis dar-lhe crédito.

De tarde, o inspetor jantava na sub-prefeitura. Estavam ali o coronel da guarnição e diversos funcionários da pequena cidade.

Êle relatou a anedota, mas não obteve o efeito desejado.

O prefeito, fino psicólogo, declarou:

— Afinal de contas, é bastante desagradável para a escola. Se essas meninas começam a desconfiar umas das outras, resultará daí um mal-estar prejudicial ao desenvolvimento dos espíritos jovens.

A senhora prefeita, boa dona de casa, observou:

— A professora tem sua parte de responsabilidade. Quando um vaso é precioso, não se deve deixá-lo ao alcance das meninas.

Quanto ao coronel, eriçou o bigode branco e resmungou:

— Se fosse eu, teria ordenado um inquérito muito sério. Com êsse método de condescendência a disciplina se relaxa.

O inspetor, cada vez mais preocupado, voltou a Paris. Prestou contas de sua missão ao chefe de serviço.

Êsse alto funcionário tomou um ar inquieto ao saber da história do vaso.

— Há realmente um desperdício abusivo de material escolar... Rogo-vos fazer-me um relatório precioso, com os nomes... Uma punição impõe-se. Farei uma comunicação ao ministro...

Oito dias depois, o inspetor foi convocado pelo ministro. Êste era um homem polido e conciliador, que evitava alarmar seus amigos políticos tomando uma decisão.

— Toda essa história é aborrecida, declarou êle. Vosso relatório está aqui. Não o li ainda

(Cont. na pág. 5

Iniquidade

Conto de **MIGUEL DE UNAMUNO** ★ Ilustração de **ARMANDO PACHECO**

JUAN pertencia à família Pérez, rica e liberal desde os tempos de Alvarez Mendizábal. Desde menino tinha ouvido falar dos carlistas com animosidade mal contida. Imaginava que fossem bichos raros, e fazia deles uma idéia no gênero da que o vulgo tem a respeito do judeu: gente taciturna, de cara torcida e enfeitada com grandes barbas negras e revoltas, com largos jaquetões pretos, parca de palavras e tomadora de rapé, que se reunia de noite em caves húmidas, entre os sacos fantásticos de um armazém cheio de ratos, para tramar coisas horríveis.

Com os anos, êstes fantasmas mudaram de forma na sua imaginação, e idealizou-os então como gente manhosa que, durante a paz, prepara guerras em surdina, e que só se afreguesa das lojas dos correligionários.

Quando se fez homem dissiparam-se-lhe da mente estas disparatadas brumas matinais e viu neles gente de uma opinião sustentável, uma vez que é sustentada, fanáticos que, sob a capa da religião etc. E' escusado pôr aqui a ladainha de sandices salpicada de epítetos porcos que é de rigor entre anticarlistas.

Na família Pérez havia uma velha zanga contra a família carlista dos López. Um Pérez e um López tinham sido, em certa altura, consócios; houve entre êles algo daquilo cuja recordação se grava para sempre nas famílias; êste algo engendrou intrigas, e a sucessão continuada de pequenas ofensas diárias, saudações negadas, murmurações, miradas provocadoras, mexericos, acabou por degenerar num ódio duro.

A família dos Pérez, ainda que liberal era tão piedosa como a família dos López. Ouviam missa todos os dias, comungavam todos os mêses, eram membros de várias congregações, usavam escapulários. Eram irrepreensíveis.

O nosso Juan Pérez tinha-se alimentado com êstes sentimentos, aos quais juntava alguma instrução, nem muita, nem muito variada. A sua maior paixão eram as matemáticas.

Estavam as coisas neste pé quando começou a correr mundo aquêle parvíssimo aforismo de que "o liberalismo é pecado", frase portentosa. Pecado! A escolha desta palavra é uma obra prima, pois qualquer outra que se empregasse: êrro, heresia, impiedade, crime, a afirmar mais, ou menos, ou dava no alvo ou passava por cima dele.

O nosso Pérez tomou isto como coisa de pouca monta: como um árdil indigno saído das caves húmidas onde se reuniam os fantasmas de jaquetão. Um artigo que o acaso lhe trouxe às mãos abriu-lhe o apetite. Leu o áureo livro do eximio Sardá, apaixonou-se pelos artigos do *Hermano Mayor*, pelas *Cartas del Martillo* de protestantes e liberais, e começou a preocupar-se com essa doutrina nefanda que, sob o nome de liberalismo, infiltra na sociedade, como veneno, os seus miasmas deletérios. O nefando e o deletério sôbre tudo, provocavam-lhe palpitações no peito.

Estudou a luta entre mestiços e puros, e sabia de fio a pavio as decisões do Index e as viagens de D. Celestino. Dedicou-se a ler os periódicos puros e, com gôzo próprio de espírito anêmico, devorava artigos imensos sempre sôbre o mesmo assunto, sempre no mesmo estílo e com os epítetos consagrados para sempre. Aguçou o espírito em argúcias imperceptíveis, nos jogos malabares de distinçõesinhas, e nos pequenos logogrifos de conceitos.

Nesta altura chegou a encíclica *Libertas* e, com ela, as briosas pregações contra êsse conjunto de tôdas as heresias, e a campanha contra os liberais, imitadores de Lucífer, dos quais é aquêle brado: "Não servirei!"

Muitas vêzes, ao anoitecer, ficava sentado num banco da igreja, a meditar. Pouco a pouco as suas idéias perdiam os contornos, até se converterem numa nuvem e, então, ao ouvir o relógio a dar as nove, sala do sossêgo do templo para o bulício da rua.

Começou a sentir uma inquietação na alma. Uma noite em que voltava do sermão para casa, zumbia-lhe na cabeça o famoso aforismo. Não podia conceber como pudesse êle ser mais pecador do que um adúltero ou do que um assassino; e no entanto a coisa estava bem clara, porque pecar contra a fé, diretamente contra Deus, não lhe dando crédito, é pior do que pecar por carambola; a soberba é mais satânica do que a ira ou a luxúria. Naquela noite não poude pregar ôlho: suando, deu mil voltas na cama; levantou-se para beber água no jarro do lavatório, fechou os olhos com fôrça propondo-se contar até 150; nem assim; nada: sempre o aforismo a bailar num fundo escuro. Assim teria passado tôda a noite se, por volta das quatro, com a fadiga que venceu a insônia, não lhe tivesse iluminado a mente esta de paz: salvo nos casos de ignorância ou boa-fé. Adormeceu a pensar: Deus me perdoará, porque não sei o que penso.

Juan Pérez recobrou uma calma aparente, considerando-se como um caso de ignorância ou de boa-fé.

Mas... vejamos: a ignorância corrigível, não é pecado? Começou a rebuscar na alma se era êle caso de ignorân[illegible] lo uma argúcia do inimigo mau. Anda que não anda, voltaram-lhe as insônias.

E assim estava o pobre. Voltou a ler o áureo livro do eximio Sardá, a encíclica *Libertas*, e começou a estudar o que os mestres entendem por liberalismo nos seus vários graus ou matizes, e por liberais, imitadores etc. Uma tarde, na hora em que se deita o Sol na sua cama de ouro, quando voltava Juan Pérez de passear pela estrada, mordiscando um ramo de amoreira, ocorreu-lhe interrogar-se: "Serei eu, por acaso, liberal, imitador etc.?" E descobriu sem assombro, como coisa olvidada de tão sabida, que nunca tinha sido liberal. Recuperou a calma: não era liberal mas também não era carlista. Corcunda como os López! Jamais! Os do jaquetão! Por baixo das suas idéias jaziam sempre os espectros da infância.

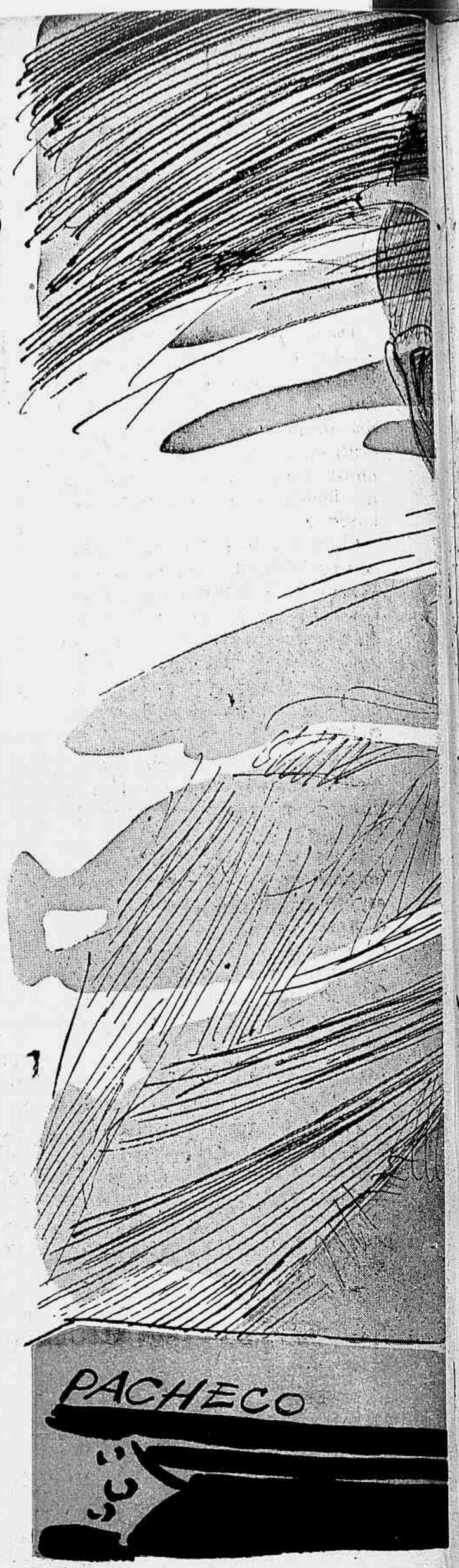
Não era liberal, mas ficava-lhe o nome. Que coisa terrível é um nome! E' o polvo da inteligência. A seus pais, tinham os outros chamado liberais, e êles próprios também se tinham crismado de tal. Renegar o apelido porque outros o tenham difamado!? O nome agarrava-se à pele, porque Satanás sabe que a pele é a última coisa que se larga, e que pela pele se perdem muitos. O nosso liberal fechou olhos e ouvidos ao terrível nome, à palavra misteriosa, que é o que tinha sido a princípio.

Na vida interior de Juan Pérez veio outro período de provação. Bastará, no século da luta, contemplá-la como mero espectador? Bastará desertar das hostes de Belial? A timidez, não será pecado?

O resultado foi que Juan Pérez se fez tradicionalista; carlista, não; abjurou em todos os graus e matizes da seita deletéria onde jamais tinha professado, e afastou-se dos liberais, imitadores de Lucífer, dos quais é aquêle grito de: "Não servirei!" Estudou os êrros nefandos que constituem êsse abominável compêndio de tôdas as heresias, e aborreceu sôbre tudo os infames contubérnios dos filhos da luz com os filhos das trevas; espicaçou-o um prurido de teimosa curiosidade em conhecer o bem e o mal, e leu obras de liberais para conhecer de perto o cancro da nossa sociedade.

Refresquemos a secura deste relato.

Carmencita era uma boa rapariga, louvada por tôdas as velhas e com os bolsos recheados, condições que explicam porque motivo Juan Pérez e um López, ambos convencidos de que não está certo que um homem viva sozinho e de que não é bom uma pessoa acabar na [illegible] a perseguissem para bons fins [illegible] de realeta tinha-se feito



íntegro: íntegro de cabeça, leal de sangue, porque qualquer outra distinção não passa de válvula de segurança em cérebro cheio de verdade absoluta.

Não se sabe como foi que o López deixou o partido a Pérez e casou com a rapariga. Juan Pérez passou maus dias e piores noites; porém ao fim e ao cabo bemdisse os imprescrutáveis designios da Divina Providência e em nada diminuiu a sua amizade por López, à qual tinha sacrificado rancores de família, no altar da comunidade de doutrinas.

Juan Pérez enquanto se tinha julgado liberal, mal tinha pensado em saber o que era o liberalismo; porém, uma vez purificado, estava ao fato de todos os pestilentos erros da nefanda e capaz de envergonhar alguns sábios e alguns autores alemães traduzidos. O inimigo mau, às vêzes, tentava-o: a ciência do mal dava-lhe vertigens e escutava, como canto de sirene enganadora, o sil[illegible] maléfico da serpente infernal

O demônio tentava-o e quanto mais se lhe fundia a imaginação nas argumentações labirínticas, a sua inteligência, corrompida pelo pecado original mais se levantava em ondas de soberba. Satanás erguia, oferecendo-lhe, um mundo novo de idéias novas se prostrado o adorasse. Começava a envergonhar-se da doce virtude da humildade em face da ciência e a desconhecer que Deus escolheu o ignorante e o fraco para envergonhar os sábios e os fortes. Há que acrescentar que por êste tempo Juan Pérez se dedicava à ginástica e bebia os ares por uma moça doidivana e pobre. Chegou a ruptura. Sucedeu que num dia de Primavera em certa reunião discutiam amigàvelmente, entre vários outros, os nossos Pérez e López, acerca de uma *carta del Martillo*, e comentavam a disputa entre íntegros e leais. Repetiam pela centésima vez a mesma graça, esquadrinhavam a quarta intenção de frases que nem a primeira tinham, repetiam argumentos que sempre com os mesmos adornos se lêem chapados em seis ou sete colunas de letra de forma, quando Juan Pérez e Pedro López travaram discussão sôbre o maior ou menor grau e matiz de liberalismo das suas opiniões sôbre um determinado ponto concreto.

E' sabido que neste desditoso século das luzes e dos direitos do homem, o virus pestilento do liberalismo injetou tudo de tal forma, com os seus miasmas deletérios, que até circula nas raízes do integrismo mais puro. Um dos maiores tormentos do homem puro é ter de examinar com atenção qualquer idéia que lhe ocorra antes de a manifestar, e pô-la de quarentena até ver que gráu ou matiz de liberalismo possa conter. Oh! Século infeliz!

Chegou a discussão entre Pérez e López a azedar-se a pontos que já intervinham os amigos, temendo algum mau remate. Pérez ardia; tinha a cara vermelha, o coração palpitante, sufocava; e o sangue, injetado pelo pecado original, trazia-lhe os espectros da sua meninice: a imagem esfumada dos jaquetões pretos nas caves húmidas; o rancor herdado e bebido no leite; frases dos pais que não tinha entendido ao ouvi-las; miradas dos López; misérias de vizinhanças com pátios divididos; narrativas de façanhas de cristãos; os olhos de boi de Carmencita a olharem para êle; e removia-se-lhe o âmago do coração que Deus tinha endurecido, deslocava-se-lhe o cérebro, e por sôbre tôda esta nuvem confusa que, como vento de tempestade, a cólera arrastava, via brilhar o aforismo fatal. Sentiu um nó na garganta e ganas de estrangular o López quando ouviu este que lhe gritava:

— Ponha-se a mexer daí, seu liberal!

Juan Pérez rebentou:

— Sim, sim e sim! Liberal com muita honra! fui, sou e serei: liberal em todos os seus graus e matizes, imitador de Lucífer, e de quem é aquêle brado: "Não servirei!" Não, servirei! E se for pecado... que o seja!

Não sabia o que gritava; mas nem no delírio da cólera esqueceu a fraseologia.

Saiu a bufar, e naquela noite voltaram-lhe as insônias.

Tinha rebentado a casca, descia pelo declive; faltou-lhe a graça eficaz e começou no seu espírito um trabalho de demolição. Havia provado o fruto e acabou por ser liberal de ciência e consciência. Má coisa é ser sábio na própria opinião! Deve-se esperar mais do ignorante. Ai dos que são sábios aos próprios olhos!

A doutrina rebentou com a ignorância; o conhecimento do pecado trouxe-lhe o horror a êle, e o sangue liberal, pecado original desde os tempos de Alvarez Mendizábal, entronizou a carne sôbre o espírito. Não conheceu o pe-

(Cont. na pág. 54)

As Crianças esperam o papai

Conto de **C. BOUSFIELD VIEIRA**
Ilustração de **ABELARDO ZALUAR**

BATEU meio-dia na catedral. Debruçadas na janela, os pés descansando sôbre uma cadeira da sala, arrastada prá êsse fim, a Maduida e a Soninha esperam o papai. O Iscalo, o irmão mais velho (7 anos), também está esperando... mas lá na rua, vadiando com a molecada. Choveu de manhãzinha e êle agora brinca nas poças dágua que a chuva deixou. As roupas estão que é só lama. Os joelhos, pretos de sujeira. A Maduida, lá da janela, olha muito prá êle, com uns olhinhos cheios de inveja. Sim, de inveja... Ela bem gostaria de ir brincar nas poças dágua, também. De botar as mãos naquela lama gostosa. De afundar os pés nágua, até os tornozelos. Mas, menina não deve se misturar com rapaz!... A mãe sempre diz. E ela já é uma menina de cinco anos! A Soninha, ao seu lado, está muito quieta, muito calada, e observa as manobras dos gurís, nas poças dágua. Bem quieta, bem caladinha... Aliás, ela anda sempre caladinha assim. Talvez porque ainda fale muito pouco. Ela custa a pronunciar as palavras. Ela erra quasi tudo o que diz. Mas, ora! Ela só tem dois anos! E' muito natural. Mas o que a Soninha tem de calada, a outra, a Maduida, tem de tagarela. Fala que nem um papagaio. E como fala direitinho! Até parece gente grande. Vejam só a conversa dela com o irmão, agora...

★

— Ah! Iscalu... Vô dizê prá mamãe qui tu istás brincandu na lama!

— Vai, m'importa!

— Ela dá uma surra im ti, prontu!

— Dá, m'importa!

— Mas eu faço quêxa prú pai também, prontu! Quand'eli chegá, êli vai dá uma im ti... Eh-eh-eh-eh!

— Mas eu vazo guêja bu bai dabê, bodu... Eh, não sabe nem falá, sua burra!

— Burr'é tu, prontu! Tu vai vê só, quandu u pai chegá...

— Não mi amola, rapariga, qu'é melhó!

★

A mãe, lá na cozinha, prepara o almôço. O barulho de sempre... Está tôda atrapalhada. A panela do arroz ainda nem foi prô fogo. O danado do feijão não quer cozinhar. A sôpa ficou um pouco queimada. Ah! Se tivessem uma criada, não acontecia isso. É!... Mas o João ganha tão pouco, coitado! E trabalha como um escravo... Agora, lá vai ela dar uma olhada na panela do picadinho. Levanta a tampa. Imediatamente, uma densa núvem de fumaça sobe no ar e um cheiro gostoso de carne e môlho entra pelas narinas dela. Hum, hum! Quase pronto... Arreia a tampa. A núvem se dissolve logo. E ela faz tudo isso sempre cantando...

★

"Teu mal é comentarrr u passadu-u-u
"Ninguém pricisa saberrr u qui hov'entri nós [dôshhh
"U pex'é prú fundu...

— Maduida, Soninha, Luis Carlos! Aond'é qui vocês tão?

— Nós tão qui, mãe! Eu i a Soninha...

— I u Luis Carlos?

— U Iscalu tá... tá-á-á-á... Eli tá aqui também!

"Segrêdu é prá quatru parêdi...
"Primêr'é pricisu julgarrr
"Prá dipôs condenarrr..."

★

Notaram como a Maduida é boazinha prô irmão? Nem fez queixa dele nem nada. Ela é sempre assim. Ameaça, ameaça, e na hora, acaba encobrindo tudo. Já com a Soninha, a coisa é diferente. Gosta de fazer um mexerico! Gosta de fazer a caveira dos irmãos! E'... um diabo, já de pequena. Ah! E bastou ver a irmã ameaçar o Iscalo de dar queixa dele prá mãe, prá ela levar a cabo o que a outra não quis. Desce da cadeira, não sem dificuldade, e vai prá cozinha. No caminho, a gata cinzenta da casa vem ao encontro dela. Roça pelas pernas da menina e levanta-lhe, com a ponta do rabo peludo, a barra do vestido. A Soninha, ruim que é, dá-lhe um pontapé na barriga. Ela se afasta numa corrida.

★

— Mamãe... Talu... Talu... Na lua... Bincandu di... di... di lama... Suzô... Suzô... lopa tôda...

— U Luis Carlos! Pér'aí qu'eu já curu êssi patifizinhu...

— Maida... Maida... Maida... Falô, falô... Talu... Talu... Non té... Sai da... da... da lama... Mamãe dá... dá... nele, n'é?

— Ah! S'eu pego êsti gurí... Péra já, seu safado. Só vô tirá u avental i já vô já lá na rua, dá uma boa coça nesti senvergonha!

(Cont. na pág. 56)

PREMIADO NO CONCURSO DE CONTOS DE REVISTA DA SEMANA

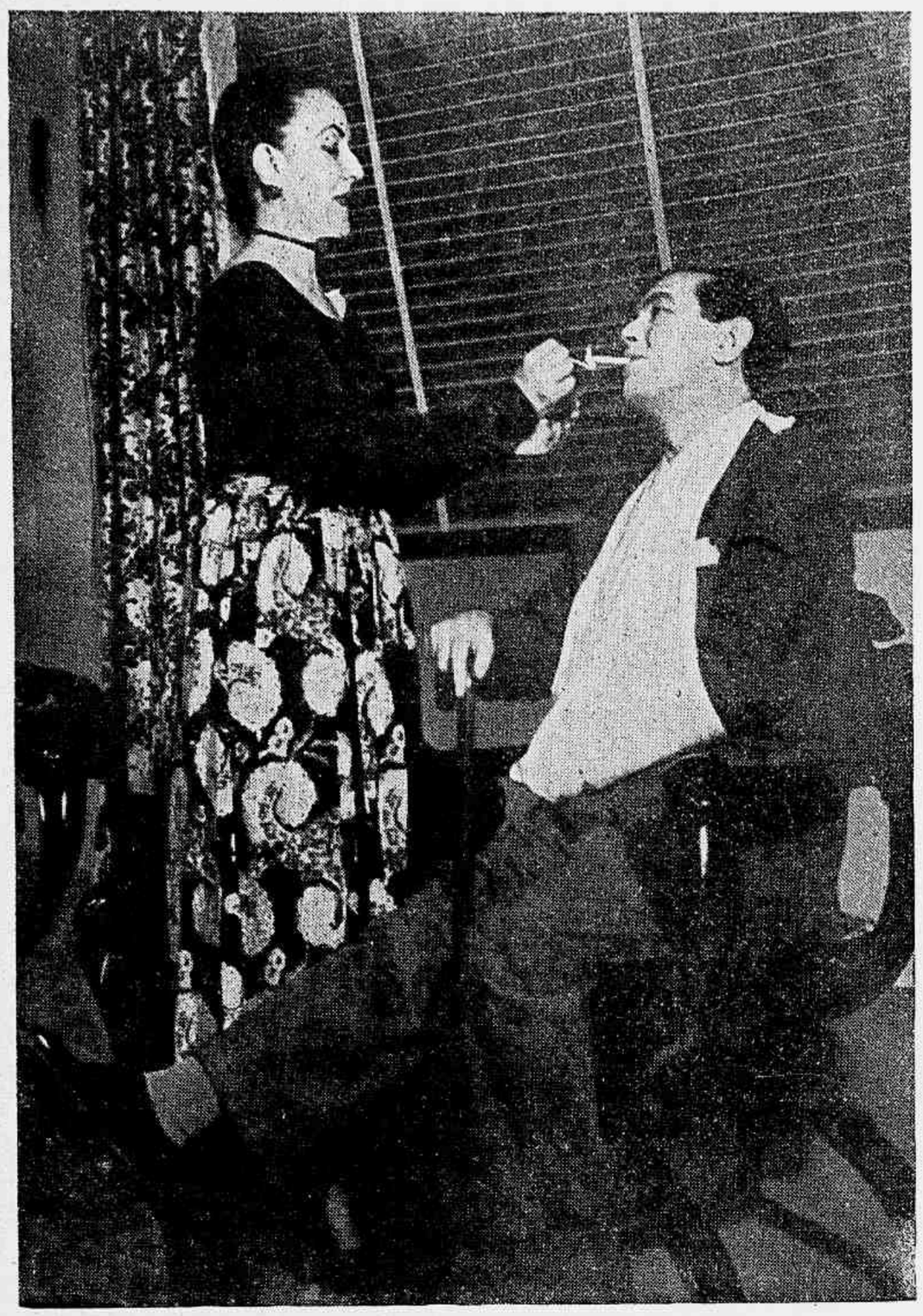
A VOLTA DE
ALDA GARRIDO

INAUGUROU NOVA TEMPORADA NO RIVAL A POPULARÍSSIMA COMEDIANTE ★ DELORGES CAMINHA COMO GALÃ CÔMICO

ALDA GARRIDO, comediante popularíssima, cujo público aumenta de semana para semana, acaba de voltar ao Rio, depois de excursionar através dos Estados. Veio contribuir, novamente, para a alegria dos cariocas, com sua "verve" inesgotável, graças o qual pode contribuir para acentuar a comicidade das peças que interpreta, enriquecendo-as de ditos espirituosos e espontâneos. E', neste particular, uma artista como poucas. Seus achados cômicos, seus ditos oportunos, aparecem sempre grifados de um modo particular, — já sabendo o público o que pertence aos autores e o que pertence à comediante. A peça que marcou sua volta ao palco do Rival foi "Um beijo... com môlho", interessante sucessão de cenas bem humoradas e, quase sempre, hilariantes, de autoria do escritor italiano Aldo De Benedetti. Por singular coincidência, no ano passado Alda Garrido inaugurou sua temporada com uma peça do mesmo autor, a comédia "A mulher que esqueceu o marido", que logrou grande sucesso. Apresentando, agora, o festejado ator Delorges Caminha como primeira figura masculina de seu elenco, Alda Garrido conquistou a colaboração de um excelente galã cômico.

Toda a peça gira em tôrno das aventuras de Alda Garrido como automobilista, atropelando pedestres e corações nas ruas congestionadas do Rio de Janeiro. E' de prever que a nova temporada de Alda Garrido, inaugurada auspiciosamente com "Um beijo... com môlho", se desdobre de forma brilhante, em uma verdadeira sucessão de êxitos cômicos.

Em cima: Alda Garrido, em um momento de "Um beijo... com môlho", inteira-se das últimas novidades através da REVISTA DA SEMANA"; em baixo: uma cena da divertida comédia de Aldo De Benedetti, com Alda Garrido e as principais figuras do seu elenco.



Em cima, à direita: cena de "Um beijo... com môlho", entre Alda Garrido e João Boa vista; à esquerda: outra cena da mesma comédia, entre Alda e o atropelado Delorges Caminha. Em baixo: cena de "Um beijo... com môlho", na qual Alda Garrido pergunta às parentas de seu marido, tôdas zangadas, se elas fazem parte do côro da "Medéia"... Essa é uma das muitas piadas com que Alda enxertou a peça.

UM BEIJO QUE VALE 50.000 CRUZEIROS — Com a condição de receber um beijo, o atropelado Delorges desiste de uma ação de indenização contra a automobilista Alda. Uhn!

CANTINFLAS PREFERE O TEATRO AO CINEMA

ENCONTRO COM O 777 EM PARÍS ★ O FAMOSO CÔMICO MEXICANO REJEITA OFERTAS TENTADORAS DE HOLLYWOOD ★ HÁ DOIS ANOS RASGOU UM CONTRATO DE MILHÕES ★ NÃO QUER SER FANTOCHE NAS MÃOS DOS DIRETORES DO CINEMA AMERICANO ★ CONCEITOS SÔBRE O CINEMA EUROPEU

Reportagem de NELSON VAINER, enviado especial de REVISTA DA SEMANA à Europa — Fotos de KATHLEEN GREY

PARIS, junho (Pelo "Bandeirante", da Panair do Brasil) — Estava eu sentado na grande galeria do Hotel Georges V, à espera de Paul Muni, quando em dado momento avistei um moreno muito simpático, que se dirigia ao bar. Reconheci-o incontinente, mas por um absurdo capricho da memória esqueci o pseudônimo que o tornou famoso no mundo inteiro. Quanto ao seu verdadeiro nome, ignorava-o completamente. Levantei-me apressado, aproximei-me dele e quando os nossos olhares se cruzaram, dirigi-lhe a seguinte pergunta:

— Usted es el policial desconocido, el 777?

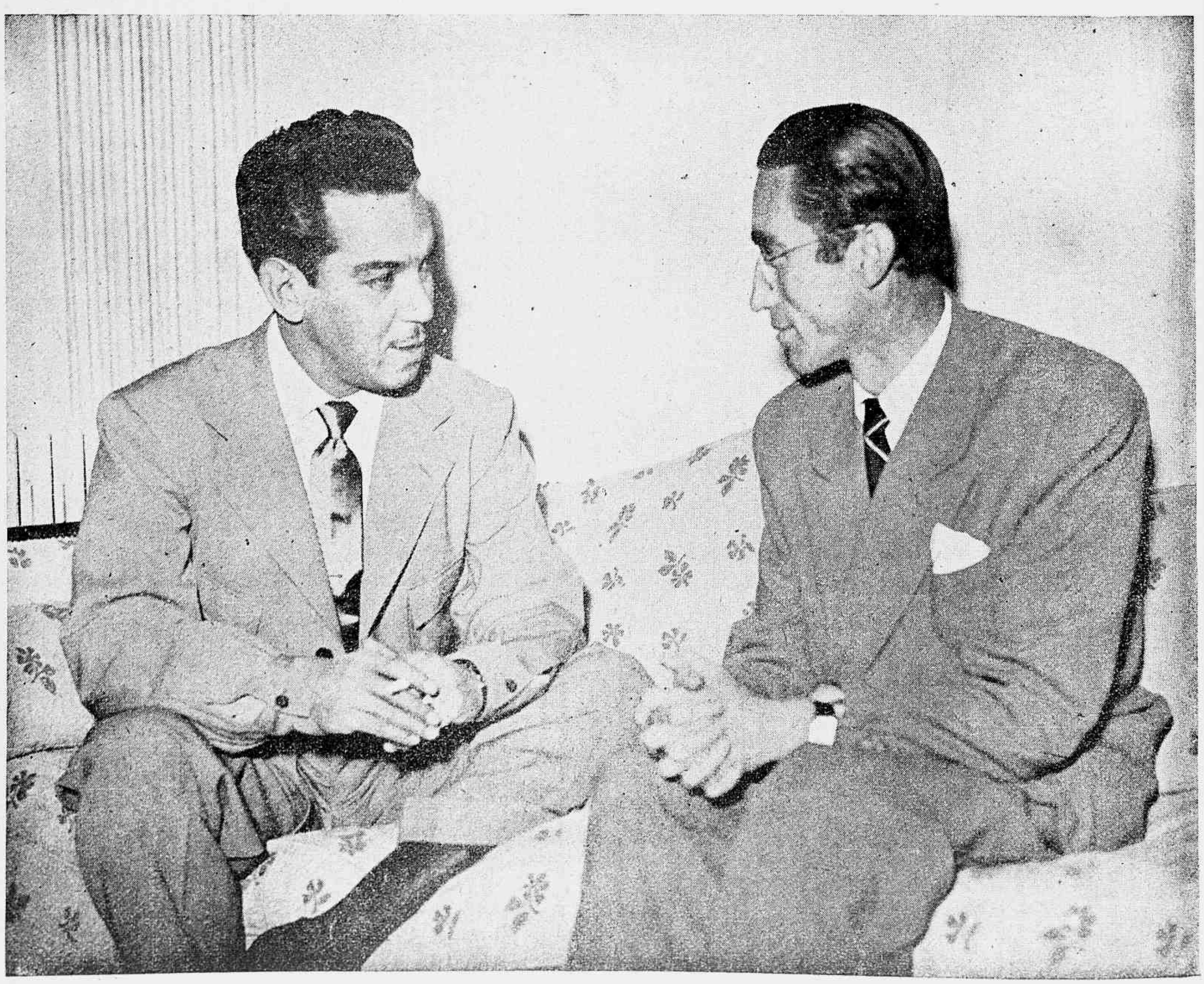
— A sus ordenes, Jefe! — respondeu rapidamente, levando à testa a mão esquerda, perfilou-se em seguida e executou a mais patética continência dêste mundo. Bastou dirigir-me a êle em espanhol para que nos abraçassemos como velhos amigos. Tomamos uma bebida qualquer, durante a qual solicitei-lhe, sem cerimônia, uma entrevista. Esta foi marcada para o dia seguinte, pois já estava na hora de me encontrar com Paul Muni.

NO "QUARTEL" DO 777

Precisamente às três horas do dia seguinte, subi ao terceiro andar do referido hotel e toquei a campainha do apartamento 507. A porta se abriu e nela apareceu o incrivel Cantinflas. Recebeu-me com um sorriso nos lábios e convidou-me para entrar.

Mario Moreno ofereceu-me uma pol-

Em cima: Cantinflas, caracterizado para um dos seus filmes; em baixo: Cantinflas, como Mario Moreno, em companhia de Nelson Vainer, nosso correspondente especial na Europa.



Cantinflas, em uma cena de filme, com Emília Guiu. Em baixo, uma pôse de Cantinflas, como D'Artagnan em sua paródia de "Os Três Mosqueteiros" e um autógrafo que deu em Paris à REVISTA DA SEMANA.

trona e sentando-se em minha frente, disse com ar de subordinado:

— Pois bem, "Jefe", o senhor está no "Quartel" do policial desconhecido, o setecentos e setenta e sete, o Cantinflas e, finalmente, o Mario Moreno. Em que posso ser-lhe útil?

— Pode dizer-me o que significa Cantinflas?

— Francamente, não sei. E' uma denominação que não existia antes da minha estréia no teatro.

— Mas por que escolheu êste pseudônimo?

— Criei o termo Cantinflas, achei-o bonito e fiquei com êle. Você não gosta?

— Gosto, sim, mas pensei que significasse alguma coisa.

UMA VIAGEM ATRAVÉS DA EUROPA, EM GOZO DE FÉRIAS

Cantinflas conta hoje trinta e seis anos de idade. O seu secretário me disse que êle é o homem que mais bem se veste no México. Constatei-o de fato. De estatura média, olhos negros e vivos, muito calmo e com um eterno sorriso nos lábios, está longe de se parecer com o cômico da tela, que a crítica mundial considera o segundo Charlie Chaplin. E' muito bonito para ser parecido com aquela figura ridícula de "O policial desconhecido", "Nem sangue, nem areia", "Os três Mosqueteiros" e tantas outras películas notáveis que correm mundo.

Cantinflas aproveita agora as suas férias para percorrer a Europa. Quer conhecer as principais cidades do Velho Mundo e depois regressará ao México, onde recomeçará as suas atividades artísticas. Artista na verdadeira expressão da palavra, Cantinflas não visa ganhar milhões, como os seus colegas de Hol-

(Cont. na pág. 55)

Para El Publico Brasileño
un saludo con todo cariño y
respeto a traves de la "Revista
Da Semana" el 777.
¡A sus ordenes Jefe?
Paris 1948 Cantinflas

CINE REVISTA

Olhem aí a pôse de valentão de Gary Cooper... Um bom comediante, para coisas do gênero de "A oitava espôsa de Barba Azul", só mesmo pela cabeça de Cecil B. De Mille poderia passar a idéia de fazer dele um matamouros. Em "Os inconquistáveis", Gary Cooper mata tanto índio que nem tem tempo para carregar a espingarda...

NOVO FILME DE WALT DISNEY

Walt Disney acaba de praticar uma nova façanha, em matéria de comédia em técnicolor, desenhada e com a intervenção de artistas de carne e osso. Trata-se de "Melody Time", filme que conseguiu ser lançado no famoso cinema Astor, o lançador de "E o vento levou..." em Nova York. Nesse filme tomam parte Roy Rogers com o seu famoso cavalo; Dennis Day, as Andrews Sister, Frances Langford, Freddy Martin, Ethel Smith (a organista), Buddy Clark, Fred Waring e sua orquestra, Luana Patten, Bobby Driscoll e outros. Parece que Disney está caindo no gênero "alô, alô". Será que o velho Wallace Doney está com êle? A propósito: é êsse o terceiro filme de longa metragem de Walt Disney lançado nos Estados Unidos e ainda não exibido no Brasil... Os dois outros são "Música, maestro!" e "Canção do Sul". Preguiça na preparação das versões para o Brasil ou é a RKO-Rádio que está prendendo os lançamentos?

RED SKELTON NA COLUMBIA...

Parece que a Métro se cançou das caretas de Red Skelton e o rifou. Se não rifou, pelo menos já se desinteressou dêle ao ponto de emprestá-lo à Columbia Pictures. Ao lado de Janet Blair, êle aparece no filme da Columbia "The Fuller Brush Man", no qual faz o papel de um vendedor de enceradeiras elétricas a domicílio...

ADOLPH HITLER NO CINEMA

Adolph Hitler está no cartaz dos cinemas norte-americanos, em "Hitler Secret Berchestesgaden Movies" (os filmes secretos de Hitler em Berchestesgaden), recomendada aos "fãs" por Lucille O. Parsons, em sua coluna cinematográfica do "Journal and American". O anúncio mostra uma foto de Hitler beijando Eva Braun...

ESTÃO NO PALCO, NA BROADWAY...

Às vêzes um artista desaparece do cinema. Ninguém sabe porque. Muitos, entretanto, afirmam que êles não desapareceram, mas estão entregues a outras atividades. No rádio. Ou no palco, por exemplo. Ainda agora, estão atuando na Broadway as seguintes personalidades:

— Henry Fonda, em "Mister Roberts", peça de Thomas Heggan e Josgna Logan, no Teatro Alvin, de Nova York;

— Basil Rathbone, o Sherlock Holmes dos filmes da Universal, em "The Heiress", de Ruth e Augustus Goetz, no Teatro Biltmore, da mesma cidade;

— Jessica Tandy, a interprete de Jane em "Vingança de "Mulher", com Charles Boyer e Ann Blyth, em "A Street Car Named Desire", peça de Tennessee Williams, no Teatro Barrymore;

— Faye Emerson, na peça "The play is the thing", de Ferenc Molnar, no Teatro Booth, com Louis Calhern e Ernest Cossart.

— Marsha Hunt, em ""Joy of the world", no Teatro Plymouth, etc.

INDIGESTÃO DE ÓPERAS

Querem uma indigestão de ópera? Vem aí um filme que se intitula "The First Opera Film Festival", da Classic Pictures Inc., feito na Itália. Êsse filme representa uma verdadeira feijoada completa de grandes óperas, tendo as partes mais importantes de "Don Pasquale", de Donizetti; de "Casamento de Figaro", de Mozart; da "Carmen", de Bizet; e de "Guilherme Tell", de Rossini. Entre outros artistas, cantam nesse filme o contralto Cloe Elmo; o baritono Tito Gobbi, o baixo Luciano e outros cantores do Scala de Milão e da ópera de Roma.

Como? E' mesmo Veronica Lake de "maillot"? É, sim, embora essa pôse não conste do seu novo filme para a Paramount, intitulado "Saigon". Outro dos seus filmes recentes é "Ramrod", com Joel Mac Crea, sob a direção de seu próprio marido, André De Toth

OUTRA VEZ GREGORY PECK...

Gregory Peck foi escalado pela Twentieth Century Fox para o primeiro papel de "Yellow Sky", filme baseado em um romance de W. R. Burnett, um dos homens que mais têm contribuido com argumentos originais para a cinematografia americana. William Wellman será o diretor nessa nova película de Gregory Peck. Por falar nisso: quando vamos ver "Tu 'o ao sol", o filme de Selznick, já exibido nos Estados Unidos há mais de um ano?

Só na França isto poderia acontecer...

Durante a guerra, um pintor, Jean Bruller, escreveu uma pequena novela sob o título "Le silence de la mer" (o silêncio do mar), que, pelas suas qualidades literárias, como pelo seu vigôr dramático e impulso patriótico, teve celebridade quase instantânea. Impressa primeiro clandestinamente e, depois, no exterior, teve uma vendagem formidável. Um dia, um exemplar caiu nas mãos de um soldado, Jean Pierre Melville, então estacionado em Londres. Desde o dia em que a leu, Melvine, que nada tinha que ver com o cinema, decidiu converter "Le silence de la mer", num filme. Quatro anos depois, procurava êle o autor, no Boulevard St. Michel, em Paris, a fim de solicitar-lhe autorização para a filmagem. Jean Bruller, agora diretor das Editions de Minuit, recusou-lhe o direito de fazer um filme de novela que, em dezessete linguas, teve mais de um milhão de exemplares vendidos. Mas o ex-soldado continuou a assediá-lo com cartas e mais cartas. Por fim, numa carta mais dramática, disse estar imbuido da idéia do filme, que ia fazê-lo, por sua conta, cooperativamente, para depois mostrá-lo ao autor. Se êste gostasse, muito bem. Se não gostasse, êle destruiria o filme.

Só na França poderia acontecer uma coisa dessas... Mas não é tudo, ainda. Jean Bruller, ou Vercors, não quis ver o filme, depois de feito, com medo de ser um máu julgador, por estar em causa... Melville reuniu nove milhões de francos, para produzi-lo, com parentes, amigos e até desconhecidos, que interessou em seu projeto. Dois novatos, dois estreantes, Jean-Marie Robain, de 34 anos, e Nicole Stephane, de 19 anos, são os artistas principais. Ambos representaram no filme depois de terem sido advertidos, tanto por Melville, como por Vercors, de que o filme possivelmente nunca chegaria a ser exibido... No momento em que escrevemos, o que se sabia era que Vercors havia submetido o caso ao julgamento de uma comissão. Se essa comissão achar o filme bom, êle autorizará a exibição. Em caso contrário, "Le silence de la mer" nunca será visto pelo público. A comissão é esta: André Malraux, Robert Schuman, Leon Blum, Louis Aragon, François Mauriac, Pierre Blanchar e Madame Joliot Curie. Por que a comissão? Vercors assim a explica:

— O extraordinário sucesso da minha história não é devido apenas às suas qualidades. E' devido também às circunstâncias. Devo reconhecer que o amor que muita gente lhe tem é responsável por êsse êxito. Foi isso o que lhe deu fôrça de obra prima. E por isso mesmo escapa ao meu contrôle, assim como escapa inteiramente ao contrôle de um escultor a imagem saída de suas mãos e diante das quais as multidões se prosternam...

Mais uma vez podemos dizer: só mesmo na França aconteceria uma coisa dessas... — MICKEY

Sabu e Jean Simmons, em uma cena do filme inglês "Narciso negro", película em tecnicolor, que alcançou grande sucesso. Êsse filme foi extraído de um dos romances de Joseph Conrad, de quem o cinema já apresentou adaptações de "Tufão" e de "Vitória"

LOST HONEYMOON

(AINDA SEM TÍTULO EM PORTUGUÊS)

Amy Atkins, que passara três anos da guerra ensinando crianças evacuadas, estava de volta à sua casa, em Londres, onde antes tivera como companheira de um quarto uma outra jovem, Tillie. Mal chegou, porém, quis saber da senhoria como se dera o repentino casamento de Tillie, e a sua morte inesperada, quando se preparava para partir com destino aos Estados Unidos. Soube então que ela se casara com um soldado norte-americano chamado John Gray, que a havia abandonado após o casamento. O pior, entretanto, é que lhe tinham nascido dois filhos gêmeos: Joyce, e Johnny Junior.

Indignada, Amy delibera ir aos Estados procurar John Gray e obrigá-lo a cuidar dos filhos. Para isso, aproveita o passaporte de Tillie, mudando lhe o retrato, e, portanto, viajando como sendo a Sra. John Gray.

John Gray, que saíra do Exército, empregara-se como arquiteto de uma firma importante, e agora estava de casamento tratado com a filha do patrão, não gostou nada do cabograma que lhe dizia da viagem da Sra. Tillie Gray e filhos. Era um cabograma remetido pelo escritório da Cruz Vermelha Norte-Americana em Londres.

Seu primeiro passo foi dirigir-se ao advogado Bob Davies, seu íntimo amigo. Davies tranquilizou-o. John Gray era um nome muito comum. Devia haver engano. Depois, tudo se esclarecia quando a própria Sra. Tillie Gray o visse... Mas John confessou que, em virtude de um acidente, numa noite de "black-out", ficara várias semanas esquecido de tudo. Por conseguinte, podia ser...

★

Amy e os gêmeos não tiveram quem os recebesse no cais. Amy resolveu ir diretamente do cais a Rochester onde John Gray deveria ser encontrado. Enquanto isso, a Sra. Jenkins, da Cruz Vermelha, envia a novo telegrama a John.

O telegrama chegou justamente quando John explicava a Lois, sua noiva, com quem ia casar-se no domingo seguinte, que naquela noite não sairia com ela porque os amigos lhe ofereciam a tradicional festa das despedidas de solteiro. Bob, porém, concordou em esperar Amy e as crianças na estação e levá-las a um hotel.

Estava tudo bem combinado. Mas Amy estragou os planos. Sem esperar por Bob, dirigiu-se ao hotel de John. Da portaria, telefonou lhe, e fez as crianças cumprimentarem o papai através do telefone.

Desesperado, John saiu para o seu jantar festivo, enquanto Amy, no quarto, o esperava em vão.

Cansada de esperar, Amy saiu com as crianças e perguntou ao gerente onde estaria o Sr. Gray. Julgando tratar-se de uma pilhéria, o gerente conduziu-a, juntamente com as crianças, à sala de jantar, e fê-las atirarem-se a John, aos gritos de "papai". A impressão geral foi a de que se tratava realmente de uma brincadeira.

Tendo entrado após as crianças, Amy viu-se a sós, num canto, com John, cujo procedimento censurou calorosamente. John limitou-se a dizer que tudo não passava de um engano, e que o seu advogado já estava à procura do verdadeiro culpado. Mas Amy, retirando-se, ameaçou levar o caso à Côrte Suprema.

Bob Davies veio encontrar John afogando as mágoas no bar. Peregrinando de bar em bar, após haver-se desentendido com Bob, John acabou saindo de um dêles completamente embriagado, para chocar-se com um poste.

O guarda que o socorreu telefonou para Amy, avisando-a do acidente. E foi na polícia, quando ela se identificava, que um repórter bisbou a história: uma das noivas inglêsas abandonadas pelos soldados norte-americanos.

No dia seguinte, um domingo, Bob injetou um soporífero em John, e disse a Amy que êle deveria passar vinte e quatro horas desacordado. Durante êsse tempo, ela não deveria atender a nenhum chamado telefônico nem permitir que alguém o visse.

John despertou ligeiramente, em dado momento, dizendo que precisava vestir-se para o seu casamento. Mas quase imediatamente tornou a adormecer, vencido pela droga.

Na segunda feira apareceram o Sr. Evans e a filha, trazendo um jornal, cujo cabeçalho dizia: *Noiva inglêsa e convocado norte-americano reunem-se na cadeia.* O Sr. Evans considerava-se numa situação ridícula, por culpa de John. Exigiu-lhe, por isso, o pedido de demissão. E retirou-se com a filha, ambos furiosos.

Bob voltou, finalmente, no dia seguinte, para despertar John com algumas palmadas no rosto. A primeira coisa de que John teve conhecimento foi que Amy se mudara com as crianças para o apartamento dele. E soube também da fúria do velho Evans e sua filha.

Por fim, conformado com o destino, John saiu a passear no parque, com as crianças. O amor paterno custou lhe um sôco no ôlho, que lhe deu o pai de um garoto que implicara com os seus gêmeos. Amy foi testemunha da cena. E John, sentindo a cabeça dorida, pediu lhe, ao vê-la, que o deixasse descansar a cabeça em seus ombros.

Após o jantar, quando as crianças já se haviam recolhido, John quis saber onde conhecera a esposa, que acreditava fosse Amy. Fôra numa loja... começou Amy. E conversaram, até que, num acesso de ternura, John a beijou. Mas ela repeliu-o, e foi dormir no quarto dos gêmeos.

Vestindo um capote por cima do pijama, John saiu à procura de Bob, que encontrou dormindo. Dizendo-se expulso de casa pela própria esposa, viu o amigo troçar dele, e acabar confessando não saber por que uma pequena tão bonita quanto Amy o quisera por marido. John repeliu então as insinuações do amigo, declarando-se disposto a lutar pela espôsa.

★

No dia seguinte, uma enfermeira da Cruz Vermelha procurou Amy para esclarecer certas coisas. Tinham encontrado uma fotografia da verdadeira Sra. Gray. Amy viu-se, assim metida em apuros. Falsificara um passaporte. Arruinara um homem decente, envolvendo-o num escândalo. Seria deportada. Quanto às crianças, seriam devolvidas à Cruz Vermelha britânica.

Como era natural, os Evans, pai e filha, procuraram John para desculparem-se. E, referindo-se à "impostora", disseram que ela estava para ser deportada. Diante do assombro de John, Lois interveio para explicar que o pai mandara investigar o caso, que, afinal, estava completamente esclarecido. E prosseguiu, falando no casamento que agora se realizaria. Mas John estava surdo. Foi mesmo com uma expressão de mártir que se deixou beijar pela noiva e soube que no dia seguinte seria realizado o casamento.

Na portaria do hotel, Amy pediu que avisassem o Sr. Gray de sua partida com as crianças. Mas foi nesse momento que o porteiro lhe entregou uma carta de Londres, na qual a senhoria dela lhe dava uma fotografia de Tillie no dia do casamento. O noivo... era John.

Amy apelou sem demora para a funcionária da Cruz Vermelha, alegando que, pelo menos, as crianças eram realmente filhas dele. Realizara o seu intento. A sua situação, porém, continuava irregular. Enfim... valera a pena.

As crianças foram no mesmo dia devolvidas ao pai, juntamente com as fotografias e a carta chegada de Londres. John recebeu as carinhosamente, e, depois de as ter feito dormir, correu de novo, vestindo apenas um capote sôbre o pijama, à casa de Bob. Era a segunda vez que o tirava da cama fora de horas. Mas... eram amigos

John contou-lhe, então, que era realmente casado. Mas a espôsa era outra, não Amy. Bob replicou lhe que, sendo assim, John teria em pouco três espôsas; a primeira, Amy e Lois. Mas John explicou que era viúvo. Amy, que viera apenas defender a situação das crianças, ia ser deportada.

Bob retrucou que Amy não seria deportada, nem que êle a tivesse de desposar.

Ah, era assim! exclamou John. Quer dizer que Bob não passava de um traidor, querendo roubar-lhe a única mulher a quem êle realmente amava. Disse, e saiu a vagar pelas ruas, como um desvairado. Encontrou-o o mesmo guarda que o socorrera antes. E foi

(Continua na pág. 56)

John Gray	FRANCHOT TONE
Amy Atkins	ANN RICHARDS
Lois Evans	FRANCES RAFFERTY
Sr. Evans	CLARENCE KOLB
Bob Davies	TOM CONWAY
Johnny Jr.	WINSTON SEVERN
Joyce	ADELE DAVEMPORT
Sra. Jenkins	SANDRA ROGER

★

Filme da EAGLE-LION — Direção de LEIGH JASON — Argumento de JOSEPH FIELDS

O FILME DA SEMANA

ANN RICHARDS

FRANCHOT TONE

FRANCES RAFFERTY

PARIS, junho (Pel
Panair do Brasil) —
arte e, como tôdas
próprias finalidades
dizer que deve viver
técnica e do seu sen
fato foi esquecido
culos, o que acarreto
ta arte.

Tive a oportunida
mente em Stockholm
tapeçaria no seu ap
século XII. Comove
tapeçarias. Nada têm
tura.

Desde o fim do sé
quis aproximar-se da

Na página à esque

O renascimento da tapeçaria francesa

EM CONTACTO COM MARC SAINT SAENS-SENS ★ APOGEU E DECADÊNCIA DA ARTE DA TAPEÇARIA ★ OS RENOVADORES JEAN LURÇAT E MARC SAINT SAENS ★ RETÔRNO AO VERDADEIRO SENTIDO DA ARTE DE TECER ★ A FRANÇA MOSTRA UM CAMINHO NOVO ★ AMPARO DO PÚBLICO

Reportagem de YVONNE JEAN ★ Especialmente para REVISTA DA SEMANA

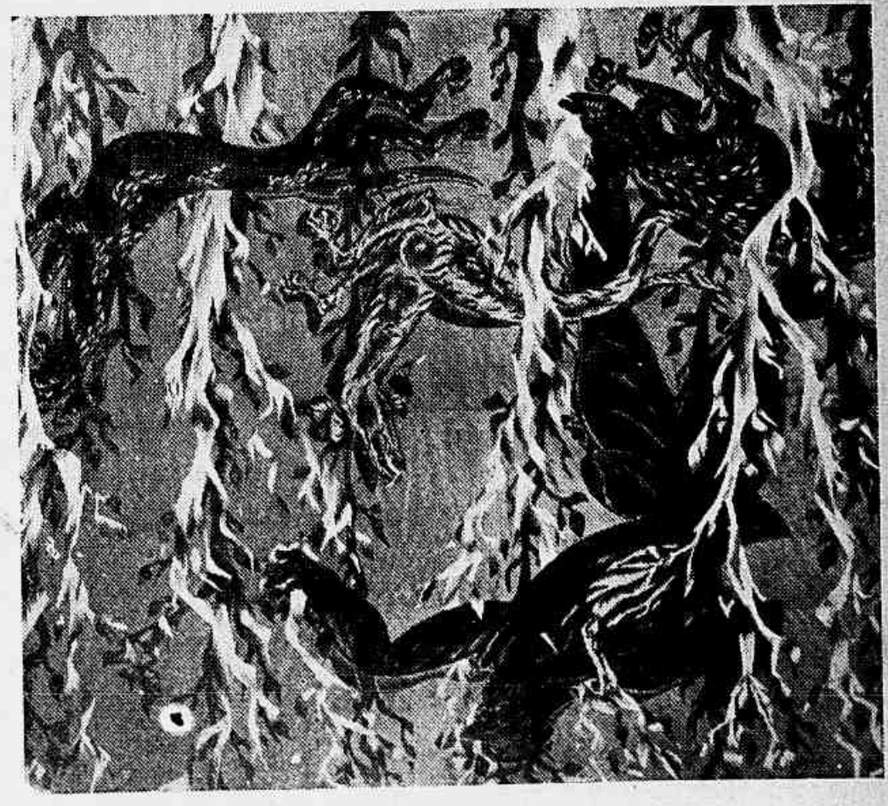
(Pel 'Bandeirante", da
) — tapeçaria é uma
das artes, tem suas
ades diretrizes. Quer
iver m função de sua
sen do próprios. Este
do crante algum sé-
reto a decadência des-

nidad de rever ultima-
holm s obras primas da
apoeu, quer dizer no
noveme encantam como
têm ue ver com a pin-

lo sé o XV a tapeçaria
se da ntura. Procurou-se, desde então, realizar obras que tivessem o aspecto de quadro. Êste conceito está tão errado como seria o de um pintor que procurasse pintar quadros, que, de longe, dessem a impressão de serem esculturas.

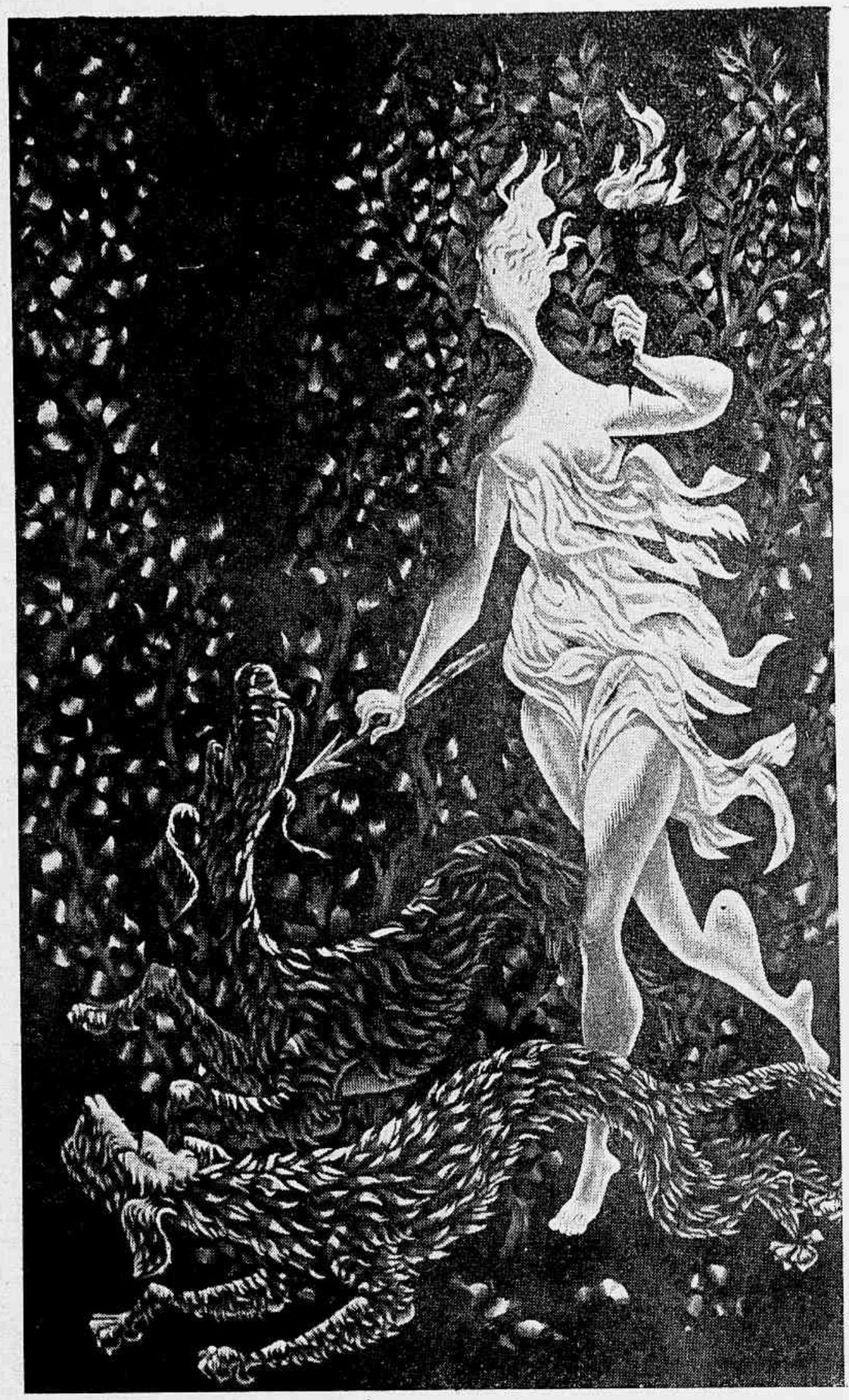
Entre anto, a tendência de se afastar de tudo que faz a originalidade e a vida de uma tapeçaria foi-se acentuando até o começo do século XX. Os progressos da técnica facilitaram esta tendência errada.

Assim, teve-se o cuidado de empregar um ponto muito pequeno para que a trama do trabalho não fôsse mais visível. Ao mesmo tempo, foi preciso usar de uma variedade infinita de côres para



squerda: "Ariane", da Coleção Jansen; no alto desta página: "La comédie italienne"; em baixo, à esquerda, "Les Soleils et la pluie"; ao centro, Marc Saint Saens-Sens, o festejado artista da moderna tapeçaria francesa; à direita: "Le Brocannier", da Coleção Jansen.

Na página à esquerda: "O Pássaro"; em cima, à esquerda: "Les Vierges Folies"; à direita: "Orion"; em baixo, à esquerda: fragmentos de "Les Beuveurs"; à direita: "Eva"



Em cima, à esquerda: "Diana Caçadora"; à direita: "O fogo"; em baixo: uma estilização da lenda do Minotauro, abatido pela espada de Hércules.

poder reproduzir pela tapeçaria tôdos os matizes que o pintor emprega nas suas telas, pois a fábrica dos Gobelins não mandava mais fazer os desenhos por especialistas, mas copiava obras picturais existentes. Assim tôdas as tapeçarias, executadas no século XIX, eram fac-similes, verdadeiros "trompe-à-l'oeil".

A DECADÊNCIA

A Fabiola de Henner foi reproduzida inúmeras vezes. Depois disso executaram obras de Monet e de outros bons pintores. Quando se falou na necessidade de uma renovação, imitou-se quadros modernos. O principio continuava errado.

Além do ponto de vista puramente artístico, que não pode admitir artes bastardas, criaram-se também inumeráveis dificuldades técnicas. Assim, se o Apocalypse de Angers — uma das mais belas tapeçarias de todos os tempos — que mede 700 metros quadrados foi executada com vinte e quatro matizes de lã, no século XVII já se empregavam 500 côres, e no século XVIII oitocentas a novecentas. Durante o reino de Napoleão III a direção dos Gobelins foi dada ao químico Chevreuil que aperfeiçoou a técnica da tintura o que permitiu elevar a paleta até 14.400! Quanto às tapeçarias recentes, empregavam de dois mil a tres mil côres diferentes!

Não foi mais possivel cuidar da mesma forma da qualidade da tintura e muitas tapeçarias do comêço do século XX apresentam um aspecto muito mais apagado do que as obras realizadas há mais de sete séculos. O preço teve que ser aumentado paralelamente.

O metro quadrado custava de 50.000 a cem mil francos antes da guerra, pois precisava-se de milhares de novelos de lã. O operário perdia muito tempo procurando o matiz exato necessário para cada centimetro. Além disso, um novêlo pesa 250 gramas. Só se usava uma infima parcela de cada um para cada obra. Assim era preciso tingir 500 kgs. de lã para uma tapeçaria de dez metros quadrados, dos quais sòmente dez ou doze quilos eram empregados.

A RENOVAÇÃO

Os artistas sentiram que se estava seguindo um caminho errado. A técnica e o preparo artistico estavam completamente dissociados. Gromeyre pressentiu a necessidade de ligá-los novamente. Foi estudar a técnica na própria fábrica dos Gobelins em 1937. Mas ainda não compreendeu a necessidade absoluta de criar para a tapeçaria obras que nada tivessem que ver com a pintura.

O verdadeiro renovador foi Lurçat, seguido, pouco depois, por Saint Saens. Ambos voltaram às origens para poder criar verdadeiras tapeçarias modernas. Estudaram a técnica, trabalharam, observaram como se tecia. Compreenderam que uma tapeçaria deve ter o aspecto de uma tapeçaria e nada mais. Prepararam desenhos destinados exclusivamente a serem reproduzidos em tapeçaria, como se fazia outrora. Empregaram novamente um ponto maior. Diminuiram o número de côres necessárias. Colocaram-se no espirito dos artesãos cuja obra continuavam. A evolução consistiu em pensar de acôrdo com a evolução artistica do tempo. Em fazer obras modernas, mas sempre em ligação direta com a técnica requisitada.

O movimento só conta, até agora, com êstes dois artistas, mas o interêsse do público é grande. Por tôda parte vêem-se as tapeçarias deles enfeitando as paredes: em Museus, em edifícios públicos, em lugares de reunião, em casas particulares. A tapeçaria foi novamente admitida como arte em si.

JEAN LURÇAT

Jean Lurçat não é um nome desconhecido no Brasil. Algumas das suas obras foram exibidas no Museu do Rio de Janeiro há mais ou menos dois anos. Eram poucas e não davam uma idéia perfeita do seu trabalho. Além disso, não se deu muita importância à exposição

(Cont. na pág. 54)

À direita: "O Violoncelista", uma das mais interessantes estilizações em que se espelha o espirito da moderna tapeçaria francesa.

Broadcast

RADIO-FLASHES

George Ortis, conhecido intérprete da música portenha, confiou a pessoa de suas relações, o desejo de realizar uma nova temporada no Rio. Com êsse propósito, já entrou em entendimentos com a direção da Rádio Nacional, emissora que o teve sob contrato no ano passado. Atualmente, George Ortis está integrando a orquestra de Biagi.

— O casal Heber de Bôscoli-Iara Sales foi presenteado por um de seus anunciantes, com o menor automóvel do mundo. Êste, pesa apenas oitenta quilos, consumindo reduzida quantidade de combustivel, uma vez que seu tanque só comporta três litros de gazolina. O carro dos "ferroviários" da PRE-3 está constituindo verdadeira atração na cidade.

— As "emissoras associadas" em colaboração com as classes armadas, acabam de instituir a "Brigada da Alegria", movimento "show" de que participam os principais artistas do "cast" da PRG-3. Comandado por Carlos Frias, essa nova atração é apresentada nos quarteis do Distrito Federal para gaudio de nossos soldados.

— Em adaptação radiofônica de Nelson Roberto e desempenho dos alunos da Escola de Rádio Teatro, a [illegible] Pinto está apresentando as terças-feiras, as vinte horas, "As obras primas do conto universal", programa que reune trabalhos dos mais famosos escritores internacionais, como Oscar Wilde, Maupassant, Machado de Assis etc.

— Luis Jabotá, figura bastante conhecida nos meios radiofônicos do Brasil, não resistiu às flechadas de Cupido. Segundo informações recebidas de Nova Iorque, êle acaba de contrair novo matrimônio, desta vez com a senhorita Ivoneth Lamarch. Enquanto isso, Russo do Pandeiro, recem chegado dos Estados Unidos, comemorou com um "cok-tail", a passagem do segundo aniversário de seu casamento. Parabens a ambos.

— Lucas Gutié é o novo cartaz internacional que a Rádio Tupi contratou para sua programação de estúdio. Com atuação nas principais emissoras sul-americanas, sua estréia ao microfone PRG-3 constituiu fato de importância nas atividades radiofônicas do mês, sendo a crônica especializada unânime em elogiar sua voz.

— Oranice Franco, novelista e redator da Rádio Nacional, aproveitando o período de ferias que passou nas Alterosas, reuniu uma série de sonetos e poemas que será publicado em livro sob o título "Uma rua de Minas". Alem disso, ultima os capitulos de uma novela escrita em parceria com Osvaldo Gouvêa.

— Está no ar, através do microfone PRE 8, uma nova produção de Diva Paulo. Trata-se de "Problemas Sentimentais", programa de interesse feminino que, durante algum tempo, manteve na Rádio Cruzeiro do Sul. Trata-se da condensação do caso sentimental das ouvintes.

— Os "comandos Tupi" que estavam suspensos, voltaram a atacar, sob a direção de Carlos Frias, Edgard de Carvalho e Sebastião Izaias. Focalisando os fatos de maior destaque e que de perto interessem à coletividade, essas palpitantes reportagens da PRG-3 devem sua interrupção à saida de Manoel Barcelos da emissora associada.

— Regressou nos primeiros dias de junho aos Estados Unidos, afim de tomar parte nos programas da Columbia Broadcasting System, da qual é contratado, o cantor Dick Farney. Sua nova estada no país amigo prende-se, ainda, a um contrato com uma das importantes fabricas de filmes.

Wahita Brasil está personificando interessante tipo, em "Leilão de perguntas", programa de auditório que a Tupi transmite às terças-feiras.

Bob Nelson, de tão popular, está ganhando vacas e touros. Breve, vendera bezerros...

O MORTO QUE NÃO MORREU

BOB NELSON especializou-se na interpretação das melodias de "cow-boy". E' como tal que se apresenta ao microfone da PRE-8, envergando sempre os trajes caracteristicos dos vaqueiros americanos, para cantar "Santa Fé", "Minha linda Salomé", "O boi Barnabé" e tantos outros números que formam seu repertório.

Com cinco anos de atuação no rádio tornou-se figura popular em todo o Brasil. Uma admiradora paranaense, presenteou o "cow-boy" do rádio com uma vaca. Um fã paulista, querendo, também homenagear o intérprete de "O boi Barnabé", fez-lhe presente de um touro, ao qual deu o nome da música em aprêço. Recentemente, inimigos gratuitos do exclusivo da Rádio Nacional espalharam a falsa notícia de sua morte. Foi um Deus nos acuda de tanto telegrama. Felizmente, Bob Nelson está no Rio e pôde "ressuscitar" para seus inumeráveis ouvintes, desfazendo a "onda" criada em tôrno de sua pessoa.

O jovem artista nasceu em Campinas. Seu nome verdadeiro é Nelson Roberto Perez. A primeira estação em que trabalhou foi a Tupi bandeirante. Bob Nelson, de tão popular, está ganhando vacas e touros. Breve, vendera bezerros...

LIBERDADE MENTIROSA

A propalada independência de nossos "radio-men", não passa de pura balela. Sujeitos às restrições do patrocinador, mutilam idéias para garantir a entrada da verba nos cofres da emissora. Esta, a razão de não raro ouvirmos programas medíocres com a assinatura de técnicos de certa nomeada, os quais vão, aos poucos, se desmoralizando. E' que as imposições dos anunciantes geralmente preponderam sôbre as opiniões e o gôsto dos redatores. Êstes, embora constituindo o sustentáculo de um programa, perdem terreno para aquêles que dispendam a verba de propaganda. Os redatores, mesmo conhecendo a arte de conquistar o ouvinte, sentem-se enfraquecidos para argumentar com os anunciantes, tamanha a influência que o patrocinio representa para os diretores das estações. É atendendo aos desejos de quem distribui publicidade e não ao gôsto do ouvinte, que a emissora assegura o seu meio de vida. Infelizmente, êsse atraso, deve-se à falta de coragem dos diretores, que não sabem reagir nem esclarecer os que anunciam no rádio. Há anunciantes que adulteram todo um plano de trabalho, com sugestões absurdas e palpites inconcebíveis. Os diretores cruzam os braços... e aos pobres redatores cabe a execução dessas monstruosidades, seja lá como fôr. É necessário garantir o emprêgo e represar o dinheiro para o cofre da estação. Fora disso, nada mais interessa. Nem tampouco existe argumentação capaz de quebrar a teimosia de um patrocinador. Sua opinião é soberana. Por isso, não têm os nossos "broadcasters" a total responsabilidade do fracasso das suas realizações. Êles são, unicamente, vítimas de criaturas que, em matéria de rádio, são sòmente estôrvos. Eis aí o motivo porque se deve instruir o anunciante. Feito isso, o rádio-man" ver-se-á livre da escravização, podendo proclamar sua independência e ser responsabilizado por tudo quanto trouxer o seu nome. Caso contrário, não passaremos dos calouros e dos programas com cheque...

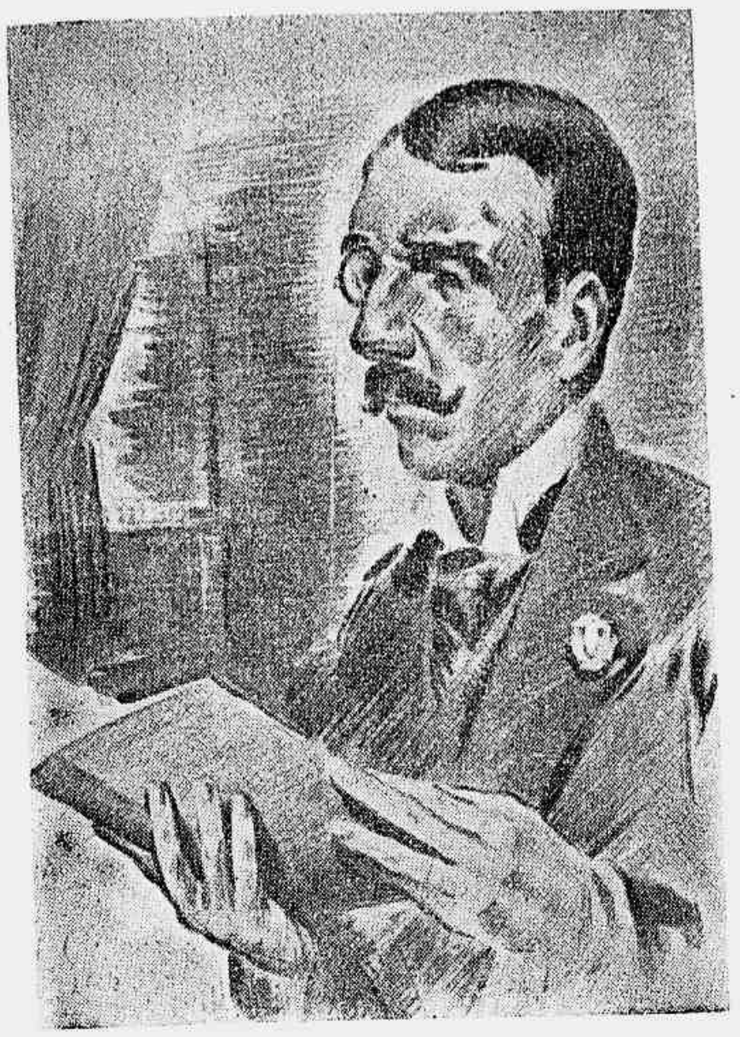
A. MIGUEIS

O RADIO NÃO DAVA PARA COMER

O rádio não dava para comer. — diz Flora May. Ela está muito bem no teatro, trabalhando há dois anos com Henriette Morineau.

FLORA May, hoje integrando o elenco da sra. Henriette Morineau, foi uma das intérpretes da novela "Em busca da Felicidade", que a Nacional apresentou com invulgar êxito. Coube à conhecida artista o papel de Miss Kitty, uma excêntrica milionária, cuja mania era desvendar a vida alheia. Nesse papel, contracenou com o saudoso rádio-ator Silvio Silva que, por sua vez, desempenhava o papel de chefe de uma sinistra organização de espionagem. Flora May retornou ao palco, desgostosa com o salário que lhe queriam pagar no rádio. Silvio Silva a morte levou, depois de longa enfermidade.

VIDA Literária



Eça de Queiroz, em um trabalho do artista português Varela Aldemira. Seus direitos autorais vão, finalmente, cair em domínio público.

Cemitério de livros

Nunca se falou tanto como agora no livro brasileiro, o que seria naturalmente um ótimo sinal, não fôsse apenas para se dizerem horrores da sua situação cada vez mais precária. De fato, não há comentarista das nossas coisas literárias que não esteja clamando diàriamente contra a espantosa crise que atravessa a produção livresca do Brasil. Parece que nunca se publicou tanto, mas também nunca se vendeu tão pouco.. Aí estão, por exemplo, todos os dias as livrarias da rua de São José, último reduto da letra de forma no Rio, como se sabe, fazendo fôrça na sua batalha do livro, impondo a preços irrisórios os milhares e milhares de encalhes de suas prateleiras. Primeiro foi uma liquidação pela metade do preço, feita o ano passado, com subvenção da Prefeitura. A coisa deu então como uma praga pela vizinhança. Daí para cá é o que se vê. Cartazes proclamando abatimentos de vinte, trinta e cinquenta por cento em volumes novos em fôlha, pilhas e pilhas de obras de tôda classe há muito desaparecidas da circulação e que por misteriosos designios novamente se canalizam para os balcões. E' claro que a maioria se destina a afrontar ainda inutilmente o interêsse do leitor, mesmo ao mísero custo de cinco ou dez cruzeiros, em confronto com as novidades do dia, à cifra de quarenta e cinquenta. São os livros tocados pela inexorabilidade de sua sorte de eternos refugos, dêsses que, segundo a anedota, o autor manda dez em consignação, recebendo onze de volta. Outros constituem, no entanto, surprêsas deliciosas para o caçador de certa natureza de literatura, pois nem nos "sebos" se encontram mais, havendo ainda os que constituem também surprêsa, mas essa detestável, para os próprios autores, pois não há decerto sentimento mais humilhante para o escritor do que dar assim de cara com os montes dos seus rebentos espurios gritando despudoramente a quem passa o seu velho infortúnio de repudiados sem remédio. Dizem, porém, os livreiros que, por pior que seja o livro desencavado nessas copiosas exumações, sempre haverá um ou outro imprevidente que saia com um exemplar. Ainda o mês passado me contava um deles que, de todo o "mare magnum" que lhe invadira a casa em enxurrada, não sòmente de livros brasileiros como portuguêses e americanos, apenas um havia que se conservava intangível: "Ouço um rumor nas catacumbas", de Carlos Maul, que nem por êsse título radionovelesco enganava ninguém.

Não é menos certo, porém, que o leitor, por menos culto, raramente se furtará a deixar-se tentar por uma obra, que seja, das expostas, tantos os gêneros e a variedade dos preços muitas vêzes não indo além do de uma passagem de ônibus.

Ao lado disso, se tem qualquer curiosidade mais definida em matéria de letras, pode estar seguro de que não lhe será difícil catar pelo menos meia dúzia de volumes de ficção, de crítica, biografia ou de crônicas, ecléticos embora, mas em condições de terem o seu lugar ao sol em qualquer estante, isso principalmente, é melancólico dizer-se, mas é verdade, entre os livros antigos. Porque aqui se descobre muitas vêzes também que nem sempre, em literatura, é válida a regra da procura e da oferta. De mistura aos estupores que resistem impávidos a tôdas as investidas ao leitor há inegavelmente dolorosos exemplos de incompreensão, que só por êsse modo justificam ainda a existência de obras cujo valor há muito deveria ter determinado estarem esgotadas as respectivas edições, por mais numerosas que fôssem. Não vou aqui, nesta simples nota, enumerar dêsses achados de rei, mas nem por isso quero deixar de ao menos aconselhar que se vocês descobrirem ainda, por aí, algum exemplar das "Memórias" de Raul Brandão não deixem em absoluto de levá-lo. Peguem-se, um domingo, regaladamente, com êsse admirável evocador de homens, com êsse fulgurante comentarista de fatos e de obras, e vejam se uma coisa destas só por si não vale um passeio aos "cemitérios de livros" da rua de S. José, sendo apenas de lamentar que o diabo do homem não fôsse brasileiro, para dizer da nossa gente o que diz da gente dele. — H. L.

LIVROS CEARENSES

O jornal "O Povo", de Fortaleza, abriu um inquérito entre quarenta intelectuais cearenses da atualidade, para saber quais os seis maiores livros de autores cearenses de todos os tempos. Das quatro primeiras respostas sobressaem: "Iracema", de José de Alencar; "Finalidades do Mundo", de Farias Brito, e "Luzia Homem", de Domingos Olímpio, com três votos cada um, seguindo-se, com um voto: "Terra de sol", de Gustavo Barroso; "Tigipió", de Herman Lima; "Cantadores", de Leonardo Mota; "As três Marias", de Raquel de Queiroz; "Minha terra", de Antônio Sales; "Rimas", de José Albano, e outros mais.

OUTRO "BEST-SELLER" DE JOHN GUNTHER

Depois de seus famosos "inside" — Europa, Asia e América do Sul — John Gunther lançou agora, com o mais espetacular sucesso, "Inside U.S.A.", cuja venda vem atingindo cifras verdadeiramente fabulosas.

FRANZ KAFKA E SEU DIARIO

Duma espécie bem diversa do de Goebbels, recentemente aparecido, em grande estilo, nos Estados Unidos, é o diário de Franz Kafka que acaba também de ser publicado em Nova York. Êsse é o angustiado diálogo dum escritor de imaginação com o homem atual, do solteirão solitário e do amoroso, do artista com o homem pragmático, do judeu com o mundo judeu.

O POETA E O SEU MUNDO IMPOSSIVEL

No último suplemento de "Letras e Artes" vem um admirável poema de Ribeiro Couto, "História de meninos", que vale por uma verdadeira lição de poesia, no sentido de criação lírica de mundos. O poeta vive atualmente por trás da "cortina de ferro", onde os mais trágicos acontecimentos se processam diariamente. A garra do comunismo caindo de chofre sôbre a Europa Central, o domínio de Tito e Gottwald, o pseudo-suicídio de Masaryk, a lamentável passividade do velho presidente Bênes que poderia tão zelamente ter morrido com a liberdade da sua pátria, a tudo isso assiste de perto o poeta.

(Continua na pág. 56)

Ribeiro Couto, o poeta ilustre, que é também o nosso ministro em Belgrado.

José Lins do Rego

José Lins do Rego, detentor, com "Euridice", do Prêmio Fábio Prado

★

Os jornais deram a semana passada a notícia de ter sido premiado em S. Paulo, com o prêmio Fabio Prado (quinze mil cruzeiros) o romance "Euridice", de José Lins do Rego, lançado o ano passado e que já havia recebido, no Rio, o prêmio da Sociedade Felipe de Oliveira. Décimo primeiro duma série de livros vitoriosos, com êste poderoso escritor paraibano vem com bravura marcando sua admirável escalada na história do romance brasileiro, essa dupla distinção demonstra inegavelmente que o autor de "Menino de engenho", também premiado pela mesma Sociedade Felipe de Oliveira, quando aparecido ha quinze anos, tem sabido manter brilhantemente a qualidade da sua obra e a permanente elevação da sua arte. Erravam assim os que temiam que o romancista do ciclo da cana de açucar, longe do cheiro de mel dos seus engenhos, dos moleques do terreiro das fazendas da Paraíba, das suas negras bonitas e sofredoras e dos seus brancos versateis e tumultuosos, perdesse a chama criadora. Mas, já "Água mãe", tendo como cenario as margens da lagôa de Araruama, no Estado do Rio, e como personagem de relêvo um "crack" do futebol carioca, a estava como um de seus livros mais belos. O próprio José Lins, falando há dias no rádio, quando teve ocasião de dizer, com a maneira tão própria e tão original posta em tudo o que fez e escreve, assinalou essa vitória, embora modestamente observando que fôra muito mal sucedido quando tentara a mesma coisa com terras da estranja, como ao situar a primeira parte de "Riacho doce" na Suécia que só conhece de oltiva. O romancista nordestino é, aliás, dos mais humildes diante da critica e ainda recentemente vimos como êle proclamou sua resignação diante das restrições de seu amigo Alvaro Lins a proposito mesmo de "Euridice".

Com êsse romance: José Lins se viu transformado no autor brasileiro mais lido o ano passado, segundo depoimento de todos os nossos livreiros. A primeira edição, de dezesseis mil exemplares, esgotou-se em pouco mais de um mês, seguindo-se logo a segunda e a terceira.

Tendo como cenário principal uma pensão da rua do Catete com os seus tipos que já hoje vão escasseando, o estudante, o funcionário aposentado (o velho Campos das Águas, grande tipo de romance tipicamente nosso), a dona da casa, maternal e generosa, as meninas casadouras da família, êsse livro de José Lins se distingue dos outros da sua autoria, pela penetrante análise da vida interior de seu principal personagem, êsse fracassado Julinho, "filho de velhos", vindo "depois das alegrias do amor, como um intruso impertinente", envolvendo-se assim tôdas as suas páginas duma dolorosa atmosfera de anseios inuteis e de impetos frustrados, sejam os do integralista Jaime, sejam os do próprio Júlio, sejam os da amorosa e doce Euridice.

O romancista mostrou-se assim perfeitamente à vontade no seu novo clima carioca a disputar doravante a companhia especifica de Manoel Antonio de Almeida e de Lima Barreto.

LIVROS NOVOS

JOÃO LUSO

TERRAS E HOMENS

★

ENSÁIOS DE **RAUL DI AZEVEDO**

★

Pongetti — Rio de Janeiro 1948

Pela organização metódica, a linguagem familiar e invocativa, o tom particular de quem se dirige a um público presente, o primeiro dos trabalhos reunidos neste livro deve ter servido para uma conferência. Desenvolve o tema bem simpático, bem atraente: **O Maranhão e as suas glórias.** E não é difícil adivinhar os pontos em que o auditório sussurrou "muito bem" ou francamente prorrompeu em palmas. Na palavra fácil e como que desataviada do conferencista passa todo o Maranhão, a começar pela situação geográfica, o clima, com a sua temperatura média, e a água das chuvas, "avaliada em 259,9 polegadas de Paris"; a beleza panorâmica, a riqueza natural do solo e os acontecimentos da fase histórica em que tudo aquilo foi revelado ao mundo e entrou para a civilização. O batismo da região é recordado com as diferentes versões que a seu respeito se formaram: "E' terra ou mar? — **Oh, mar, não!**" eis uma delas. Outra se refere ao descobridor espanhol Maranhon, que teria ardado por aquelas paragens; outra ainda às mentiras ou engôdos, "maranhões", inventados contra os estrangeiros que chegavam... Em matéria histórica, porém, o que especialmente interessa ao autor são os homens notáveis que a benfadada terra maranhense ofereceu ao patrimônio glorioso do Brasil. Várias vezes êle volta a citar políticos, estadistas, militares, economistas, jurisconsultos, engenheiros, historiadores, romancistas, comediógrafos, poetas. Bem se sente o júbilo, a espécie de orgulho com que o orador profere êsses nomes ilustres e alguns verdadeiramente imortais. E o final se reveste de fervor religioso, com a exortação à "Mulher Maranhense, ao Homem e à Criança Maranhenses", para que sempre rezem "pela unidade e felicidade da sua Pátria, pela ventura da nossa querida, augusta e gloriosa Terra Natal."

Os outros capítulos constituem, com exceção de um apenas, biografias e panegíricos individuais: Aluízio Azevedo, Antônio José de Lemos, Sylvério Nery, Fileto Pires Ferreira, Afonso Pena. Todos êsses estudos vêm recheados de documentação; e neles o escritor proclama o intuito de fazer justiça. Representam muito mais do que isso as páginas relativas ao senador Lemos. Apesar da restrição contida em certa passagem: "Êrros, faltas, deslizes talvez?", valem por uma defesa ardente em resposta à maledicência, às calúnias e ao final assentado de que foi alvo o benfeitor e, durante tantos anos, amo e senhor da capital do Pará. Em todos os capítulos o cuidado honesto de esclarecer e o generoso ímpeto de louvar se evidenciam e prevalecem.

O presente volume vem figurar em vigésimo lugar na relação da bagagem literária do sr. Raul de Azevedo. E, não sendo talvez a mais valiosa, é de certo a mais bela das suas obras.

★

A SABEDORIA DE ISRAEL

★

ANTOLOGIA COLIGIDA E ANOTADA POR **LEWIS BROWNE**

★

Pongetti — Rio de Janeiro 1948

Uma nota liminar nos diz que o autor desta obra gastou muitos anos a preparar os elementos com que havia de a organizar; e, no momento de lançar mãos à obra pròpriamente dita, a sua maior dificuldade foi a escôlha dos trechos a aproveitar, porque tinha acumulado material de mais.

Folhear simplesmente o livro, que compreende seiscentas e trinta páginas, é imaginar o valor e a extensão da tarefa que Lewis Browne levou a cabo. Aqui se encontra o resumo de numerosos livros e, bem se pode dizer, de algumas bibliotecas. Nestes capítulos, o pensamento e a fé atravessam muitos séculos, representando incontáveis gerações. Não é leitura que se faça depressa nem por muito tempo seguido. A cada momento, por assim dizer, teremos que afastar os olhos do texto, para repetir dentro de nós uma frase e sôbre ela refletir.

Começaremos por atentar na amplitude e alcance do têrmo "sabedoria", em inglês **wisdom.** O dicionário consultado pelo autor dá a êsse vocábulo a significação de "ciência, perícia, inspiração, erudição, filosofia, teosofia, biosofia e senso comum". E os dicionários hebraicos citam versículos das Escrituras para demonstrar que **hokhma,** designação mais própria da nossa "sabedoria", tudo pode abranger, "desde o discernimento divino até à astúcia trivial". Assim nos encontramos perante uma idéia que é um mundo de idéias, ilimitado e eterno.

A matéria da obra, que parte dos chamados Livros de Moisés e chega até nossos dias, comporta pensamentos avulsos, provérbios, passagens poéticas, excertos de discurso e de sermão, apólogos e até algumas anedotas das que servem para alegrar almanaques e folhinhas, e que, vindas de tão longe, andam na bôca da gente de hoje e parecem perfeitamente atuais.

Entre as sumidades que nos ensinam a viver dignamente, nos revelam segrêdos augustos ou simplesmente nos contam historietas estão patriarcas, profetas, soberanos e autoridades, guerreiros, filósofos, homens de ciência e homens de letras, tôda a sorte de pensadores e artistas. Na parte intitulada **Humorismo yiddish,** (judaico) como em diversos outros capítulos, há uma série de facécias devéras curiosas... e modernas. São pilhérias correntes entre os judeus da antiga Sociedade Russa de Colonização e, diz o autor do livro, "merecem ser consideradas parte do sabedoria de Israel, razão por que alguns exemplos foram incluídos nesta antologia". Abrindo a série jovial, vem a seguinte explicação do que seja do melhor ouvinte do gênero:

"O melhor ouvinte para uma piada, dizem os judeus, é um aristocrata russo, porque ri três vezes: quando ouve e gracejo, quando êste lhe é explicado e quando, finalmente, êle o entende.

O oficial russo já não é tão bom ouvinte; ri apenas duas vezes: quando ouve a pilhéria e quando lh'a explicam. Nunca chega a entendê-la.

O camponês russo é ainda pior; só o vereis rir, ao ouvir a anedota. Não tem tempo para esperar a explicação; e, ainda que o tivesse, não entenderia.

Mas o pior ouvinte é qualquer judeu, por que êste não ri nem uma vez. Mal começais a contar a historieta, êle intervém com pouco caso:

— Ora! Essa, eu a sei desde o bêrço!"

★

A MULHER

★

FLORILÉGIO COMPÔSTO POR **MEIRA PENNA**

★

Rio de Janeiro 1948

O sr. Meira Penna foi a todos os mananciais donde podia colher elementos para a formação destas trezentas e tantas páginas. Recorreu às enciclopédias, aos livros de máximas e pensamentos, aos almanaques, às "variedades" de revista, até às suas impressões ou recordações pessoais; e assim a matéria do presente volume oferece uma variedade que vem do mais grave filósofo ao humorista mais ligeiro.

Aqui para nós que ninguém nos ouve — ou ninguém nos lê — o sr. Meira Penna abusou um tanto da liberdade de citar autores ilustres. Não faltam no livro produções ou excertos bem pouco relacionados com a definição ou a apreciação do que seja a Mulher. Estão neste caso os sonetos **Mal secreto,** de Raimundo; **A vingança da porta,** de Alberto; **Teu lenço,** de Guimarães Passos; um trecho de crônica de Guerra, de Eve Curie; a **Prece de Natal,** de Ruy Barbosa, etc. Foi excesso de entusiasmo pesquisador. No afã de descobrir e reunir concepções da inteligência humana, e do homem principalmente, inspiradas nas virtudes e defeitos peculiares ao belo sexo, sinceramente se lhe afigurou aproveitável tudo aquilo em que houvesse influência, vestígio, lembrança, reflexo, sombra de mulher. Afinal, não prejudicou isso o valor ou o interêsse da obra. E' êste um dos casos, não muitos, em que acerta o velho axioma: o que é de mais não faz mal. E o importante a notar está na feição geral da coletânea. Se por alguma coisa pecou o sr. Meira Penna, não foi por falta de gôsto. A sua índole de artista, em obras anteriores assinalada, aqui se confirmaria — se ainda precisasse disso.

Além do mais, o seu livro pertence ao número dos que se devem guardar como possivelmente necessários. Convém tê-lo à mão para o que der e vier. Qualquer homem, para se sentir aprovado, defendido, garantido ou vingado, pode precisar, um dia, de saber o que os outros homens teem pensado ou dito da Mulher.

★

Procuremos conhecer a vida

★

Páginas de moral e de religião por MESSIAS TAVARES DA CRUZ

★

Editora Era Nova Ltda. Bahia — 1948

Seguindo o conselho dos filósofos, de alguns pelo menos, e de outros homens de saber e experiência superiores, ensina o autor dêste livro que ninguém se deve preocupar com o que possam dizer a seu respeito. Tal princípio naturalmente abrange tudo quanto se diga de mal ou de bem. Isola o indivíduo da opinião dos seus semelhantes. Torna-o não só indiferente mas alheio à maledicência como ao louvor, à crítica severa como ao juízo benigno, afetuoso. Coloca-o em situação de não querer saber, não saber realmente o efeito que a sua vida e as suas obras produzirão no ânimo das outras pessoas, quer as que se considerem na obrigação de julgar, quer as que, sem pretensão a dirigir ou influir, expendem o que sentem, naturalmente. Tais as deduções que qualquer pessoa poderá tirar da lição dos filósofos invocados pelo sr. Tavares da Cruz. Êste, porém, não pensa inteiramente assim. Abre exceções, uma pelo menos, àquela regra moral. E de como lhe importa o que a seu respeito se possa pensar e externar, constitui prova bastante o fato de haver enviado êste livro à imprensa, naturalmente para ser apreciada.

Fez bem. O livro é simpático e dá gôsto à gente. O autor cuida da felicidade alheia, ministrando conselhos tirados dos livros santos ou das obras profanas, em todo caso salutares. Faz obra própria ou continua a de outros pensadores, sempre sinceramente e na mais louvável das intenções. Às vêzes, como que o vemos hesitar entre duas correntes de idéias que se contradizem. Quando, por exemplo, reflete: "Dizem que somos senhores do nosso destino. Dizem ainda que o destino tem absoluto domínio sôbre nós"... Então, a si mesmo se pergunta qual das duas teorias se deve realmente aceitar. Desenvolve essa interrogação, acentuando-a com hipóteses, tentativas de previsão. E convence-se de que "o nosso procedimento não poderá jamais assentar em dogmas invariáveis". Pelo livro fora, análogas questões se oferecem, ora com a intenção de serem, ali mesmo, resolvidas, ora deixadas em suspenso, para que nós, se pudermos, as resolvamos. E' a colaboração que tantos autores reclamam do leitor e que êste, se bem intencionado, se esforçará por lhes prestar.

★

RECEBEMOS:

O Tenente General Gaspar de Godói Colaço e o Castelhano e seus ilustres descendentes em Piratininga — Respectivamente conferência e artigo de jornal, de autoria de I. P. Leite Cordeiro — São Paulo, 1948.

Produção e saúde, "crônicas de dois minutos, de Hugo Firmesa — Rio de Janeiro, 1948.

Alergia, por Mario Miranda, publicação do Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro, 1948.

Palestras de Higiene, por Savino Gasparoni, publicação do Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro, 1948.

Hiporanga, por Arnaldo S. Thiago, separata da revista **Atualidades** — Rio de Janeiro, 1948.

Afrânio Peixoto, homenagem prestada pelo Instituto de Coimbra e o Instituto de Estudos Brasileiros — Coimbra, 1948.

NOS BASTIDORES FEMININOS

VOCÊ poderá ser útil aos outros e a si mesma, se assim o decidir, e, qualquer que seja o caminho que você tome nesse sentido, o resultado só poderá ser excelente. Em verdade, não compreendo uma vida vazia e inútil, onde nada se tente em benefício alheio e, consequentemente, em benefício próprio. E' imenso o número das que nada fazem ou então que apenas se preocupam com si mesmas; a aparência, as modas, etc. Estas preocupações seriam até muito bem aceitas se a elas se aliassem outras mais úteis. Não falo, é claro, daquelas que já trabalham sete ou oito horas por dia, numa oficina ou num escritório, produzindo, muitas vêzes, coisas essenciais à nossa vida. Estas são úteis a si mesmas porque não se entregam à preguiça e à negligência e preferem o trabalho honesto a situações mais rendosas; elevam-se diante de si e dos outros; são úteis aos demais porque, com o seu trabalho, levam o confôrto e a tranquilidade aos que delas dependem, além de, com a sua atitude, darem um exemplo da dignidade humana. Refiro-me, portanto, àquelas que, por se encontrarem numa situação financeira privilegiada, e, por negligência ou indiferença, levam uma vida fútil, não empregando um só minuto dos seus dias numa tarefa dignificante. E há tanta coisa, tanta coisa a fazer! Coisas que não requerem grandes

(Continua na pág. 54)

VIRGINIA MAYO (R.K.O.)

JEANNE
LAFAURIE
MOLYNEUX
Gala

ESTAMOS em plena "season"; as mulheres se enfeitam ainda mais e para isso contam com as novas e deslumbrantes criações dos costureiros franceses. O primeiro modêlo, de Maggy Rouff, é em "faille" preto, corpo ajustado, drapeado na frente da saia e grande babado plissado em baixo que sobe atrás, formando "cascata". O segundo modêlo, de Marcelle Chaumont, é em tecido maleável, ajustado no corpo, com drapeado que sobe de um lado, caindo em "godet". O terceiro, de Révillon, é uma belíssima "saída", com mangas de raposa cinzenta. De Jeanne Lafaurie, temos êste elegantíssimo modêlo com original decote nas costas e corpo baixo com saia franzida. Finalmente, Molyneux apresenta-nos um modêlo em tafetá estampado, com grandes laços ao redor do decote

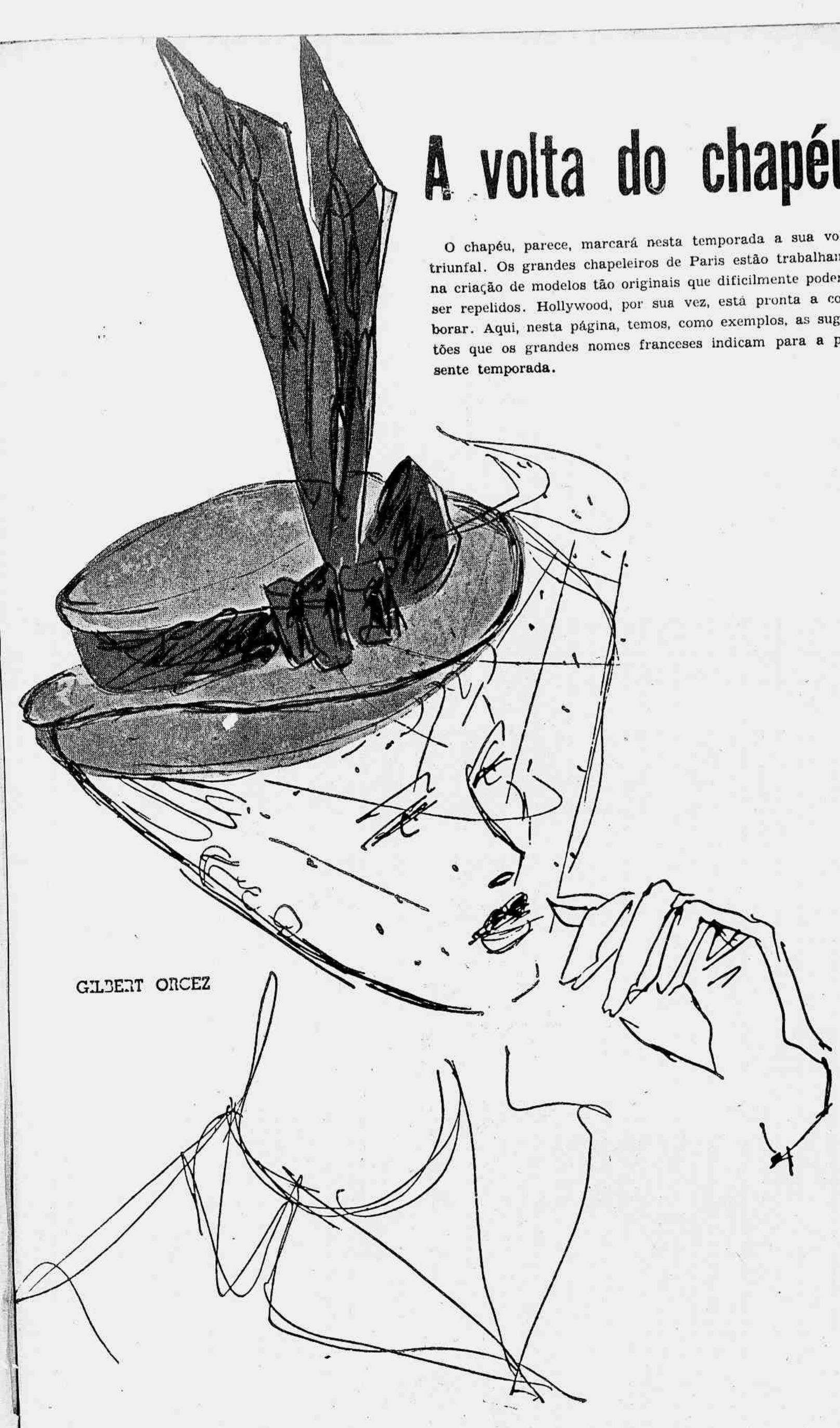
MODELOS PARA O INVERNO

Para os dias frios que atravessamos, aqui temos, estampados nesta página, dois recentes modelos que nos chegam de Paris. Sugestões de grande elegância, foram ambas criadas por dois grandes nomes da costura francesa — Lecomte e Charles Montaigne

Conjunto, de Germaine Lecomte, em lã em tom unido e quadriculada. A saia é quadriculada; a jaqueta e o casaco em tom unidos, guarnecidos com o tecido quadriculado. O segundo modêlo é de Charles Montaigne, em lã preta, prendendo na cintura e na gola com dois grandes botões,

A volta do chapéu

O chapéu, parece, marcará nesta temporada a sua volta triunfal. Os grandes chapeleiros de Paris estão trabalhando na criação de modelos tão originais que dificilmente poderão ser repelidos. Hollywood, por sua vez, está pronta a colaborar. Aqui, nesta página, temos, como exemplos, as sugestões que os grandes nomes franceses indicam para a presente temporada.



GILBERT ORCEZ

JANE BLANCHOT

DOMINO

LA MONIER
SUZANNE TALBOT

CLAUDE SAINT CYR

MAUD ET NANO

O ESPIRITO Feminino ATRAVÉS DOS TEMPOS

ACADEMIAS...

Quando, pela quarta vez, Vitor Hugo se candidatou à Academia Francêsa, todo o meio artistico e intelectual se movimentou em tôrno dessa nova investida do autor de Ruy Blas à imortalidade. A vaga que êle disputava tinha sido deixada pelo Arcebispo de Paris. A senhora Druet, o grande amor da vida de Vitor Hugo, lendo a notícia no jornal comentou:

— Vitor Hugo, inegavelmente tem grandes méritos. Não há nada que êle não possa fazer. Entretanto, duvido muito que o nomeiem Arcebispo de Paris.

★

FALTA DE VOCAÇÃO

A célebre trágica Réjane adoeceu e o médico decidiu aplicar-lhe umas sanguessugas. No dia seguinte, foi retirá-las e ver o resultado do tratamento.

— Que tal? — perguntou a atriz.

— Duas sugaram bem. Mas uma delas não quis pegar.

— Porque?

— Com certeza não gosta de sangue.

— Se não gosta de sangue, por que se fez sanguessuga? — interrogou a atriz.

★

CONFORTO

George Sand vivia sempre atrapalhada com suas dívidas. Precisava trabalhar desesperadamente afim de manter o crédito e, mal pagava uma conta, fazia novas dívidas. Balzac, muito seu amigo, certa vez comentou:

— Não há dúvida que nós dois temos um talento particular para arranjar credores...

— O que me consola é que Lamartine ainda é pior, — retrucou a romancista.

De fato, naquela ocasião as dívidas de Lamartine subiam a quase um milhão de francos...

★

AS DIVIDAS DA MARQUESA

A marquesa de Grandvilliers, que foi famosa pelos seus amores, como pelas cartas que mandava a seus admiradores, pedindo urgente socôrro financeiro para "desembaraçar-se de uma terrível hipoteca", foi surpreendida um dia pelo conde de Arrás comprando uma nova propriedade, por um preço bastante elevado.

— Como, marquesa? Mas não ia se desembaraçar de uma hipoteca? E já está fazendo novas aquisições?

Claro, — respondeu a marquesa. Sem comprar, não posso hipotecar... E sem hipotecar não posso dar a muitos dos meus amigos a oportunidade de se mostrarem galantes...

★

SIMPLICIDADE

Madame Maintenon, depois de haver desposado morganaticamente o rei Luís XIV, continuava muito simples e até mesmo severa, principalmente para com os aristocratas. Alguém lembrou-lhe que deveria ser mais condescendente, uma vez que também ela estava entre os nobres da côrte.

— Engana-se, — respondeu a nova rainha — não sou nobre... Apenas fui levada a viver entre os nobres...

★

PROFECIA

Também dêsse singular espírito feminino que foi Madame de Maintenon, conta-se a seguinte passagem: O rei Sol triunfava em tôda a Europa. A côrte real vivia na mais extraordinária pompa. Enquanto isso, a miséria assolava o povo francês. A paz estava ameaçada. Sentindo-se impotente diante de tão graves acontecimentos, murmurou:

— Com certeza estarei lá muito velha, mas é possivel que ainda assista a Revelação com que o povo revelará ao seu Principe o desgôsto com que suporta tais afrontas...

★

CONSELHO

Maria Rattazzi, escritora francêsa, sobrinha de Napoleão, no dia em que se casou recebeu o seguinte conselho de sua sogra:

— Minha filha, trate de se instruir, que isso não é de todo mau. Nunca se esqueça de trancar a porta com um grosso cadeado. E, sobretudo, deixe dessa mania de escrever!

★

DUAS PESSOAS

Sarah Bernhardt havia ido visitar um cemitério de certa cidade européia, quando deteve-se diante de uma tumba onde havia o seguinte epitáfio: "Aqui jaz L. T., advogado e homem honesto".

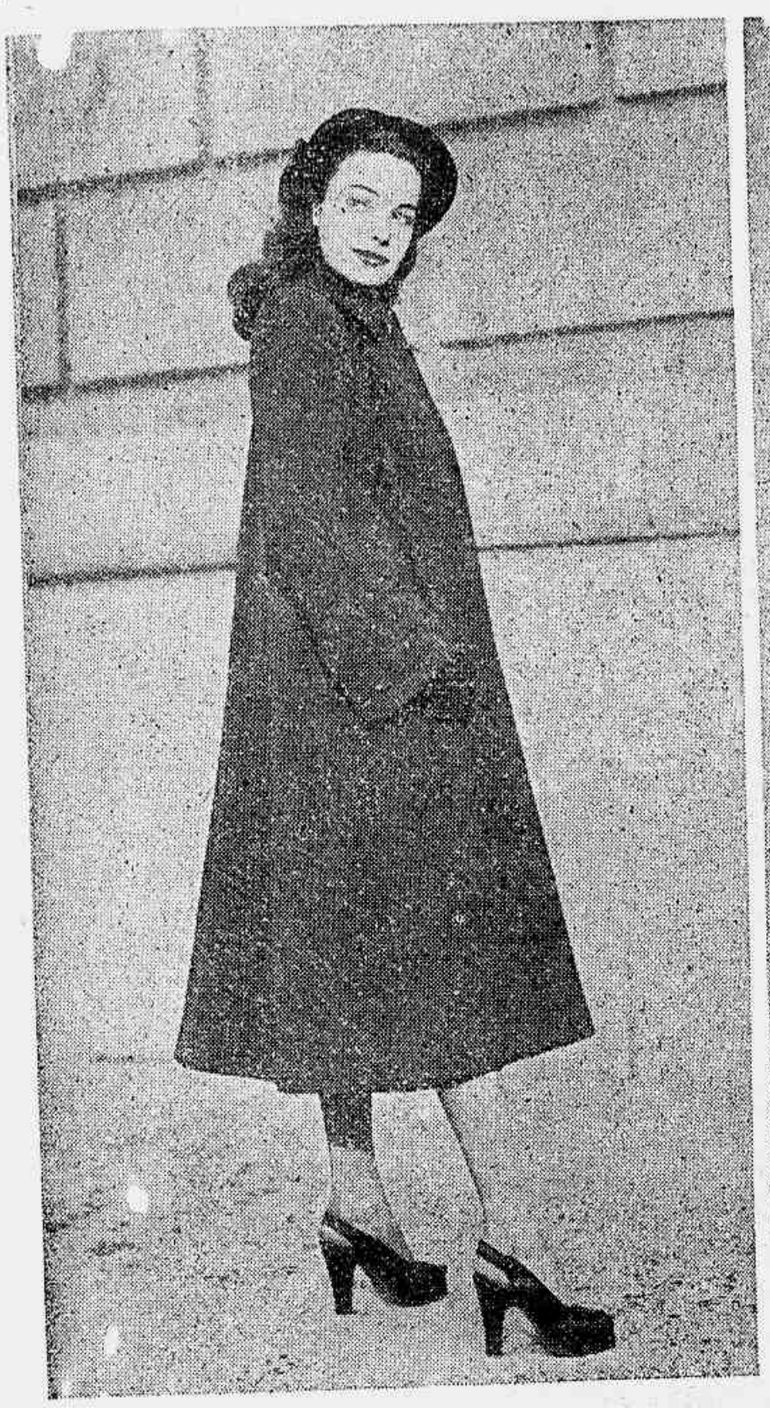
— Enterraram-se duas pessoas na mesma sepultura! — comentou a grande atriz.

(Seleção de L. B., especial para REVISTA DA SEMANA).

CABELOS CURTOS

CHEGOU a vez dos cabelos... Lindas e longas cabeleiras estão sendo derrubadas pela moda implacável... Os cabelos agora são curtos, é o que ditam os "mestres" francêses. Cabeça leve e jovem para contrastar com as saias compridas... Nada mais de penteados para as tranças ou coisas parecidas... Apenas cabelos curtos e soltos. Naturalmente aquelas que, devido à conformação do rosto não ficam muito bem com os cabelos muito curtos, poderão usá-los um pouco mais longos, porém sempre soltos. Rosalind Russell, Myrna Loy, Merle Oberon e Jane wyman, tôdas da RKO, são algumas das "estrêlas" que já adotaram a "nova linha" para os cabelos...

NOVOS AGASALHOS



OS casacos e capas de chuva devem, é claro, acompanhar a "nova linha". Usam-se os dois extremos; o "redingote" ajustado na cintura e o casaco de linhas amplas. Lois Collier, "estrelinha" da Universal-International, e Susan Hayward, também da Universal-International, exibem aqui alguns dos casacos que escolheram para acompanhar os seus novos vestidos: 1) Uma capa de gabardine que a protege da chuva e que tanto pode ser usado no inverno como no verão. Êste casaco, exibido por Susan Hayward, é um modêlo em lã azul-marinho. 2 — Casaco em tecido felpudo verde forte. Capuz do mesmo tecido. 3 — Casaco em lã amarelo canário; botões dourados, largos punhos.

MARIA MARGARIDA E O CULTO DA BELEZA

Maria Margarida costuma dizer que inveja as vocações definidas que se expressam na segurança de um plano de vida, de uma carreira única. Inveja a tranquilidade espiritual das garotas que escolhem aos quinze anos: — Eu quero ser professora. Ou bailarina Ou modista.

Ela não teve jamais essa limitação de vontade. Sempre foi uma inquieta. Pela curiosidade do espírito aberto a tôdas as indagações, pela riqueza da sensibilidade em permanente vibração, pela generosa capacidade de compreender, admirar, dedicar-se.

Antes da pintura, estudou música. Ainda hoje dedilha a harpa, instrumento que — talvez seja mau gôsto dizê-lo — colombina maravilhosamente com o seu tipo fino, olhos imensos, tranças de castelã, longas mãos sentimentais. Pensava, às vêzes, na carreira literária. E estudava sempre. Foi num curso de língua russa que conheceu o professor Ismailovitch. Então começou a pintar.

Estudou russo para conversar com Brailowski. Quando o conheceu, no Teatro Lírico, conversaram em francês; êle prometeu, brincando, que aprenderia o português para quando voltasse ao Brasil

— Não é preciso. O senhor é muito ocupado. Eu estudarei o russo.

Brailowski sorriu vagamente irônico: — O russo é muito difícil. Mais difícil que o latim.

Pois, quando voltou, dois anos depois, ela falava correntemente, lia e escrevia a língua de Dostoiewski. Para o pianista genial, essa foi a maior homenagem que jamais recebeu na vida, na sua gloriosa vida engrinaldada de triunfos.

O episódio define um traço fundamental de Maria Margarida; seu aprêço absoluto aos grandes artistas; aprêço que não poupa nenhum esfôrço para compreende-los. Tem horror às polêmicas de escolas e de estilos.

— Muitos criticam o meu gênero, a minha técnica, a minha maneira de pintar. Mas eu não seria sincera comigo mesma se fizesse de outra forma Entretanto, admiro muito Portinari. E tantos outros de escolas diferentes. O importante é a sinceridade.

Aos quinze anos adorava Guerra Junqueiro, o lírico das imagens inumeráveis; talvez seja uma reminiscência do poeta da adolescência, um dos seus quadros mais belos: A "Oração ao Pão". Agora, quando lhe pergunto pelos autores predilletos, não sabe escolher:

— Cada poeta, cada romancista, cada escritor nos enriquece tanto, que seria injusto dizer: — Êsse é o maior! Como escolher entre Puskin e Shakespeare, Anatole France e Dostoiewski? Depois, em certos dias, um livro obscuro de um escritor humilde nos revela, de repente, o infinito A questão é estar apto a receber a mensagem, que tanto pode vir num versículo da Bíblia, como numa crônica de jornal. Em música, a mesma coisa Se Bach, Beethoven, os mestres russos, Debussy, estão num plano à parte, há momentos para Mahler, Lizst, Schuman; para uma canção sem nome colhida na rua, e que nos embala docemente.

No momento, está apaixonada por Ouspenski o filósofo da Quarta Dimensão; aliás, desde moçinha, seu espírito inquieto se compraz na austera sombra dos filósofos.

Seu primeiro trabalho, uma composição muito brasileira exposta na Feira Internacional de Amostras, está hoje no Japão; tem quadros espalhados pela Europa e pelas Américas. Nenhum deles, entretanto, a satisfez inteiramente. — "A imaginação é mais rica, mais leve e mais ágil do que as mãos." — Gosta da série "D'Après Dostoiewski", hoje dispersa pelo mundo; de "Navio Negreiro", adquirido por Ana Amélia; e de "Vida Nova", que tem uma história. Representa um canto de casa pobre; sôbre a mesa branca, na parede branca, um enxoval todo branco, de bebê, estendido a secar; só uma nota de côr na tela; a chupeta. Êsse quadro fez chorar um poeta, Atílio Milano, que ha ia perdido um filho pequenino. Foi de Procópio. Hoje está com a família Chagas Freitas.

Uma história: Marilena e uma pretinha de oito anos; posou com um casaquinho vermelho, sob uma sombrinha verde para a admirável pintora de crianças. E achou-se tão bonita, e ficou tão feliz de se encontrar na tela, que, no fim da pose, pediu humildemente: — A senhora deixa eu beijar o meu retrato?

— Eu poderia fazê-las deformadas e monstruosas, essas pobres meninas pobres. Seria uma expressão de revolta. Prefiro fazê-las bonitas e harmoniosas, para dar-lhes essa alegria.

E nisso se retrata um ideal. O ideal de um mundo melhor, em que as meninas pretas e as meninas brancas, as pobrezinhas e as milionárias rodopiem de mãos dadas e cantem a mesma canção.

SARAH MARQUES

UMA TRAGÉDIA AOS TREZE ANOS

HA poucos dias o noticiário dos jornais estarreceu a opinião pública com o suicídio de uma criança de treze anos. Que se passara anteriormente com este menino para que, desesperado, lançasse mão do último dos recursos, da irreparavel solução, diante da qual, mesmo aquelas que já perderam quase tudo, hesitam e muitas vêzes recuam temerosas? Outro drama de morte? Cometera um crime infamante por acaso? Nada disto, apenas uma traquinagem de garoto, uma gazeta escolar, denunciada pela escola.

Diante da pequenez da causa para tão despropositada reação, somos obrigados a conjecturar sôbre o medo que teria o menino de seus proprios pais, medo tão insuportável e fantastico, que o fez preferir a morte a ter que enfrentar a censura paterna.

Os jornais informam muito pouco e nada dizem sôbre a vida anterior do infeliz menor, mesmo porque não é esta a função deles, e sim a de registrar os dramas já consumados, mas aqueles que lidam com a alma humana, sabem que os dramas nunca despontam no instante da eclosão, mas fermentam lentamente dentro do espirito, alimentados pela atmosfera circundante. O crime, como o suicídio, não são acidentes, mas processos lentos que se desenvolvem através da vida individual. Nada sabemos da vida pregressa desta criança precipitada, mas podemos concluir do seu ato desorientado, pelo menos um fato categorico: ele não confiava em seus pais. Esta é uma triste e lamentável afirmativa, porque sabemos o quanto é triste se sentir só diante da desgraça. E esta criança sentiu-se tremendamente só na hora dificil que lhe apareceu; não se lembrou de um colega amigo com quem desabafasse a aflição; não lhe ocorreu o nome de uma parente proximo e tolerante que preparasse terreno para o perdão paterno; não; êle contava apenas consigo mesmo e com os seus fracos treze anos e, por isso, desfaleceu, quando teve que enfrentar um êrro.

Quando refletimos sôbre êste caso, não podemos deixar de lembrar os processos educacionais ainda adotados pela nossa sociedade e que são os mais desarazoados possiveis; ao lado de alguns pais compreensivos, de outros excessivamente carinhosos, existe ainda a grande massa que usa e abusa da violência para educar os filhos; tenho assistido a demasiadas surras edificadoras para compreender o desespêro impotente de uma criança diante do adulto que a brutaliza. Já ouvi inúmeras confidências infantis e sei que muitas, (infelizmente é uma verdade), mas muitas crianças mesmo, afirmam que têm vontade de morrer, diante dos espancamentos sucessivos dos pais.

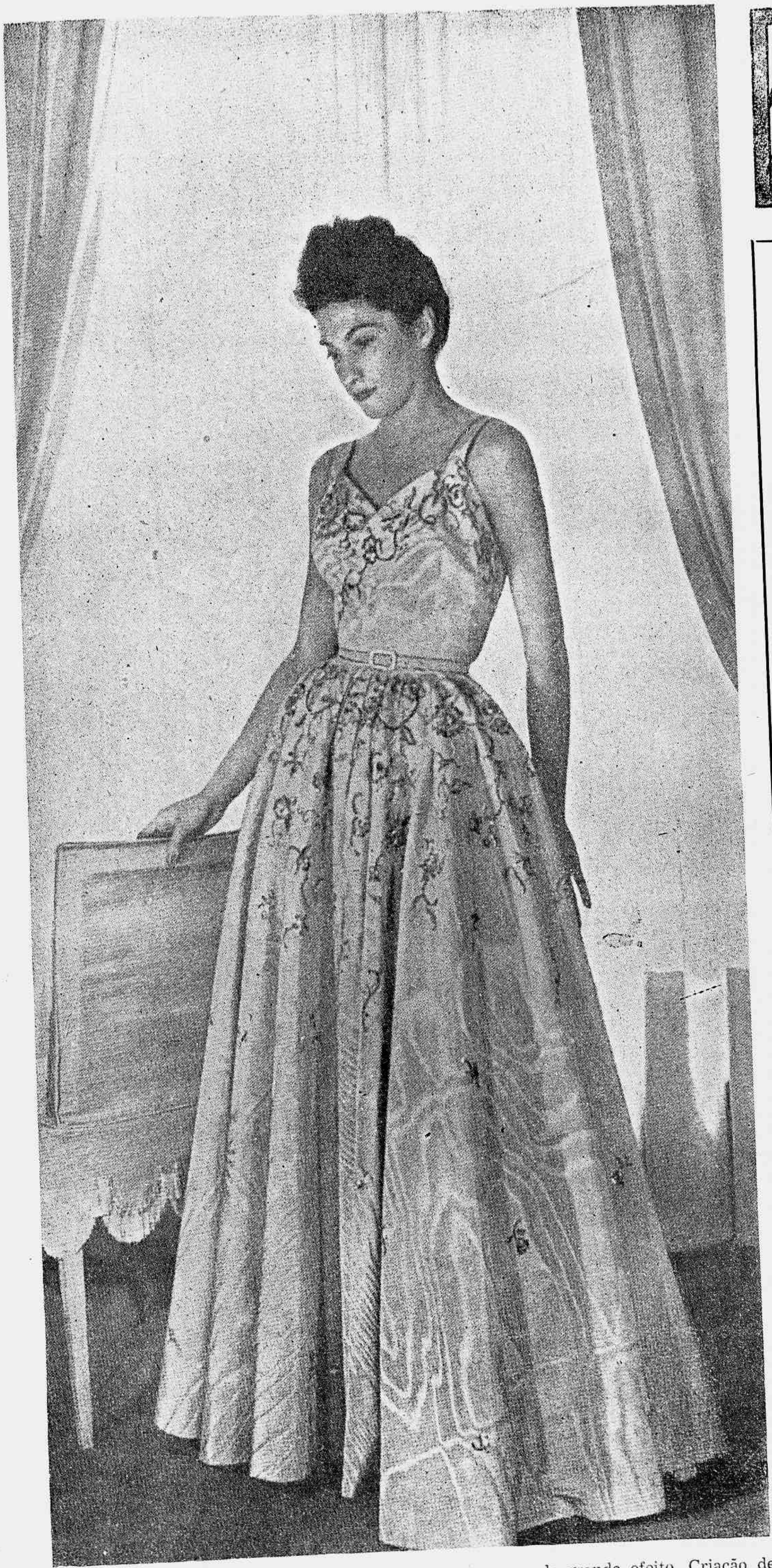
Outro ensinamento que nos traz o trágico fim desta criança é a necessidade de orientação educacional em nossos colégios; se houvesse um orientador hábil e um serviço organizado dêste genero, o fato poderia ter sido orientado numa outra direção; em primeiro lugar a orientação educacional previne e fiscaliza os casos de gazeta; quando ocorrem, estabelece antes da denuncia, e isto é importante, antes de comunicar à familia, investigar sôbre o fato com a própria familia, esta quando sabe do caso, já o encara de uma forma benévola e compreensiva, sem rigores exagerados de reação.

Creio que é tempo do nosso sistema educacional adotar certas medidas racionais de orientação de jovens; e para que os colégios particulares tomassem êste rumo, os oficiais deveriam dar o exemplo. Orientar os jovens no caminho adequado, procurando compreender os seus êrros e deslizes, não é agir com complacência, mas com sabedoria. Tão desorientada anda a humanidade adulta, que seria uma exorbitância nossa usarmos de tôda a severidade sòmente para as crianças.

ZOIA DE LAET

PARA "SOIREE"

De Paris nos chegam êstes elegantíssimos modelos para a noite. À esquerda, maravilhoso modêlo em tafetá cinza chumbo, guarneci-



do com larga renda de sêda negra; criação de Molyneaux. À direita, um lindíssimo modêlo em "moiré" azul-claro, guarnecido de bordados a a ouro, de grande efeito. Criação de Jacques Fath.

Muro das LAMENTAÇÕES

Leiam suas respostas

MATÊ FIGUEIREDO — Corumbá — Sem conhecê-lo pessoalmente, será difícil adivinhar o motivo, ou motivos, de seu pouco êxito em amôres. Diz você que seus idílios sempre começam bem, e acabam mal. Quer dizer que, ao se tornar melhor conhecido, você causa decepção às namoradas. Por que? Só você, mesmo, saberá responder, depois de fazer em si mesmo um rigoroso exame. Olhe cuidadosamente o seu aspecto físico, as suas maneiras, preste atenção à sua conversa, e em alguns dêsses pontos deverá se esconder a razão. Se nada conseguir, peça a um amigo íntimo que seja franco e diga o que encontra de desagradável em você. Talvez uma das próprias namoradas possa lhe prestar êsse serviço, desde que você esteja disposto a pedir-lhe sinceridade e a aguentar com as consequências.

Depois de descoberta a causa de seu insucesso junto às louras e morenas, o remédio, Matê, é procurar corrigir-se, melhorando em tudo quanto estiver ao seu alcance. Mas não se assuste, de um jeito ou de outro; ninguém nasce para ser sòzinho, e você há de encontrar, sem dúvida alguma o par que lhe sirva. Desde já felicidades, e esperamos em breve receber convite para as bôdas...

ROTEIRO — Pernambuco — De fato, o amigo está cheio de razões, e precisa tomar uma providência. Seu caso não é o primeiro em que uma felicidade conjugal ameaça ser destruida pela interferência de pessoas da família. A nosso ver, cumpre afastar imediatamente a tal cunhada, mesmo que seja preciso, para isso, haver um rompimento definitivo. Há tempestades que lavam, que limpam, e preparam um belo céu azul. E há chuvinhas miúdas, infernais, que duram semanas e meses, e acabam corrompendo tudo através de uma lenta dissolução. Será preferível enfrentar momentos desagradáveis, mas que durarão pouco, a tolerar uma situação falsa, que poderá prolongar-se indefinidamente, acabando por afastá-lo por completo de sua espôsa.

Êste, aliás, é o ponto principal. Será preciso, antes de tomar atitude, assegurar-se prèviamente a adesão da sua espôsa, para que mais tarde não surjam aborrecimentos. A mulher, quando gosta do marido, está naturalmente inclinada a preferí-lo em confronto com pessoas de sua família. Portanto, os trunfos estão em suas mãos. Assegure o apôio da espôsa, e depois lance um "ultimatum" à cunhada, marcando-lhe um curto espaço de tempo, findo o qual terá que deixar a sua casa. Crêmos que isso resolverá a situação.

Como compensação, poderá oferecer-lhe mesada durante algum tempo, até arranjar novo emprêgo, pois isso será o máximo de generosidade a que você está moralmente obrigado. Sob o ponto de vista legal, você se casou com a sua espôsa, e só a esta deve sustento; a cunhada nada poderá reclamar. Não é justo que ela, com a sua presença, venha destruir um lar que foi sempre tão feliz, conforme suas próprias palavras, e que merece ser defendido contra pessoas exploradoras e inconscientes.

CONFIDENTE

CORRESPONDÊNCIA

As pessôas que desejarem consultar-nos sôbre suas dificuldades, poderão escrever para REVISTA DA SEMANA, rua Visconde Maranguape, 15, Rio.

ESTAMOS numa época em que tudo é tão caro que para viver é preciso fazer-se uma verdadeira "ginástica". Isto, no entanto, não compreendem as nossas "deliciosas" cozinheiras, que, sem a menor compaixão pelo que é nosso, fazem grandes panelas de comida, num exagêro e descontrôle berrantes e, no dia seguinte enchem as latas do lixo com as "sobras". Não se dão ao trabalho de aproveitar coisa alguma, ou porque achem que a "madama" tenha muito dinheiro, não valendo a pena, portanto, poupar, ou porque não se querem dar ao trabalho de pensar, o que sem dúvida as faria sofrer muito. O mais simples é jogar tudo fora e fazer um novo menu. Muitas vezes também não sabem como aproveitar as "sobras" e, é bem possivel que até a própria dona de casa não tenha noção disso, permitindo então os exagêros e os abusos da cozinheira. Para orientá-la, escolhemos hoje alguns pratos feitos com "sobras" de comida, todos até de bom aspecto e ótimo paladar:

★

ARROZ DE FORNO

Ingredientes: arroz simples, aproveitado, manteiga fresca, queijo parmesão ralado, farinha de rôsca, azeitonas, três gemas.

Preparação: Aquece-se o arroz aproveitado, e enquanto quente despeja-se numa travessa, misturando-lhe uma colher de manteiga, deixando esfriar. Em seguida juntam-se duas gemas anteriormente desmanchadas e vai-se mexendo com uma colher de pau, adicionando-se aos poucos mais duas colheres de manteiga e metade do queijo ralado. Põe-se num prato que possa ir ao fogo e alisa-se por cima com uma faca molhada em manteiga derretida. Pinta-se com a gema restante desmanchada num pouquinho de manteiga. Cobre-se com farinha de rosca e polvilha-se com o queijo restante. Enfeita-se com as azeitonas e leva-se ao fôrno para assar.

★

BATATAS DOCES FRITAS

Ingredientes: batatas cozidas, banha e sal.

Preparação: As batatas cozidas que sobraram do almôço, são cortadas em rodelas e fritas em banha bem quente. Depois de fritar, põem-se sôbre um papel para ficarem bem sêcas. Servem para guarnecer assados.

★

OMELETE COM CARNE

Ingredientes: 100 grs. de banha, 50 grs. de manteiga, 250 grs. de carne cozida ou assada, 5 ovos, 1 cebola, 1 colher, das de chá de massa de tomates, sal, salsa, pimenta.

Preparação: Põem-se a manteiga e a massa de tomates numa caçarola e levam-se ao fogo. Quando estiveram quentes, acrescentam-se a cebola e a salsa picadinhas, misturando-se bem. Em seguida adiciona-se a carne prèviamente passada na máquina. Refoga-se tudo, mexendo sempre com uma colher, para que não pegue no fundo da panela. À parte, põe-se a banha, ou manteiga, na frigideira e leva-se ao fogo. Quando estiver quente, juntam-se os ovos batidos com uma pitada de sal. Mexe-se com um garfo e acrescenta-se aos poucos a carne que se preparou. Deixa-se cozinhar um pouco mais, viram-se as pontas para cima e depois enrola-se e serve-se.

★

CREME DE VINHO

Ingredientes: 500 grs. de açúcar; ½ copo de vinho branco, 10 ovos.

Preparação: Põem-se o açúcar e os ovos numa vasilha e batem-se muito bem. Em seguida, acrescenta-se o vinho e mistura-se bem. Põe-se numa fôrma untada com caramelo e cozinha-se em banho-maria no fogo.

MANHÃ E NOITE

★

Aqui apresentamos duas interessantes sugestões, a primeira, para o trabalho ou para sair pela manhã, exibida por Allida Valli, da RKO, é um "tailleur" de lã cinza com gola de fustão branca. A segunda, é um modêlo em cetim preto, corpete muito justo, grande banda drapeada sôbre os quadris, formando grande laço atrás.

A simpática "estrêla" da Universal International, apresenta-nos dois dos seus últimos modelos; o primeiro é um "tailleur" muito esportivo, em lã mescla. Blusa de sêda azul-marinho... O segundo é um vestido de veludo preto, com saia "godet", largas lapelas fingindo bolso, decote, em "V".

★

SUSAN HAYWARD

A Northwest Airlines, de 15 a 31 de março, pagou 3.000 dólares a passageiros sôbre vôos atrasados, de acôrdo com seu novo plano de restituição. Todavia, durante o mesmo período verificou-se uma melhoria de 40 a 50 por cento nas chegadas na hora, o que representa um fator compensador. Naquêle meio mês os aviões da companhia completaram 2.799 das 3.128 chegadas dentro de limite de tolerância de 30 minutos e foram feitas restituições de 5% sôbre o valor das passagens a menos de 5% dos 24.000 passageiros transportados. Dos 329 horários que deixaram de alcançar o limite de tolerância, 202 sofreram menos de uma hora de atrazo. As condições atmosféricas e do tráfego no aeroporto foram responsáveis por 80% das chegadas atrasadas.

★

A Pan American World Airways iniciou a construção, em Miami, Flórida, do que será a base de reparações aéreas maior do mundo, tendo, para êsse fim, arrendado nove grandes edifícios construídos durante a guerra para a Fôrça Aérea Norte-Americana, com uma área de 1.170.000 pés quadrados (cêrca de 500.000 metros quadrados). Segundo se calcula serão necessários dois anos para a terminação das obras, nas quais a Pan American inverterá aproximadamente dois e meio milhões de dólares, inclusive equipando os novos estaleiros com a maquinária mais moderna para a reparação de motores.

★

A American Airlines estendeu o pagamento de comissões a agentes aprovados pela Associação Internacional do Transporte Aéreo (IATA) para a venda de espaço para transporte de carga aérea. Os agentes antigamente eram pagos sòmente pela parte internacional dos transportes, mas agora receberão 5 por cento de comissão dos pontos de origem do sistema da American Airlines para qualquer destino do mundo.

★

Foi entregue recentemente ao tráfego a pista de terra NESW do aeroporto de Passos, no Estado de Minas Gerais. A pista tem 1.080 metros de comprimento por 60 de largura e poderá ser utilizada para aviões de características idênticas ao tipo Douglas "C-47", com restrição até 10.000 quilos de pêso total, a qual será levantada logo que a Prefeitura local execute os melhoramentos necessários.

★

Segundo foi divulgado, a Organização Internacional de Aviação Civil (ICAO) enviou aos 46 países seus membros, a 22 países não membros e a 5 organismos internacionais a Ordem do Dia referente à Segunda Assembléia, convidando-os, ao mesmo tempo, para a assistirem. A dita Assembléia inaugurar-se-á a 1.º de junho, nos edifícios ocupados em Genebra pela Organização das Nações Unidas, e durará umas três semanas, aproximadamente.

Os trabalhos da Assembléia serão divididos entre quatro comissões, a saber: administrativa, técnica, econômica e jurídica. Entre as questões a tratar, acha-se o orçamento para o exercício 1948-49, com o correspondente prorrateio de cotas entre os Estados contratantes; as relações entre a Organização e a ONU, assim como com outros organismos internacionais; as "Normas e Métodos Recomendados"; as taxas excessivas que gravam o transporte aéreo; o programa estatístico da Organização; a criação de um organismo internacional que explore os serviços e instalações de comunicações e ajudas terrestres; assim como também um projeto de convênio relativo ao "reconhecimento internacional de direitos sôbre aeronaves". A Comissão Econômica estudará de novo o informe que resultou da conferência especial celebrada em novembro passado, em Genebra, que tratou da redação de um convênio relativo ao "Intercâmbio Multilateral de Direitos Aéreos Comerciais".

★

O relatório anual da Alaska Airlines para o ano fiscal terminado em 31 de outubro de 1937 apresentou um prejuizo de 709.701 dólares, o qual, somado ao deficit anterior, de 953.397 dólares, deu à companhia um déficit total de 1.663.097 dólares até o fim do ano. O referido déficit foi contraído a despeito do aumento de 65 por cento nas receitas em operações sôbre o período anterior de 12 meses.

★

A Aviation Maintenance Corp. completou os preparativos para fabricar, vender e pôr a serviço o radar aéro-transportável Allison recentemente desenvolvido para uso de aviões comerciais. O aparelho Allison é descrito como um auxiliar da navegação e contra colisão, com um raio de ação máximo de 150 milhas. As montanhas são por êle identificadas a 80 milhas, as cidades a 40 milhas e as aeronaves a 20 milhas. Instalado no nariz do avião, o aparelho esquadrinha um setor de 180 graus para a frente e preserva o contôrno da fuselagem. Seu pêso é de 56 libras, apenas, ou sejam 26 quilos e 300 gramas aproximadamente.

★

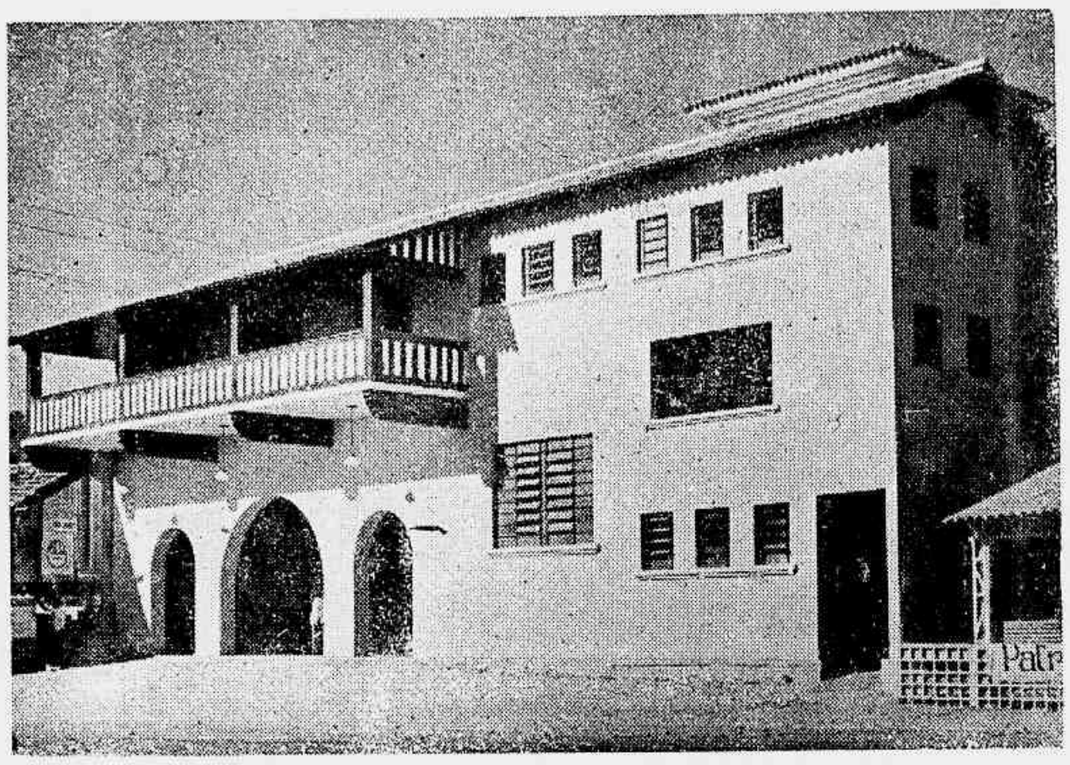
A Consolidated Vultee Aircraft Corporation divulgou que um bombardeiro "B-36" permaneceu no ar durante mais de 30 horas num vôo de experiência. Isto constitui um récorde para um avião de bombardeio daquêle porte.

A XII EXPOSIÇÃO AGRO-PECUÁRIA DE LEOPOLDINA

INAUGURA-SE HOJE O GRANDE CERTAME ★ INTENSA EXPECTATIVA EM TÔRNO DO SEU DESENROLAR ★ ESPERA-SE SEJA ULTRAPASSADO O SUCESSO DE 1947 ★ ANIMAIS IMPORTADOS, DE VÁRIAS RAÇAS E PROCEDÊNCIAS, SERÃO EXIBIDOS EXTRA-CONCURSO ★ VALIOSOS ESPÉCIMES DOS CAMPOS LEOPOLDINENSES EM SENSACIONAIS CONFRONTOS ★ O CONCURSO LEITEIRO, SEMPRE UMA ATRAÇÃO ★ BELA MOSTRA DE PRODUTOS AGRÍCOLAS

LEOPOLDINA, o maior centro de gado leiteiro do Brasil, inaugura hoje a sua décima segunda mostra anual de animais e produtos agrícolas. Êste é um acontecimento aguardado todos os anos sob a intensa expectativa dos meios pecuaristas nacionais, dadas as proporções do soberbo "meeting" e a sua repercussão pelo País inteiro. Já se disse, e é uma verdade, que as exposições leopoldinenses romperam as comportas do âmbito regional e se projetaram em largas ressonâncias pelo Brasil afora. E' que o trabalho paciente e metódico de várias gerações de criadores deram o magnífico fruto exibido anualmente com justificado orgulho. Eis por que é sempre crescente o êxito dos certames de Leopoldina, para onde acorrem visitantes de numerosos pontos do Brasil, ávidos de presenciarem um espetáculo sempre novo e sempre atraente.

Muito embora a exposição de 1947 haja assinalado um sucesso até então inatingido, estamos seguramente informados de que, a que hoje se inaugura tão auspiciosamente, suplantará a anterior. Basta referir a exibição de valiosos lotes de animais importados das suas fontes de origem, tais como a Holanda e os Estados Unidos, para se ajuizar do esplendor da grande reunião agro-pastoril. Isto sem falar nos espécimes nascidos e criados em campos locais, que ostentam toda a pureza e todas as virtudes das mais famosas raças leiteiras, e que, por si só, asseguram o êxito das exposições de Leopoldina. Pois neste ano teremos lotes de bovinos europeus e americanos lado a lado com os representantes da "élévage" crioula. Serão espécimes das magníficas raças Holandesa Preta-e-Branca e Vermelha-e-Branca, Guernsey, Jersey, Schwitz e Simental, o que, estamos certos, virá contribuir em muito para a mais completa vitória da XII Exposição. As raças indianas tambem serão representadas por belos exemplares, o mesmo acontecendo com os equinos, asininos, suinos e galináceos.



Vista do Pavilhão Central do Parque da Exposição.

Na parte agrícola, a XII Exposição de Leopoldina alinhará os mais perfeitos produtos de sua adiantada lavoura, a exemplo do que aconteceu no ano passado. E para remate de tão brilhante parada, certamente teremos um concurso leiteiro cercado das mesmas características de sensação de que se têm revestido os anteriores, concursos êsses que são o ponto alto dos referidos certames, nos quais já foram batidos todos os recordes nacionais e sul-americanos. A Exposição que hoje se inicia será, não temos dúvida em afirmar, mais uma espetacular vitória da criação nacional.

SUA EXCIA. O SCHISTOSOMA

(Cont. da pág. 10)

tro dele sai um "bichinho", o miracidio. Êste penetra no caramujo, onde se reproduz, dando origem às larvas, que entram no homem através da pele. A "grosso modo", eis o mecanismo da morte. O círculo assim se fecha; homem, caramujo, homem. E sòmente o homem, pois nenhum outro animal está sujeito à esquistosomose.

Acima ficam as razões por que são perigosas as águas onde existe o caramujo, não qualquer espécie de caramujo, mas os de uma certa espécie. E eis por que o banho nessas águas constitui um perigo e êsse perigo é maior justamente nas horas mais quentes do dia, quando as larvas abandonam o caramujo.

Muitas e muitas águas estão infestadas de larvas do miracidio. Estou escrevendo de Belo Horizonte, e poderia, daqui mesmo, indicar córregos, riachos, lagos e lagoas perigosas. Certamente, levantaria uma grita tremenda dos senhores das terras onde êles estão situados, pois estaria, assim, concorrendo para a desvalorização de seus ricos latifúndios.

Basta, porém, citar o exemplo da famosa lagoa da Pampulha. Foi ela um tremendo foco de esquistosomose, mas, durante muitos anos, não só os proprietários de lotes ali situados, como o próprio govêrno conseguiram esconder a verdade. Coisas do Estado Novo, em consequência de que, milhares e milhares de pessoas adquiriram esquistosomose. Outro foco foi o Parque Municipal, no coração da cidade, onde namorados, ou apenas estudantes, passeiam de barco e se distraem mergulhando a mão dentro dágua. Diz-se hoje que em ambos não mais existe o schistosoma, pois desapareceu o caramujo, o hospedeiro, mas não se está muito certo disso. Os médicos que estudam o assunto dizem, particularmente, que o perigo desapareceu, mas não existe a palavra oficial e, portanto, não se tem certeza, e nisso, pois, a burocracia também colabora para o alastramento da endemia.

O HOMEM CARREGA A MORTE NO INTESTINO

Mas, como ia dizendo, a larva penetra no homem pela pele, passa ao sistema circulatório, vai ao coração, aos pulmões, onde permanece durante algum tempo (questão de dias) vai ao fígado, e, por fim, às veias intestinais, onde encontra o seu "habitat". O que caracteriza a moléstia é, principalmente, uma série de distúrbios intestinais. Fora disso, o doente nada demonstrará, à primeira vista. Se é gordo, gordo poderá continuar pelo resto da vida e carregará, durante anos, sem maiores tropeços o seu "schistosomasinho". O fígado, o baço, os intestinos, outras vísceras, outros órgãos, vão sendo atacados, e, um dia, a resistência do organismo cai, o doente começa a emagrecer e sobrevem a morte. Tudo muito simples. A esquistosomose tem matado milhares e milhares de pessoas e, a maioria, terá deixado de viver sem saber a moléstia que o vitimou. E a familia diz que a causa foi "febre dágua" ou "febre tifo".

A luta contra a esquistosomose está apenas começada. Não teve início há muito tempo. Só recentemente os nossos especialistas voltaram sua atenção para ela. Ainda assim, a luta se mantém na órbita da iniciativa particular. Do ponto de vista governamental, o assunto está sendo tão descurado como os demais problemas de interêsse vital para o nosso povo. Não há hospitais, não há clínica especializada, não há uma estatística exata.

Médicos à procura de caramujos podem ser encontrados nos arredores de Belo Horizonte, nas zonas de Pedra Azul, de Brazilia, de Pains, de Santos, de outros pontos do Brasil, mas são abnegados que veem mais que um palmo adiante do nariz. São porém, tais as condições em que trabalham que muitos caem no desespêro e desistem.

Mas, não há de ser nada. O verme vive apenas de 18 a 20 anos no organismo humano...

UMA QUINTA COLUNA...

E, agora, lhes conto de como a esquistosomose emigrou para o Rio Grande do Sul. Foi isso o que prometi no início desta reportagem. Não é uma linda história, já disse. Se vou narrá-la é por que ela constitui uma dessas tremendas demonstrações do descaso com que é tratado o elemento humano, entre nós, a nossa mocidade, mais pròpriamente.

E sob êsse aspecto é uma história edificante, muito edificante.

Dizem que em terras gaúchas não havia o schistosoma. Havia o caramujo, mas faltava um dos elos da cadeia. Faltava o doente, aquêle que carrega a morte nos intestinos.

Mas, tivemos uma guerra. Todos se lembram disso, certamente. Aí estão pracinhas tuberculosos, inválidos e desempregados outros, todos êles atestando que houve uma guerra e que dela participamos. Durante uma guerra há mobilização de tropas. Eis uma coisa que todos sabem. Pois bem: durante esta guerra, tropas gaúchas foram transferidas do Rio Grande do Sul para o Nordeste, para o Norte, para Minas, afim de guarnecerem certas regiões. Eram constituídas de fortes rapazes e neles não se incluiam aqueles 60 por cento de incapazes para o serviço do Exército, conforme a estatística do então ministro da Guerra. Muitos dêsses rapazes foram localizados em zonas dominadas pela endemia de esquistosomose. Entretanto, nenhuma medida, nenhuma precaução foi adotada. Sabemos que soldados gostam de banho, gostam de nadar e que, em certas águas existe um caramujo que hospeda a larva do schistosoma. E, então, aconteceu o inevitável. Centenas de rapazes foram atacados pela endemia. E, quando voltaram para a sua terra natal, voltaram transformados em verdadeiros "cavalos de Troia", conduzindo em seus intestinos a "quinta-coluna", o verme que lá vai contaminando populações até então indenes.

Eis aí como a esquistosomose emigra e vai invadindo novas regiões do país.

Êste é um exemplo típico de como a endemia se alastra, dominando novos milhões de homens e, só por isso, para mostrar como tal fenômeno acontece, é que contei esta história, nada alegre, conforme preveni linhas atrás.

E' uma história bem diferente do que ocorreu por ocasião das manobras militares levadas a efeito nos arredores de Belo Horizonte, o ano passado, quando as autoridades militares responsáveis tiveram o cuidado de tomar as providências necessárias e, é de crêr o fenômeno não se repetiu.

JÁ É ALGUMA COISA...

A luta contra a esquistosomose não é fácil. Não existem dados seguros, o tratamento é incerto e não há nenhum medicamento específico que dê um resultado cem por cento. Os especialistas, na realidade, andam às apalpadelas, e, em muitos casos, os médicos aconselham o doente a ficar quieto e não mexer com a doença.

Certo, certo mesmo, sòmente a supressão de um dos elos da cadeia (menos o homem, naturalmente). De outro modo: evitar a defecação no solo, ou promover a liquidação do caramujo.

Estas duas coisas, aparentemente simples, são, porém, de uma enorme complexidade. No primeiro caso, significaria a execução de um amplo programa de educação das populações rurais, principalmente. No segundo, um exaustivo trabalho de pesquisa. Em ambos, em suma, um programa de saneamento, que, afinal, envolveria o saneamento ideal, com um sistema de fossas e esgotos de ponta a ponta do país. Isso quer dizer, em resumo: educação, higiene, aumento das rendas públicas, profundas reformas (não reformas nos quadros burocráticos mas reformas sociais) capazes de prover o govêrno de meios necessários à extinção, não apenas desta, mas de tôdas as endemias que tornam o brasileiro um homem triste... que às vêzes se diverte.

Enquanto isso não é possível, os nossos cientistas especializados no assunto vão colhendo (à revelia do govêrno) material, armazenando dados e erguendo estatísticas, assustadoras estatísticas, que exportamos, a fim de mantermos, lá fora, o nosso cartaz de grande hospital.

Ora que já é alguma coisa, 8.000.000 de cidadãos atacados de esquistosomose!...

Em nenhum outro país é dado a tantas pessoas carregar a morte no intestino.

INAUGURADO NA CINELÂNDIA UM EXCELENTE CURSO DE DANÇAS

Desde domingo, 13 do corrente, conta a cidade com um curso de danças. Seu proprietário, o conhecido e competente Professor Vasco Morais, diretor da escola situada na Av. Passos, 13-3.º andar, acaba de instalar no 2.º andar do edifício do Cinema Palácio, um completo e confortável salão, dotado de todos os requisitos indispensáveis em curso de danças exclusivamente familiar.

Ali, bem perto do melhor centro de diversões do Rio, a sociedade carioca poderá num ambiente de máximo respeito e elegância praticar de maneira perfeita tôdas as danças modernas. Para tanto, o Professor Vasco Moraes cercou-se de um grupo de professores competentes, que estarão à disposição dos seus clientes das 14 às 22 horas diàriamente.

Nas fotos, vemos o Professor Vasco Morais e sua digníssima espôsa, diversas famílias, convidados e ex-alunos; e um flagrante da tarde dançante, na ocasião festiva da inauguração.

UMA ISOLDA IMPROVISADA ★ PAU PARA TÔDA OBRA E PAU D'ÁGUA ★ O MAESTRO E O AZAR ★ MEDO OU MILAGRE?

MÚSICA

De ROBERTO LYRA FILHO (Especial para REVISTA DA SEMANA)

OS artistas são, em geral, supersticiosos. Uns só querem camarins à esquerda porque "dão sorte", outros carregam feitiços, amuletos e há, até, alguns que não desdenham sequer a macumba. Não há súplica de empresário que consiga, de certos cantores, por exemplo, que estreiem numa sexta-feira. E se corre o boato que determinado teatro "dá azar" ou certo maestro "tem urucubaca" — ai do teatro, que ficará vazio, pois ninguém há de querer pôr os pés nele, ai do maestro, pois certamente se recusarão músicos e cantores a figurarem, com êle, num mesmo espetáculo. O regente Muzio, amigo pessoal de Verdi, tinha uma dessas reputações e somente o prestígio do compositor conseguia mantê-lo no exercício da profissão, tal o receio de seus colegas de trabalharem com êle. Monaldi conta, mesmo, que, recomendando-lhe cuidado ao reger a "Aida", em Paris, Verdi disse:

— Muzio, pelo amor de Deus, não vá provocar uma catástrofe!

Em vão, porém, Verdi pediu aos céus que a misericórdia divina o protegesse. Na hora do espetáculo, uma cantora adoeceu, subitamente. Muzio, perturbado, correu ao camarim da "primadona" e berrou:

— Ou a senhora se restabelece dentro dos próximos cinco minutos ou eu estou definitivamente perdido!

O soprano, porém, com lânguidos gemidos, manifestava a gravidade de sua indisposição. Muzio não desanimou. Num último apêlo, exclamou:

— Olhe que se a senhora não cantar hoje, vou pôr-lhe mau olhado! E a senhora vai perder a voz!

Diante da ameaça, a cantora se pôs de pé e resolveu entrar em cena. Dizem uns que foi um milagre. Outros, perversos, afirmam que foi medo... medo de perder a voz que curou, instantaneamente, a diva.

PAU PARA TODA OBRA E PAU DÁGUA

Um episódio do início da carreira de Caruso mostra, porém, que nem sempre é possível obter os milagrosos resultados conseguidos por Muzio. O tenor há muito aguardava uma oportunidade para cantar, pois era simples substituto, e sua "chance" dependia de uma dessas "indisposições" que acometem, subitamente, cantores temperamentais. O efetivo, porém, era homem de saúde de ferro e nervos de aço. Estava sempre bem disposto. Nem uma rouquidãozinha, nem uma dor de cabeça. Nada. Caruso, desanimado, entrou, certa noite, numa taberna que ficava situada defronte do teatro e afogou suas mágoas nuns litros de vinho que lhe subiu logo à cabeça. Já estava vendo tudo côr de rosa quando apareceu o empresário, esbaforido.

— Procurei você por toda parte! Vamos depressa! O tenor está doente! Você vai ter que substituí-lo!

Caruso pensou, a princípio, que fosse o "delirium tremens". Mas era a pura e simples realidade. Cambaleando, vestiu-se e entrou em cena. A voz não sofrera nada com o ataque do álcool, mas as pernas não estavam firmes. Trôpego, ziguezagueando pelo palco, êle provocou hilaridade na platéia. Envergonhado, fugiu e foi esconder-se no camarim. Mas logo lhe bateram à porta:

— Caruso! Caruso! Venha! O público está pedindo que você volte. Quer aplaudí-lo!

— Mas como é que me chamam, se não sabem meu nome, que nem sequer consta do programa?

— Êles estão chamando o "pau dágua"!

De fato, os assistentes, bem humorados, berravam, impacientes, que queriam o "pau dágua"!

Já em outra oportunidade, porém, Caruso pôde redimir-se de todas as suas faltas anteriores, realizando notável proeza, pois num só espetáculo encarregou-se de três papéis. Foi numa récita com "I Pagliacci", de Leoncavallo. Caruso fôra contratado para desempenhar o papel principal. Como, porém, à última hora, adoecesse o barítono que devia cantar o prólogo, êle o interpretou, numa transposição apressada, encarregando-se, ainda, mais tarde, da serenata de Arlequim, pois o tenor que obtivera êste papel também sentiu-se mal.

UMA ISOLDA IMPROVISADA

O Metropolitan, que dispõe de um elenco variado, conta com alguns elementos que se encarregam dessas substituições imprevistas. Entre êstes figura um velho conhecido do público do Rio — Frederick

(Cont. na pág. 55)

DOLOROSA VERDADE

É possível que as palavras de Eleazar de Carvalho, proferidas na estréia do Programa Casé, ao microfone PRE-3, tenham ferido susceptibilidades. Isto porque, somos um povo cheio de melindres, embora os defeitos sejam maiores. E' que o respeitável musicista patrício glosou a idéia de certo parlamentar. Êste, ao ser aventada a hipótese da concessão de um auxílio para a montagem da ópera "A batalha dos Guararapes", de autoria de Eleazar de Carvalho, achou mais conveniente a abertura de concorrência pública para a feitura de tal trabalho... E' o lado tragi-cômico de nossa música. Nada se tem feito de positivo para auxílio dos compositores brasileiros. Até mesmo o Parlamento, onde os problemas fundamentais são levados para o encontro de uma solução prática, nada fez em benefício da música e de seus cultores. Daí, a razão de grandes figuras do cenário artístico brasileiro emigrarem para outras terras. E, neste caso, está o próprio Eleazar de Carvalho, que, na qualidade de regente de uma cadeira numa das universidades americanas, vem ao Brasil para revêr amigos e matar saudades.

A. MIGUEIS

MEU PÉ DE SERRA

Chóte de Luís Gonzaga e Humberto Teixeira.

Lá no meu pé de serra
deixei ficar meu coração.
Ai, que saudade tenho
eu voltar p'r'o meu sertão.
No meu roçado, trabalhava todo o dia
mas, no meu rancho eu tinha tudo que [queria.
Lá se dançava quase tôda a quinta-feira
sanfona não faltava
e tome chote a noite inteira.

O chote é bom
de se dançar.
A gente gruda
na cabôcla
sem soltar,
um passo lá,
um outro cá,
enquanto o fole
tá tocando,
tá gemendo,
tá chorando,
tá fungando,
reclamando
sem parar...

★

MAÑANA NO ESTARAS

Tango de Horacio Sanguinetti e M. Ariol Gessachi.

Siento que tu voz
de calido metal
entona su canción final.
Palabra de dolor que hiere
es este adiós de nieve.
Fuiste para mi
motivo de vivir
y te vas de mi corazón...
Mañana no estarás
aqui
cerquita mio
Mañana no estarás
y yo
me moriré de hastio...
Me cuesta imaginar que has de partir
tan lejos,
lejos de este amor tan viejo!
Mañana no estarás
y yo
seré un espectro:
fantasma del camiño,
nocturno peregrino,
fantoche del amor,
Eras para mi
estrela y cielo azul
llenando mi vivir de luz.
Ahora, nombre gris de sombra
que com dolor se nombra.
eras para mi
motivo de ilusión
y te vás de mi corazón...

★

YOU DON'T HAVE TO KNOW THE LANGUAGE

Letra de Johnny Burke. — Música de James Van Heusen

Supposing you need a vacation?
Brazil is the place you should be
so, you can't understand what the y're [saying
or can't read a sigh that you see.
But, you don't have to know the lan- [guage
With a moon in the sky and a girl in [your arms and a lock in her eye.
You stop at the Copacabana
Whith Sugar Loaf Mountain in view
So the words on a menu mean nothing?
You can't ask a soul what to do,
But, you don't have to know the lan- [guage
With a moon in the shy and a gairlin [your arms and a look in her eye.

When she smiles your way
What more would yo Won't any one [to say?
So, you sigh, just sigh.
You don't have to mention that yankee [phrase, "Ay, ay"
Perhaps when you end your vacation
You'll bring back and bit of Brazil
So, you can't understand what sho's [saying
You need an interpreter the language
With a moon in the sky and a girl in [your arms and a look in her eye.
No, you don't have to know the lan- [guage
If you don't won't to say good-bye.

A VIDA DE BOCCACCIO

(Cont. da pág. 18

mos — traduzido por Dante Gabriel Rossetti — temos um dos primeiros retratos fiéis da mulher italiana no século XIV:

By a clear well, within a little field
Full of green grass and flewers of every [hue,
Sat three young girls, relating (as I [knew)
Their loves. And each had twined a [bough to shedd
Her lovely face; and the green leaves [did yield
The golden hair their shadow; while the [two
Sweet colors mingled, both blown lightly [through
With a soft wind that ever stirred and [stilled.
After a little while one of them said
(I heard her), "Think! If ere the next [hour struck,
Each of our lovers should come here [today,
Think you that we should fly or be [afraid?"
To whom the others answered, "From [such luck
A girl would be a fool to run away." (1)

Esta confissão franca de uma emoção natural marca o acorde inicial na sinfonia realista — muitos críticos lhe chamariam a cacofonia realista — da literatura moderna.

Boccaccio fere outra nota, ainda mais clara, de franqueza realista em seu Corbaccio. O poeta foi abandonado por uma viúva alegre. Seu primeiro impulso é o de apunhalar-se com sua adaga. Mas é grande o seu amor à vida e decide-se pelo plano mais sábio de apunhalar a dama infiel com a adaga de sua inteligência. A idéia da história é um tanto ou quanto vulgar, mas a sátira é boa. Boccaccio aproxima-se cada vez mais do espírito do **Decameron**.

III

No **Decameron** Boccaccio encontra-se, por fim, inteiramente em seu elemento. O mundo do **Decameron** é o seu mundo. Os personagens dessas histórias — como os tipos da vida real — deixaram de analisar a si mesmos e começaram a divertir-se. Não apenas pensam mas agem livremente. Sua visão da vida é tão franca como frívola. Sem ter nenhuma pretensão de curar o mundo, contentam-se com fechar os olhos às doenças que êle tem. Sujeitam-se a um único mandamento — viver e deixar que os outros vivam. Por um lado, não têm o menor desejo de se sacrificar pelos outros, mas, por outro lado, não desejam que ninguem se sacrifique por êles. Despiram-se do seu fanatismo medieval e também de sua intolerância igualmente medieval. Não são movidos por nenhum espírito de cruzadas. Não querem ser convertidos e nem querem converter quem quer que seja. Não se preocupam com o passado nem com o futuro. Estão prontos a negociar as lembranças do passado e as promessas do futuro pelos prazeres do presente. Sua atitude está bem caracterizada numa de suas histórias favoritas. Quando Diógenes se encontrou com Alexandre, tentou censurá-lo por sua estúpida ambição.

— Quando tiver conquistado Atenas, que fará? — perguntou-lhe o filósofo.
— Conquistarei a Pérsia.
— E depois da Pérsia?
— Conquistarei o Egito.
— E depois do Egito?
— Conquistarei o mundo.
— E que fará quando tiver conquistado o mundo?
— Então descansarei e me divertirei.
— Por que então — disse Diógenes — não descansa e se diverte agora mesmo?

Os personagens do **Decameron** são todos inclinados a descansar e divertir-se agora. Não têm o sentimento da responsabilidade coletiva. Quando a peste irrompe em Florença (1348), não se sentem na obrigação de permanecer na cidade e prestar ajuda às vítimas. Acham mais agradável e mais seguro mudar-se para o campo onde podem passar os dias comendo, bebendo, amando e contando suas apimentadas histórias uns aos outros. **Horas non numero nisi serenas.**

Só me interesso pelas horas serenas da vida.

E' esta espécie de vida — superficial, despreocupada, experimentada no mundo, serena, insensível a quaisquer profundezas de devoção ou de ódio — que encontramos tão deliciosamente retratada no **Decameron**, de Giovanni o Tranquilo. Durante vários séculos o mundo tinha sido dominado pelo sentimento do pecado original e pelo medo do castigo futuro. O povo tinha esquecido o estímulo purificador que o riso suscita. Boccaccio ensinou-o a sorrir.

Suas histórias no **Decameron** são, na verdade, histórias repetidas, não são inventadas por Boccaccio. Como as das "Mil e uma noites", provêm de muitos países e de muitos cérebros. Porém, Boccaccio tomou-as tôscas e boçais como existiam, deu-lhes forma, infundiu-lhes o sôpro da vida.

O **Decameron** não é apenas uma coletânea de histórias, sem ligação entre si, feita ao acaso. E' uma unidade orgânica construída sôbre uma base lógica. Há no livro dez personagens principais — sete mulheres e três homens que se refugiaram da praga num "carnaval de imaginação". Para passar o tempo durante os dez dias que ali tinham de permanecer, cada um dos refugiados narra uma história em cada um dos dez dias. Assim, há dez histórias para cada dia e, ao todo, cem histórias. Cada grupo de dez histórias contadas no mesmo dia tem um enrêdo similar. As histórias que ouvimos no segundo dia, por exem-

(1) "Ao lado de um poço de água clara, em um pequeno campo cheio de verde grama e flores de todos os matizes, estavam sentadas três jovens que contavam (como eu fiquei sabendo) seus amôres. E cada uma entretecera um ramo para resguardar o lindo rosto, e as folhas verdes cederam-lhe aos dourados cabelos a sua sombra, enquanto as duas côres suaves se misturavam, agitadas ambas pela branda aragem, que ora as embalava ora as deixava imóveis. Após um momento disse uma das jovens (eu a ouvi): "Imaginem! Se ao soar a próxima hora nossos amados aqui viessem, pensam que deveríamos fugir ou sentir receio?" Ao que as outras responderam: "Seria uma tôla a jovem que de tal sorte fugisse."

"INGLÊS BÁSICO E PRÁTICO"

Vocabulário Completo de Inglês Básico. Terminologia Especializada, Científica, Comercial e Militar. Regras Gramaticais Essenciais. Frases Práticas Frequentemente Usadas.

★

Pedidos pelo Reembolso Postal para
VICTOR JOSÉ LIMA — Rua Caruso, 4 — Apto. 3 — TIJUCA — RIO DE JANEIRO
PREÇO: Cr$ 20,00

plo, referem-se todas a pessoas que se viram desgraçadas mas que afinal conseguiram triunfar. No terceiro dia somos divertidos com as aventuras de inescrupulosos patifes cujas bandalheiras lhes trouxeram uma recompensa injustificada porém não menos desfrutável. O quarto dia é dedicado a histórias que têm um desfêcho desagradável. O sexto é o dia das anedotas. Cada anedota gira em tôrno de uma resposta hábil. Alguém que está a ponto de ser vencido consegue, por meio de uma cáustica réplica, derrotar o antagonista. O sétimo dia nos traz uma galeria de mulheres que enganam os maridos — homens tão pouco cavalheirescos para com suas espôsas que merecem ser enganados. E assim por diante.

Qualquer que seja o enrêdo das histórias, a verdade é que o livro é uma cascata de gargalhadas. Mesmo os contos tristes não produzem no leitor uma impressão de melancolia. Em Boccaccio a tristeza é apenas uma sombra numa paisagem cheia de sol. Sem o contraste da dor, sua alegria não teria colorido. Diz-se que Voltaire riu para esconder as ágrimas. De Boccaccio pode-se dizer que uma vez ou outra deixou escapar algumas lágrimas para temperar seu riso.

Boccaccio é um satírico mas não um cínico. Ridiculariza as pessoas mas não as maltrata. Contra elas solta uma gargalhada que é tão bem humorada, tão delicada e tão contagiosa que elas próprias são obrigadas a rir com êle. Ridiculariza a toleima e ganha a afeição dos idiotas. "Meus amigos, vocês representam um papel bem tolo na vida!". E logo, com um encolher de ombros bem humorado: "Mas não fazemos todos o mesmo?".

IV

A maioria das histórias do **Decameron** é muito curta. Hoje poderíamos chamá-las "contos curtos". Retratam uma situação em poucas palavras e depois chegam abruptamente ao final com um súbito golpe de surpresa. Assim é a história do avarento Ermino Grimaldi, que disse certa vez a um seu amigo muito espirituoso: "Quero pintar novamente minha casa. Gostaria que você sugerisse alguma coisa que eu nunca tenha visto". E seu amigo respondeu prontamente: "Pinte a liberalidade". Outra história dêsse tipo é a aventura do rei em casa da mulher que êle tenta seduzir. O rei, na ânsia de possuir a mulher, envia o marido desta para as Cruzadas e convida a si próprio para jantar em casa da mulher. Esta, incapaz de desobedecer à ordem do rei, mas sem o menor desejo de deixar-se requestar, prepara um banquete suntuoso constando de um grande número de galinhas preparadas e cozidas todas de maneira diferente. Quando o rei nota que não lhe servem senão galinha, fica espantado. — Madame — pergunta — não há outro alimento por aqui?

— Há sim, meu senhor, porém as mulheres, como as galinhas, embora vestidas de maneira diferente, são as mesmas em toda parte.

O rei percebeu a indireta, desistiu da conquista e voltou para junto da própria espôsa.

Às vêzes neste tipo de história Boccaccio varia a surpresa que prepara para o leitor com outra surpresa ainda mais [illegible]

Esta trata, que tem sido popularizada por O. Henry, proporciona ao final da história um duplo golpe de surpresa. Um dos melhores exemplos dêste tipo de conto, no Decameron, é a história de Abraão, o judeu. Abraão é um homem tão honesto que seu amigo, Jeannot de Chivigni está ansioso por convertê-lo ao cristianismo. O judeu, contudo, faz ouvidos moucos às conversas do amigo. Sustenta que não acha nenhuma religião tão boa como a sua, que nela nasceu e que nela pretende viver e morrer. Apesar de sua teimosia, Jeannot persiste em seus esforços até que finalmente o judeu consente em se tornar cristão. "Porém, antes de fazê-lo" — declara Abraão — tenciono ir a Roma, ver o Papa, estudar um pouco sua maneira e proceder assim como a dos cardiais. E se me aparecerem de tal maneira que eu possa compreender através deles que a tua religião é melhor que a minha, farei então o que me pedes. No caso contrário, permanecerei judeu como até hoje".

Quando Jeannot ouviu isso, ficou muito perturbado. "Perdi todo o meu trabalho" — disse consigo mesmo. — "Pois se Abraão for a Roma e vir toda a perversidade do clero, não só se recusará a converter-se, mas, se fosse cristão, insistiria em fazer-se judeu".

E, assim, tentou dissuadir seu amigo de ir a Roma. O judeu, todavia, estava firmemente resolvido e não voltou atrás, em sua decisão. Montou em seu cavalo, foi a Roma e começou a estudar a vida do clero. E, com grande assombro seu, viu que "eram dados a toda a sorte de baixezas... que estavam em geral, mais preocupados com o próprio estômago que com qualquer coisa... Viu que gostavam tanto de dinheiro, que tirariam o sangue não só da humanidade em geral mas dos próprios cristãos... Estas e outras coisas que deixarei de lado, escandalizaram profundamente o judeu, pessoa sóbria e modesta. E agora que vira o suficiente regressou a sua casa".

Esta pareceria a conclusão lógica da história. Mas Boccaccio, afetando indiferença ante o que já contou, arranja uma surpresa final que transforma uma história apenas boa numa obra-prima. Quando Abraão volta de Roma, diz ao seu amigo que resolveu tornar-se cristão apesar de tudo. "Pois" — argumenta êle — "se o clero está tentando tão arduamente derribar a religião cristã, e se ela continua a crescer tão rapidamente apesar dos esforços feitos por desacreditá-la, posso facilmente compreender que o espírito de Deus a protege como a mais verdadeira e mais sagrada de todas as religiões".

Giovanni o Tranquilo sabe ser tolerante não apenas com as crenças mas também com as fraquezas do povo. Em geral, sua atitude para com as "pequenas e inofensivas transgressões" da vida é: "Felicidade àqueles que conseguem sair impunes ao cometê-las". Aproveitar o prazer e repartí-lo sempre que se possa. Não há desonra em divertir-se, desde que se divida êste divertimento com outros. Quando seus personagens são apanhados nos momentos mais embaraçosos, nunca se sentem envergonhados. Compreendem, como bons vivants, que são objeto de pilhéria e estão dispostos a participar com a situação tanto como os demais. Boccaccio é o **Poeta Laureado do Riso**. E' incapaz de retratar a tristeza porque é incapaz de causá-la. E' jovial e delicado de mais para melindrar alguém. Numa época notável pela sua intolerância e seu ódio, Boccaccio se salienta como um homem sem preconceitos nem malevolência de qualquer espécie. Raça, classe, credo, nacionalidade — estas palavras tinham para êle apenas um significado: uma pequena minoria de homens na mais ampla fraternidade do gênero humano. Era um cidadão indiferente de seu país porque era um ardente cidadão do mundo. Acolhia toda espécie de gente, de todos os lugares, no círculo de sua camaradagem universal. Respeitava tanto o francês como o italiano, tanto o judeu quanto o gentio. Uma das coisas mais belas do **Decameron**, ou melhor, uma das mais puras gemas de toda a literatura é a história dos **Três Anéis**. Estes três anéis simbolizam três religiões: a judaica, a cristã e a maometana. "Era uma vez, escreve Boccaccio, "um homem muito poderoso e muito rico que possuia um anel de inexcedível beleza e valor... Desejoso de que êste anel continuasse para sempre em poder da família, declarou em seu testamento que o filho ao qual fosse legado o anel, seria designado seu herdeiro e respeitado como o chefe da família. A seu tempo — continua Boccaccio — o rico morreu e seu filho herdou o precioso anel. Durante muitas gerações seguintes o anel passou de pai a filho até que, finalmente, ficou de posse dele um homem que tinha três filhos "todos virtuosos e cumpridores de seus deveres para com o pai, e todos por êle igualmente amados". O pai, ansioso por legar a cada um deles um presente por igual valioso, pediu secretamente a um joalheiro que fizesse dois outros anéis iguais ao original. Quando, o joalheiro lhe entregou os três anéis, estes eram tão semelhantes no valor e na beleza que nem o seu possuidor podia distinguir o original das cópias. Ao morrer deu um anel a cada um dos filhos. Estes começaram a brigar, cada qual reclamando para si a posse do verdadeiro anel. "Recorreram então à lei para resolver a pendência e o caso continua até hoje sem solução. "E assim — conclui Boccaccio — tem acontecido com as três religiões que nos foram legadas por Deus, nosso Pai... Cada qual se julga o verdadeiro herdeiro de Deus... Mas, como no caso dos anéis, não há certeza sôbre qual de nós pode estar certo da preferencia exclusiva de Deus, importa-nos a todos termos certeza de que estamos incluídos na parceria dos homens. "Nações do mundo, uni-vos na pratica da boa vontade!".

V

No começo de sua vida, Boccaccio brincara com o mundo. Mais tarde tomou parte saliente nos negócios dele. Fez um curso de conferências sôbre Dante, viajou por diferentes lugares, numa série de missões diplomáticas, e quase tomou ordens sacras, para penitenciar-se do "crime" de ter escrito o **Decameron**. Contudo, foi dissuadido de fazê-lo, e em vez de terminar seus dias como um santo carrancudo, morreu segundo vivera, como um amável pecador.

Na agradável companhia dos amáveis pecadores dêste mundo, dos homens e mulheres que amam e perdoam e que desejam ser amados e perdoados, Giovanni o Tranquilo tem um lugar de relêvo.

(Do livro "Vidas de grandes escritores".)

COLCHÃO DE MOLAS
"BRASIL"

GARANTIDO POR 10 ANOS COM CERTIFICADO
VENDAS A PRAZO EM 10 PRESTAÇÕES
Exposição e informações com o Representante exclusivo
A. BLUM SOBRINHO
RUA DO CARMO, 6-10.º ANDAR
Salas 1.009/10 — Fone: 42-2455

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feia quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar êste creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O creme de Alface "Brilhante" permite a pele respirar ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

E' um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas da nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e ás gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contem pedra pomes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas.

NICOTAN
CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES

CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante

SRTA. LISLE DA COSTA E SILVA LYRIO-TEN. JOSÉ CÉSAR RESENDE LEAL FERREIRA

Na Igreja de N. S. do Carmo, [illegible] o casamento da srta. Lisle da Costa e Silva Lyrio, filha do [illegible] Lyrio [illegible] da Costa e Silva Lyrio, com o primeiro tenente da Armada José César Resende Leal Ferreira, filho do dr. César Leal Ferreira e da sra. [illegible] Resende Leal Ferreira. A cerimônia contou com a presença de figuras de marcante relêvo da sociedade carioca, sendo à noite oferecida uma recepção pelo dr. e senhora [illegible] Lyrio. O jovem casal que aparece na gravura em fotografia tirada na residência dos pais da noiva, seguiu para Buenos Aires, em viagem de núpcias.

INIQUIDADE

(Cont. da pág. [illegible])

[illegible] nos maiores e os liberais imitadores [illegible] de morte.

NOS BASTIDORES FEMININOS

(Continuação da pág. 33)

sacrifícios e que podem causar grandes benefícios. Há tanta miséria a aliviar e tanta tragédia a confortar... Não que julgue que devamos passar a vida a distribuir esmolas e a consolar infelizes, porém isto pode perfeitamente ser feito sem prejuízo para as demais atividades. Se cada uma dessas pessoas que possuem meios e que nada fazem em prol dos seus semelhantes, resolvesse fazer alguma coisa, por pequena que esta fosse, muitas alegrias poderiam ser semeadas nesta terra. Bastava que cada uma se encarregasse da educação de uma criança pobre, ou da sua alimentação; ou que usasse dos seus conhecimentos e prestígios para empregar algum chefe de família desempregado; ou ainda que com palavras de simpatia procurasse levar consôlo aos desesperados; que estimulasse os desiludidos; ou ainda que procurasse levar a um doente os meios possíveis de recuperar a saúde. Tanta e tanta coisa poderia ser feita! Coisas que não provocariam desequilíbrios financeiros nem grande perda de tempo e que, no entanto, poderiam levar um pouco de alegria e felicidade a muitos infelizes! E, com isso, você estaria beneficiando a si própria, pois estaria construindo alguma coisa que aos seus olhos e aos olhos dos demais a colocaria num nível superior e a tornaria digna de respeito e de admiração.

KITTY

O renascimento da tapeçaria francêsa

(Cont. da pág. 35)

que não foi bastante anunciada. Mas suponho que muitos tiveram a curiosidade de visitá-la. Além disso, as revistas reproduzem constantemente obras novas dêste grande artista. Escolhi para entrevistar o outro mestre neste domínio porque acredito que seja quase desconhecido ainda no Brasil. Vi inúmeras obras em preparo, outras já executadas. As fotografias que aqui são reproduzidas não dão uma idéia completa do que êle faz porque deveriam ser em côres. Mas se não explicam a beleza dos matizes que as alegram, mostram, pelo menos, muito claramente, a finura do desenho, o equilíbrio plástico e a originalidade das criações.

NO ATELIER DE MARC SAINT SAENS

Cheguei numa rua tranquila, muito parecida com um pedacinho de subúrbio de Utrillo. Havia duas portas de entrada. Enganei-me e comecei por chegar num patronato. Num grande pátio enfeitado por desenhos e bandeiras alegres crianças barulhentas brincavam, e cantavam. Atmosfera perfeita para um filme de René Clair! Enfim, encontrei o [illegible]

[illegible] a parede. [illegible]

[illegible] Ela não interpreta. Só executa.

ALGUMAS TAPEÇARIAS

Vi algumas tapeçarias já realizadas. Um Orion [illegible] num cavalo azul como a noite de verão, o violoncelista que faz chorar as estrêlas como um anjo de Memling, uma mulher carregando uma ânfora sôbre um fundo côr de laranja que tão bem se funde com as outras tonalidades que quase parece mágica...

Enquanto [illegible] Saint Saens me contava como Lurçat e êle aprofundaram o estudo da arte decorativa, estudaram a tradição da tapeçaria, aproximaram-se da técnica das fábricas. Perguntei se esta renovação da tapeçaria também se notava nos outros países.

— Acredito que não. A maioria continua executando tapeçarias segundo velhos cartons. Aqui só começamos há uns dez anos.

A QUESTÃO DOS ALUNOS

— Você tem alunos?

— Meu atelier é muito pequeno. Não é possível.

— Mas suponho que existe interêsse para esta forma de arte que dá aos que gostam do desenho, possibilidades inéditas de expressão.

— Está começando a surgir grande interêsse pela tapeçaria. Agora um jovem que desejar aperfeiçoar-se neste ramo, deverá ter certos conhecimentos prévios. Não sòmente do desenho ou da pintura, mas também de decoração.

— Você não se cansa muito, trabalhando o dia todo em cartons de tamanha altura?

— Tive uma ótima escola: fiz muitos afrescos. Trabalhei em decoração mural desde muito jovem.

Como acontece cada vez que vejo uma iniciativa nova, pensei no Brasil onde a arte da tapeçaria é desconhecida ainda. Tenho a certeza que interessaria aos jovens que estão à procura de novos modos de expressão. Quantos moços, quantas moças, principalmente gostariam de dedicar-se a certos ramos de arte decorativa sem encontrar um meio de aprender a técnica necessária. Vimos o êxito das primeiras aulas de gravura na antiga Fundação Getulio Vargas. Dever-se-ia dar mais oportunidades aos jovens que, certamente, adaptariam os conhecimentos adquiridos, ao seu modo de sentir e criariam talvez uma maneira inédita de exprimi-los.

LEMBRANDO O BRASIL

Perguntei a Saint Saens se nunca pensou em expor no Brasil.

— Há muito que desejo ir à América do Sul. Se me dessem a possibilidade de mostrar minhas tapeçarias, iria imediatamente. E' muito mais fácil levar tapeçarias do que quadros. Dobra-se e quase não ocupa espaço.

Tenho a certeza absoluta que o público ficaria interessado e que poderia não sòmente despertar a curiosidade dos jovens como também vender.

Eis a questão... O Govêrno facilitaria talvez uma exposição, mas despre-

MALES DO FÍGADO?
FIGACOL
TRATAMENTO
RÁPIDO SEGURO EFICAZ
NÃO SOFRA DO FÍGADO!
TOME
FIGACOL
UMA ESPECIALIDADE COM A GARANTIA DOS PRODUTORES DA FAMOSA
EMAGRINA
ADQUIRA NAS FARMACIAS E DROGARIAS OU PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO
CAIXA POSTAL, 2335 — RIO

RUGÓL
O CREME EMBELEZADOR DA PÉLE

APRENDA RÁDIO
por correspondência, pelo método ultra moderno da maior escola do Brasil. Ensino prático em 25 semanas.
RÁPIDO — EFICIÊNTE — ECONÔMICO
V. S. RECEBERÁ GRÁTIS:
Jogo de ferramentas — Instrumento de medição Tester — Manual de reparações rápidas — Manual de circuitos — Manual de válvulas.
Mande hoje mesmo o coupon abaixo devidamente preenchido.
INSTITUTO MONITOR LTDA.
RUA AURORA, 1021
São Paulo
89
Solicito o folheto grátis: "Como ganhar dinheiro no Rádio".
Nome .....
Rua .....
..... N.º .....
Cidade .....
Estado .....

Dr. José de Albuquerque
Membro efetivo da Sociedade de Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
R. Rosario, 98 — Rio de Janeiro

za absolutamente êste lado da questão. Entretanto os artistas devem viver! Estamos cansados de sempre trabalhar para ajudar a consolidar o prestígio cultural da França no estrangeiro sem que consigamos a mínima ajuda. Foi assim em Amsterdam, foi assim em Londres, foi assim em Nova York. Um adido cultural disse uma vez a um dos meus colegas que isto não tinha importância porque o artista criava melhor quando estava com fome!

— Pensava que êste conceito já fôsse anacrônico!!

— Todos os funcionários das Relações Culturais da França dizem que o lado comercial da questão não os interessa e que cuidam unicamente do lado cultural. Parece muito bonito... Mas como poderemos continuar criando sem a mínima facilidade concreta? De qualquer maneira, iria imediatamente ao Brasil se houvesse a mínima oportunidade.

Prometi-lhe que na minha volta procuraria divulgar as suas maravilhosas realizações e que tentaria despertar interêsse pela arte da tapeçaria, tão antiga e tão nova ao mesmo tempo e ainda tão mal compreendida e divulgada.

Antes de deixar o atelier, parei diante de uma tapeçaria cheia de movimento, finura e doçura.

— Estas côres não se apagarão, concluiu Saint Saens. Cada uma das lãs que emprego fica pendurada num jardim durante dez meses antes de ser adotada. Acredito que uma lã cuja côr resistiu ao sol e à chuva durante êste tempo pode ser considerada como perfeita.

Ainda repeti minha esperança de encontrá-lo em breve no Brasil... com as suas tapeçarias, pois num país jovem no qual os moços são naturalmente curiosos e à procura constante de novos caminhos, seria do maior interêsse uma aproximação concreta com a possibilidade de se exprimir artisticamente de uma maneira inédita.

CANTINFLAS PREFERE O...

(Cont. da pág. 27)

lywood. Trabalha para a arte e não se preocupa com quantidade mas sim, com qualidade. Porisso, até hoje produziu apenas doze filmes durante a sua longa carreira de ator de renome mundial.

RASGOU HÁ DOIS ANOS UM CONTRATO DE MILHÕES

A minha pergunta se êle já foi convidado para trabalhar em Hollywood, responde-me Mario Moreno:

— Já. Várias vezes. Há dois anos, rasguei um contrato de milhões da RKO — distribuidora atual dos meus filmes produzidos no México — e não me arrependo.

— Mas por que o fez?

— Porque sei distinguir a diferença entre quantidade e qualidade. Além disso, jamais me sujeitaria à orientação dos diretores do cinema americano. Gosto de ser fantoche nos meus filmes, mas fantoche nas minhas próprias mãos. Tenho certeza que jamais terei outra oportunidade igual aquela que a RKO me oferecia, mas isso não importa. Prefiro continuar a trabalhar no México. Hollywood está viciada de ganhar milhões e êsse vício conseguiu contaminar a maioria dos artistas do paraíso californiano de cinema. No entanto, a Capital do Cinema americano já começa a sentir a reação, cada vez mais tremenda. Orson Welles está na Itália, outros grandes atores se encontram atualmente na Inglaterra e Paul Muni está em Paris. Como se vê, alguns dos maiores vultos do cinema americano já desertaram de Hollywood e longe não está o dia em que muitos outros os acompanharão.

— Acha, então, que o cinema europeu conseguirá suplantar, com o tempo, no mercado mundial, o cinema americano?

— Não se trata de concorrência, meu amigo. O essencial é produzir bons filmes, películas de real valôr e não abacaxis cheios de canários bonitos e pomposos, pernas e rostinhos bonitos de mocinhas e outras atrações com as quais os diretores do cinema americano encobrem a verdadeira arte.

— Mas não pode negar que Hollywood já produziu grandes filmes, explorando todos os assuntos, inclusive muitos sôbre o seu país e sua história.

— Filmes de sucesso, é verdade, mas sem valor artístico, creia. Americanizando o assunto e o ambiente, confiando os principais papéis a artistas que não estão em condições de reviver na écran a figura escolhida para a filmagem, Hollywood cria, muitíssimas vezes, personagens e tipos irreais. Lembra-se de "Viva Villa"? Não é preciso dizer nada. O nosso sangue de mexicano ferve quando vemos um dêsses filmes de Chris-Pin-Martin e César Romero, que se notabilizaram em papéis de bandidos. Não por se tratar de fitas de bandoleiros, porque, afinal das contas, nós, mexicanos, também temos direito de possuir bandidos, mas simplesmente por não serem a reincarnação perfeita dos nossos bandidos...

— E que nos diz sôbre o cinema europeu?

— Os filmes europeus, principalmente os produzidos na Inglaterra, são sempre mais realistas que os lançados nos Estados Unidos. Mas também os inglêses incorrem no êrro de gastar muito dinheiro na produção de filmes abacaxis, não em tão grande quantidade como em Hollywood, é verdade. Quanto aos filmes francêses, não os admiro muito. Ultimamente, a França só produz películas de segunda categoria. Viu "Ryu Blas"? Danielle Darrieux falhou e creio que com êsse filme encerrou a sua carreira de "estrêla" cinematográfica. Um e outro filme escapam, mas o resto é de amargar...

— E como encara os filmes produzidos no México?

— Nós temos produzidos uma série de ótimas películas. Os nossos estúdios são muito bem aparelhados e estamos em condições de fazer ótimos filmes. Vá ver, num cinema local, "Mulher sem alma", filme mexicano de Guadalajara com Maria Felix, uma das mais belas mulheres do mundo e a maior "estrêla" do cinema mexicano. E' um filme produzido em nossos estúdios, onde não impera o tecnicolor, cenários bonitos façanhas de mocinhas e outras coisas mais. Nesse filme você verá a arte na verdadeira expressão da palavra, e então também começará a admirar o filme mexicano acima dos demais, como eu os admiro.

Cantiflas olhou para o relógio. Disse em seguida que devia deixá-lo, pois tinha outro encontro, com um jornalista italiano. Lembrei-me então de pedir a sua opinião sôbre o cinema italiano, a que me respondeu que o considera realmente bom e muito promissor. Afirmou ainda que êle prefere o teatro ao cinema, pretendendo mesmo dedicar-se mais ao teatro, depois do seu regresso ao México. E com a engraçadíssima continência do 777 — lembram-se dela? — deu por encerrada a nossa entrevista.

MÚSICA

(Continuação da pág. 51

Jagel. Desconfio que nenhum outro cantor tem repertório tão extenso quanto Jagel. E certamente, nenhum existe com a boa vontade e a disposição do americano. Não há partitura, por mais difícil que lhe roube a coragem. Êle põe mão à obra — ou, para sermos mais precisos voz à obra — e dá-nos, em geral, interpretações que, se nem sempre encantam ou entusiasmam, pelo menos revelam um esfôrço sincero e honesto.

Também Astrid Varnay, que já esteve pelo Rio, interpretando Wagner, se não é pau dágua, como Caruso, na mocidade, é pau para toda obra dentro do teatro de ópera de Nova York. Recentemente a imprensa americana registrou um sucesso dessa jovem cantora, que, sem ter tempo sequer para completar o "maquillage", correu ao palco para substituir Helen Traubel, que adoecera no momento de entrar em cena para interpretar o difícil papel de Isolda.

Depois de terminado o espetáculo, foram perguntar a Astrid Varnay se tivera receio de fracassar. Mas ela sorriu, despreocupada.

— Não; eu já estou habituada a isso.

E era verdade. Pouco antes, uma companhia de ópera a convocara à pressa para melhorar uma temporada, que ia mal, pedindo-lhe que cantasse algumas das principais óperas italianas. Ora, a wagneriana Varnay nunca interpretara Verdi ou Ponchielli, mas nem por isso deixou de atender o apêlo, e dentro de duas semanas estreava com "O Trovador", prosseguindo com "Aida", "Gioconda" e "Otelo".

RICARDO brilhava EM 1927...

...e continua
brilhando EM 1948
QUAL O SEU SEGRÊDO?
LOÇÃO BRILHANTE! Ricardo sabe, por experiência própria, que a Loção Brilhante conserva a beleza e a juventude dos cabelos, limpa o couro cabeludo, diminui a seborréia e evita a caspa. Si V. tem cabelos brancos, a Loção Brilhante — que não é tintura — devolve aos seus cabelos a sua côr primitiva. Brilhe agora e continue sempre brilhando no futuro, sem temer os anos! Use, como Ricardo, a Loção Brilhante contra os cabelos brancos e a caspa, para a eterna mocidade de seus cabelos!

POR QUE CAEM OS CABELOS?
Os cabelos, como as plantas, necessitam de muito cuidado e alimentação. A planta morre por falta de ar. O mesmo acontece com os cabelos. A seborréia e o excesso de células mortas (caspa), causam a obstrução dos poros, asfixiam as raizes do cabelo e o debilitam. Por isso caem os cabelos. Não deixe que isto lhe aconteça! Use a Loção Brilhante, cuja ação higienizadora elimina a obstrução dos poros, penetra nos bulbos capilares e dá nova vida ao cabelo.

Loção Brilhante
PARA A ETERNA MOCIDADE DE SEUS CABELOS

Publicidade para a
REVISTA DA SEMANA
em São Paulo:
Tratar com
JARBAS DE FREITAS GALVÃO
Rua Brigadeiro Tobias, 613
2.º And. Sala 217
Fone: 8-6718

As crianças esperam o papai

(Cont. da pág. 22)

— É, n'é... Talu... Ta'u... panha... n'é?

— Ésti Luis Carlos, ésti Luis Carlos... Tá mi ficandu muitu sa.du!

Iscalo está fazendo um barquinho de papel prá brincar de corrida com os outros meninos. A poça é bem grande. O vento dá prá empurrar os barquinhos... Vai ser divertido, mesmo. Mas... a mãe chega e... Páu nêle! Pega o pequ no por um braço, sacode-o feito u na louca, puxa-lhe as orelhas, dá-lhe tapas na cabeça e nas nádegas. Leva-o prá dentro de casa. Lá, con inua a dar pancadas no menino. Farta-se de tanto surrá lo. Iscalo chora qu. nem uma criancinha de colo. Solta cada "Nhé-nhé-é-é" que a gente ouve lá na esquina. As lágrimas correm pelo rosto e êle está vermelho de raiva. A mãe bota-o de castigo, num canto da cozinha, ond possa vigiá-lo. Ameaça-o de mais pancada s. êle se atrever a sair dali. Dá-lhe as costas e vol'a prô seu serviço. Olha prá êle, de vez em quando, com o rabo dos olhos. Resmunga baixinho, prá mostrar que está com uma bruta raiva. E Iscalo não desobedece. Nem dá um pio. Não quer apanhar mais, tem graça! Já apanhou bastante... A mãe continua a olhar prá êl , com o rabo dos olhos. E não pode deixar de rir, ao ver a cara desconsolada do menino. Êle fica tão engraçado, com aquela cara!... E no fundo, ela acha aquilo tão divertido, tão amoroso, tão terno! Mas não pará de resmungar, não... Êle pode perceber que ela está rindo, de êle. E vai tomar ganja. Não! Ela é mãe, ela precisa dar bom exemplo pr'os filhos...

★

A Maduida e a Soninha ainda estão na janela, esperando o papai. Mas o papai está custando tanto a chegar! Que será que aconteceu? Êle sempre chega mais cedo... A Soninha, coitada, já cansou de ficar naquela posição incômoda. Afastou-se da janela e agora está em pé, no meio do assento da cadeira. A Maduida está cansada, tal bém. Mas não quer saír da janela nem a páu. Ela se distrai, apreciando as corridas de barquinhos de papel que a molecada faz lá nas poças dágua. Sente uma vontad louca de ir se juntar a êles. Mas não vai... E' feio... Menina não deve andar com rapaz... Elas estão quietinhas, tôdas duas... Quietinhas como nunca. Não dizem nada. Não dão um pio. A Maduida, vendo o brinquedo dos meninos; a Soninha, olhando as núvens que fazem caravana no céu. Elas estão quietinhas, quietinhas... Mas de repente, ah! Descem da cadeira, com um barulho dos diabos. Abrem a porta às correrias e disparam prá rua. O papai chegou!

★

— U papai vem aí-e-e-e-e! Iscalu-u u u u! U pai chegô-ô-ô-ô!

— U pai... U pai... Segô-ô-ô! Talu u u! Vem... Vem tá... Vem!

— Manhê! Xô i lá cum u mo pai, cim?

— Hum! hum!...

— Ah, dêxa, manhê!

— Vai, vai... Podi i... Mas não mi vai prá lama ótra vez, cim, meu filho!

— Sim, mãe. Eu não vô más, não...

— Antis vem cá, filhinhu...

— U qui é, manhê?

— Vem cá... Chega bem pertinhu! Dá um bêju prá sua mãezinha! Tzz... Tzz... Assim! U-u u upa!... Agora, podi i, meu filhu...

★

E o Iscalu sai porta afóra, numa disparada maluca. Vai direto ao pai. Alcança-o ainda na esquina da rua... Êle vem com as duas meninas no colo, e as ampara com as duas mãos. Diz-lhes gracejos e elas riem fininho. Iscalo pede colo. O pai nega, dizendo que êle já está muito grandão prá isso. Iscalo pede-lhe uma mão prá segurar. O pai ainda lhe nega, porque "não tem três braços". E êle, como não quer ficar "sobrando", agarra com as mãos um pedaço das calças do pai e toca prá diante...

VIDA LITERÁRIA

(Cont. na pág. 37)

mas o seu mundo é mais alto e mais puro. E' assim que o lírico de "Jardim de confidências" continua fiel a si mesmo:

Cavalinho de pau, quem o viu passar?
Montado nele ia o menino triste,
Já agora alegre porque vai matar.
Cabelos ao vento, lança em riste,
Quem o viu passar?

Soldados de chumbo, quem os viu passar?
Rufando tambores,
Batalhões com suas bandeiras no ar,
Nove de infantaria, treze de caçadores,
Quem os viu passar?

Na hora de dormir, acabou-se a guerra.
Heróis aos pedaços

Parecem felizes da batalha extinta
— Cabeças partidas, e pernas, e braços,
Entre caixas de papelão.
Se há manchas vermelhas, é um vidro de tinta
Que o cavalo de pau atirou por terra
E finge de sangue no chão.

E' o delicioso memorialista de "Infância" que assim reaparece, com tôda a ternura que faz dele um dos maiores líricos da poesia contemporânea, de par com o sutil ironista de "Baianinha" e de "Isaura", êsses dois admiráveis perfis femininos de tão certeira psicologia e de tão sensual malícia machadeana.

MEIO SÉCULO

Parece que pegou a moda de fazer cinquenta anos. Principalmente se o aniversariante é escritor. Há dois anos, foi mestre Graciliano Ramos, que iniciou o ciclo, recebendo a homenagem dum banquete solene, puxado a uma infinidade de discursos. Manuel Bandeira fez depois, não cinquenta, mas sessenta, o que, no entanto, para êle, não quer dizer nada, porque não sai de modo algum da casa do vinte e poucos. Este ano, no mesmo dia 12 de março foram dois a celebrar as bôdas de ouro com a vida, com a peculiaridade de serem os dois acadêmicos e, mais raro, ainda grandes amigos: Peregrino Junior e Ribeiro Couto. Agora, segundo anuncia o cronista Rubem Braga, vem aí o cinquentenário de Rodrigo de Melo Franco de Andrade, autor dum só livro, famoso e esgotadíssimo, essa admirável coleção de contos passados todos em redor de um defunto, variando naturalmente o defunto dum conto para outro: "Velórios". Entre as celebrações que se possam fazer do jubileu do ilustre diretor do S.P.H.A.N., a melhor não tenham dúvida que seria reeditar duma vez essa preciosidade literária, para ser uma de menos nas nossas raridades bibliográficas.

DIREITOS AUTORAIS

De Portugal vem uma notícia que despertará decerto grande alvorôço no mundo dos livreiros: a de que será de novo decretado o prazo de 50 anos "post-mortem" do escritor, para que sua obra literária caia no domínio público, ao contrário do que acontece hoje, quando não existe prazo para tal. Entende-se o reboliço, porque em 1950 se completará justamente o meio século da morte de Eça de Queiroz e é sabido como o criador de "Os Maias" é um autêntico "best-seller" de perene aceitação. Até 1927 era êsse o prazo obedecido em Portugal, como acontece com outros países, por exemplo: Brasil, Bélgica, Canadá, Dinamarca, Estônia, Finlândia, França, Grécia, Inglaterra, Itália, Noruega, Países Baixos, Tunísia, etc. Na Argentina o prazo é apenas de 10 anos "post-mortem", sendo de 80 na Espanha. A lei portuguêsa instituirá que, sempre que uma obra caia em domínio público, sua reedição obrigará, assim mesmo, ao pagamento de uma taxa, destinada ao fundo de assistência ao escritor.

Lost Honeymoon

(Cont. da pág. 29)

nêsse momento que ocorreu a John fingir-se novamente atacado de amnésia, o que lhe valeu ser levado para um hospital, e, como consequencia, poder faltar ao próprio casamento com Lois Evans.

Os Evans procuraram-no por tôda parte. Localizaram-no, e mandaram-no trazer de ambulância. John, porém, continuou o fingimento. Concluindo que não podia casar-se com um louco, Lois deixou-o em paz.

No próprio automóvel que devia partir com a espôsa, para a lua de mel, John fugiu da casa dos Evans, e partiu para o hotel, a tôda velocidade, em procura de Amy. Quando voltou a si, estava outra vez no hospital. A seu lado, avistou Amy e os gêmeos. Êle sofrera um acidente.

Não querendo sequer saber dos pormenores, sua primeiras palavras foram dirigidas a Amy, ou melhor, foi uma só palavra, que dizia muita, muita coisa: — Querida!

FIM.

O VASO DE SOISSONS

(Cont. da pág. 19)

Mas estou ao corrente... Ora, o Govêrno, neste momento, está sendo muito atacado... Êsse senhor Dupin, o pai da menina, tem influências políticas de que não podemos prescindir... Não quero histórias... O caso ficará arquivado... E substituiremos o vaso. Como era êle, exatamente, êsse vaso de Soissons?

O inspetor hesitou e balbuciou por sua vez:

— Como era o...

— Como? Pois não o sabeis? disse severamente o ministro, que tratava de cima os inferiores obscuros. Não o sabeis, um inspetor de Ensino?... Então, que é que sabeis?... Para onde vamos? Oh! pobre França!...

★

Tal é a história do vaso de Soissons.

Se vo-la recordei foi para vos sugerir a idéia de um jôgo.

Êsse jôgo de sociedade vos divertirá, conquanto se veja, refletindo nele, que suas consequências não são nada tranquilizadoras.

Numa reunião, por ocasião de um passeio ao campo, quando a chuva impedir de andar lá por fora, experimentai passar o tempo perguntando:

— Conheceis a história do vaso de Soissons?

Separam-se, então, de um lado os assistentes que a conhecem e, do outro, os que a ignoram. Encontram-se ainda dêstes.

Toma-se uma das pessoas que ignoram a anedota. Conta-se-lhe em voz baixa a história do vaso de Soissons. Dá-se-lhe a incumbência de contar, por sua vez, a história à pessoa seguinte, confidencialmente. E assim por diante.

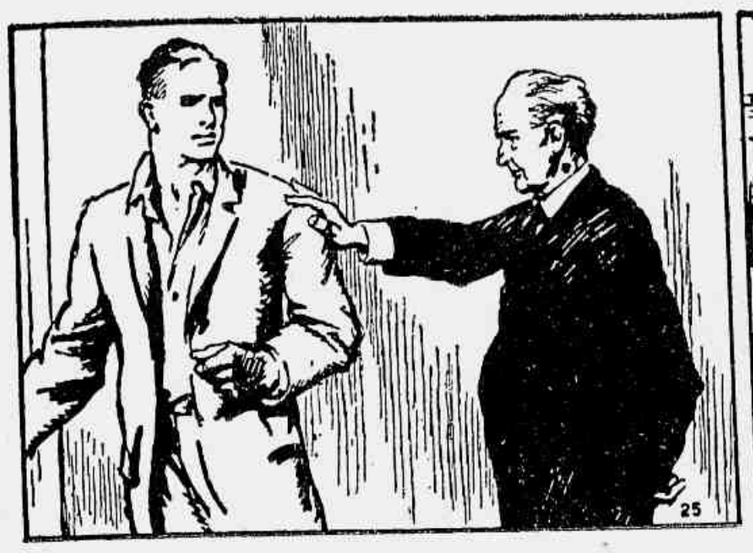
A última das pessoas para quem a aventura era desconhecida relata, em voz alta, a história do vaso de Soissons, conforme acabou de ouví-la. Presenciareis, então, infalivelmente, a maior das confusões.

E' assim, aliás, que todas as anedotas se transformam. Procura-se saber quem é o autor dessas pequenas histórias propaladas pela rua. Pode-se responder com segurança: ninguém. E' quase sempre uma história mal compreendida que se modifica e adquire vida nova.

NA ESTEIRA DO "BRUXO VERMELHO"

Um folhetim-sintético-ilustrado de REVISTA DA SEMANA — Direitos adquiridos ao King Features Syndicate.

História de GARLAND ROARK — Desenhos de F. R. GRUGER



Dei com o dr. Van Arken...

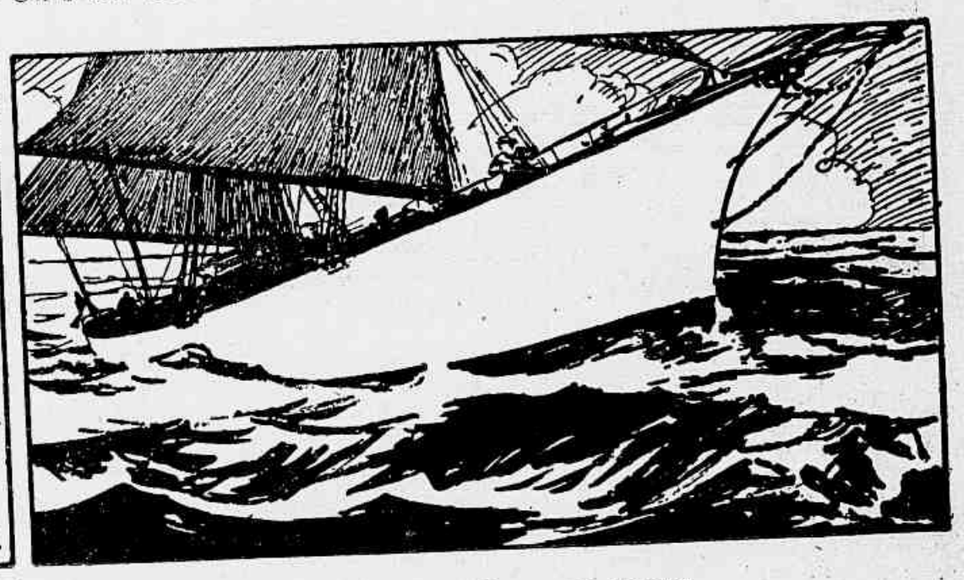
— Doutor, não cairei na armadilha!

— Entremos num acôrdo, — propôs Ralls.

A declaração de amor que me fez Teleia deixou-me no ar o dia inteiro, e isso de tal maneira que cheguei a esquecer a situação em que estava perante a furia do holandês. Para mim só havia aquêle "Sam, eu te amo, sim"... No dia seguinte eu estava quase a bater na porta do quarto dela quando ouvi lá dentro a risadinha de Sidneye: — Quer dizer que tens o Sam Rosen pelo pé, hem? — Fiquei interessado, é natural. Teleia respondeu assim: — E' verdade, meu tio: o Sam está apaixonado por mim. — Aí quem falou foi o pai dela: — Dentro de dois dias partiremos. Tu e Jan serão casados pelo capitão. — E se eu recusar? — Terias coragem para isso? — Teria, — afirmou Teleia com decisão. Bem naquele instante uma mão pesada desceu sôbre o meu corpo. Virei-me e dei com o lhar sereno do dr. Van Arken, que fez um gesto para que eu o seguisse. No escritório dêle já estava Batjok, o moluccano, e os dois me fizeram uma interessante proposta... que eu fugisse com Teleia, no "Flores". Respondi que não estava disposto a cair na armadilha. O doutor me chamou de idiota, explicando que eu já estava na armadilha há muito tempo. Disse-me não que me facilitaria tudo, inclusive dinheiro. Sa. completamente bestificado e nem me lembrei de procurar saber a razão de tôda aquela solicitude. Depois do jantar, vi-me diante de tais acontecimentos que esqueci de todo o que me diria respeito. Todos reunidos, com Ralls no lugar de "honra", tiveram início as discussões sôbre a sorte dele. Sidney o ameaçou com vinte anos de reclusão na sua prisão secreta das Ilhas Celebes... mesmo que êle revelasse a posição exata do "Brrxo Vermelho". Soberbamente tranquilo, Ralls respondeu: — Talvez possamos chegar a um acôrdo quanto ao ouro. — Acôrdo? — rugiu Van Schreeven. — Antes quero vê-lo no inferno. — Mas a coisa continuou sempre assim. Ralls, com inteligênsia, manobrou os adversários de tal modo que no fim já nem havia mais união entre êles, com o despertar de rivalidades, de maneira que ficaram todos prontos a voarem na goela uns dos outros. Sidneye acabou disposto a fazer um acordo em relação ao ouro... e os outros não. Foi quando Ralls se inclinou sôbre a mesa: — Não me resolvo rei a entregar o ouro, — disse êle, enquanto a Batjak não estiver unificada nesse ponto... o preço a pagar para saber onde êle está.

— Vamos fugir, Teleia!

— Preciso de combustível!



— Indo a algum lugar, sr. Rosen?

Levantei-me cedo na manhã seguinte, ainda pensando nas palavras com que Ralls lançara os seus inimigos uns contra os outros. E não pude deixar de me lembrar que já que o "Flores" ia partir sob o meu comando, eu bem poderia levá-lo comigo. Assim uma vez livres, separarnos — iamos definitivamente. O meu problema imediato, no entanto, era Teleia. Meus ferimentos já estavam cicatrizados, e os dela quase isso, pensei, para me animar um pouco. Quando ia para o quarto dela encontrei Carter e lhe expuz o meu plano. Ele iria arranjar alguns malaios para tripulantes. — Partiremos duas horas antes do pôr do sol, — disse eu. Teleia recebeu-me com um abraço, e ficámos os dois a sorrir feito crianças. Despertei-a com um beijo. — Vamos fugir. Vamos levar o "Flores". — Ela recuou: — Sam, estás louco? — Mas falou sorrindo. — Estou no meu juizo perfeito, — respondi, — mas precisamos partir antes do escurecer. — Nos olhos dela brilhava aquela confiança que as mulheres sempre têm no homem que amam. — Sam, stamos ambos loucos, — foi só o que disse... Na hora combinada encontrámos Carter na mata, com alguns nativos, e corremos todos para bordo do "Flores". Perguntei à futura sra. Rosen se era eu o capitão do barco. Ela respondeu que sim. Dei as ordens necessárias e mais uma vez pensei em Ralls, que se recusara a me acompanhar alegando que tinha outros planos... Logo depois Teleia veio me dizer que havia muito pouco combustível. Isso era mal, mas lembrei que poderíamos conseguir alguns tambores no cargueiro, ancorado fora da laguna. Carter resolveu acompanhar-nos até lá e, eu na roda do leme com Teleia ao lado, zarpou o "Flores" em busca da liberdade. Abordamos no cargueiro e Teleia sorriu para o capitão. — Vamos fazer uma pescariazinha, — explicou — Será que o senhor nos arranja combustível e equipamento de pesca? — *Já, já,* — respondeu o capitão e num instante tínhamos o que queríamos. Teleia atirou um beijo ao gentil lobo do mar e Carter nos surpreendeu: — Creio que vou acompanhá-los. Todo pescador necessita de um braço direito. Voltarei depois da cerimônia. Talvez com Sheraton. Ou melhor, — continuou êle, apontando, — talvez antes da cerimônia, Sam. Olha quem vem lá. — Girei nos calcanhares e vi a lancha-patrulha australiana que se aproximava. Sheraton debruçou-se na amurada: — Indo algum lugar, sr. Rosen...?

— Senhores, ninguém sairá da ilha!

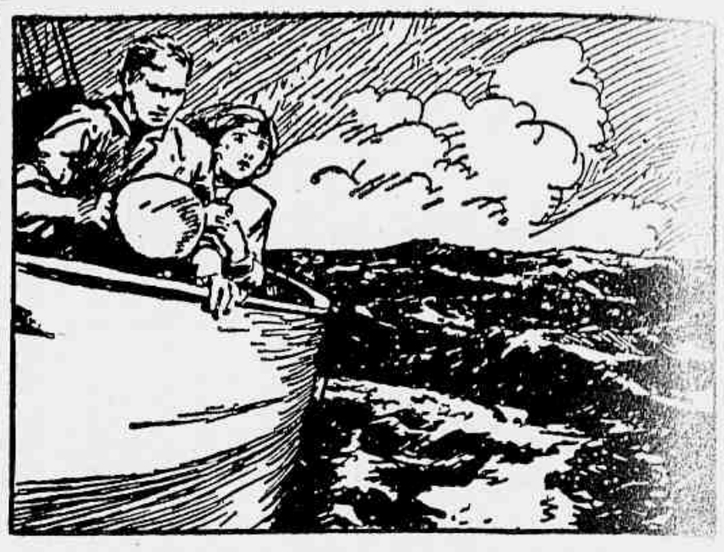
Um malaio me chamou.

Van Schreeven caiu ao chão...

Respondi: — Ia, sim. A Lorengau, casar-me. — Êle então se desculpou, como se de fato sentisse muito... — Mas isso pode esperar. Há um assunto mais importante em que o senhor parece estar envolvido... homicídio. — Sheraton nos forçou a voltar e pouco depois reentrávamos na laguna. Na praia, como sempre, o comitê de recepção. Sheraton desembarcou e se explicou: — Cavalheiros, ninguém sairá da ilha enquanto eu não a tiver revistado completamente. Entendera-m? — E' claro, — respondeu Sidneye. — Nós sempre procuramos agradar aos nossos hóspedes, mesmo os não convidados. — Foi pelas nove da noite que me chamaram à sala azul, onde Sheraton me avisou que encontrara Ralls. Procurei aparentar surpresa, embora não creia que o tenha feito à perfeição. Êle prosseguiu: — Oferecer-lhe o paraíso das algemas mas êle recusou. Disse-me apenas que o procurasse amanhã a cinco milhas ao norte do extremo sul do recife de Doppel. — Aqui eu fiquei de fato surpreendido. Por que dera Ralls uma posição falsa? Pouco depois Sheraton partia. Bancando o gato, êle deixaria que os ratos pensassem que estavam livres... Então recebi um chamado para a sala azul, onde estavam todos reunidos e onde se deflagrou uma nova batalha verbal pelo ouro do "Bruxo Vermelho". Mas, Ralls ainda era o dono da situação... desafiando tôdas as ameaças. Disse Sidneye: — Já que todos nós já vimos a inutilidade das ameaças, passemos a falar em termos de dinheiro. Se Ralls nos levar ao "Bruxo Vermelho", dar-lhe-ei cinquenta mil dólares. — Houve um côro de protestos. Ralls sorriu: Os senhores estão me subestimando. As cartas estão na mesa e sou jogador. Êsse dinheirinho de que o senhor falou já serve para princípio de conversa. — Van Schreeven berrou sua opinião e acusou Van Arken de cumplicidade na minha fuga com Teleia, não por amizade mas sòmente para agradar a Sidneye. Vi que estava com a razão. Mas Van Arken levantou-se e o esbofeteou violentamente. Sidneye então gritou para o meio-irmão que pedisse desculpas ao doutor pelo que dissera... e não foi atendido. — Oh deça-me! — rugiu Sidneye. Houve uma pausa. Depois, Sidneye decretou: — Já não és parte da nossa organização. — Van Schreeven estremeceu. Levou as mãos espasmódicamente ao coração e tombou no chão...

O "Flores" saiu na frente...

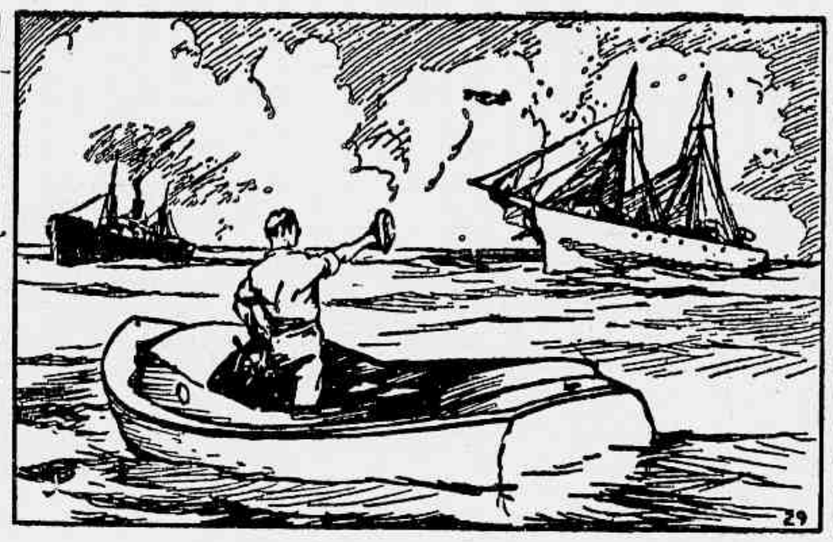
O hidro começava a baixar



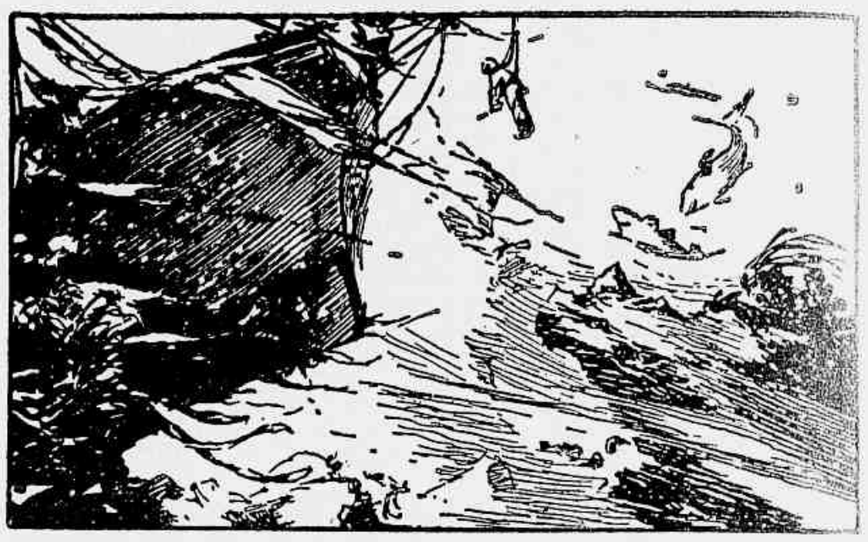
Estávamos na esteira do "Bruxo Vermelho"!

Apezar de muito abalado pelo ataque cardíaco, no dia seguinte Van Schreeven estava a bordo do "Flores", quando o iate levantou ferros. Eu ia no cargueiro, e quando o iate nos passou atirei um beijo para Teleia, que m'o devolveu. Logo depois ouvi um "Alô, Sam". Era Ralls. Explicou-me que estivera traçando cartas. Perguntei-lhe qual era afinal o seu jôgo. — Tu sabes, Ralls. Essa turma está falando em dinheiro, mas depois tu irás é para as Celebes, para uma morte lenta. — Êle sorriu: — Veremos, Sam. — Surgiu então um hidroavião, que pousou nas águas agitadas. No seu costado reluzia o quadrifólio da Batjak. Desembarcaram três homens que pouco depois estavam conosco. Cuvi alguém explicar: — Dois escafandristas e o chefe. — Intrigado, olhei para Ralls, que fez uma cara engraçada e se dirigiu para a trinca recém-chegada. — Olha, Sam, — despediu-se — deseja-me boa sorte! — Desejo sim, velho, — afirmei. Mais tarde, naquele mesmo dia, u e Ralls fomos transbordados para o "Flores". Ralls assumiu o timão e o iate correu mais. Rumámos para o oeste a tôda fôrça, variando um pouco para o sul. Eu estava encostado à amurada de popa quando o barco entrou no rumo definitivo e foi quando comecei a sentir o pêso do passado sôbre a minha consciência. Teleia viu-me empalidecer; test munhou a anormal tremura das minhas mãos, quando levei um cigarro aos lábios; ela porém nunca s ria capaz de perceber... e na palavras que a descrevam... a minha comunhão, a minha estranha comunhão com o fantasma do naufragado, cujas altas velas conversavam com o em meus ouvidos, cujos cordames pareciam garg a porta da cabina de Loring ainda aberta e tôdas las barras de ouro arrumadinhas no porão, o sol gulhando mansamente no horizonte e a mão vermelh coral vindo à tona buscar para o seu seio o caso belo veleiro. Apertei com fôrça a amurada e fiquei to olhando o mar... Teleia a meu lado, imóvel. tinha certeza: Seguíamos a última esteira do "Bru Vermelho"...

— Idiota! — berrou Ralls.



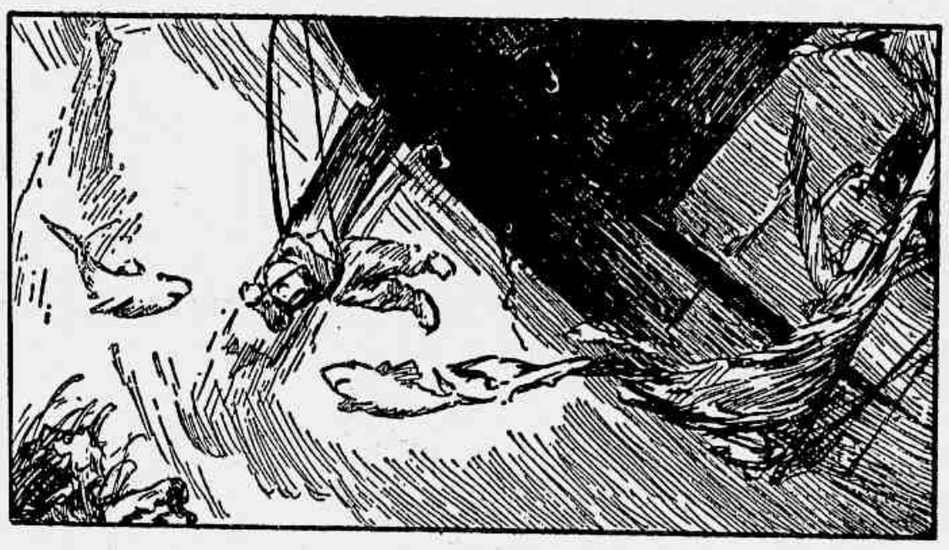
— Está aqui! — e Ralls acenava com o quepi.



Êle mergulhou para o "Bruxo Vermelho"...

Dirigi-me à casa do leme. — Exato na esteira do "Bruxo Vermelho", hem, Ralls? — Êle riu e eu continuei: — Andaste interessado nos mergulhadores. Não estás planejando mandar os bois para o matadouro, ou estás? — Êl se voltou muito lentamente, passando a roda para Bullit... e de repente levantou o braço e eu vi um monte de estrêlas. Um segundo depois estávamos lutando como eu já uma vez quisera lutar com êle Depois êle me pegou de jeito. O recurso foi atirá-lo contra a amurada... e caímos os dois ao mar. Então êle gritou: — Idiota, por que hei-de querer mal aos mergulhadores? — E mandou o punho como um pistão.. Quando acordei, nos braços de Teleia, vi as coisas com muito mais clareza do que antes. Ralls via aquela situação como a sua grande oportunidade. Tudo o que se passara fôra muito bem calculado. Quando pela primeira vez entrávamos na laguna, Ralls sabia muito b m que Sidney estava na ilha! Parado o "Flores", Ralls saltou para a lancha. A certa distância parou e sondou o fundo. Tirou o quepi e gritou: — Está aqui! — E Sidneye ecoou: — Está aqui! *Já!* — O cargueiro se aproximou, com o equipamento de m rgulho. O hidro saíu para verificar a posição de Sheraton... 55 milhas, soubemos pouco depois. — Não há tempo a perder, — gritou Sidneye. — A que profundidade? — Ralls respondeu: — Umas quinze braças... e equilibrado na aresta do mundo. — E foi ali que Ralls jogou seu triunfo, incutindo o medo nos escafandristas, pela maneira com que o barco se equilibrava na aresta do recife submarino, balançando-se sôbre insondável abismo. — Qual um mergulhinho? — perguntou aos mergulhadores que se entreolhavam. E o mais medroso sacudiu a cabeça: — O barco está em cima da quina do mundo, senhor. Eu não desço! — E o outro concordou com o colega. Todos os olhos vortaram-se para Ralls. Com Sheraton se aproximando, êle era a única esperança. Sidneye explodiu: — Ganhaste, Ralls. Qual o teu preço? — A resposta foi pronta, firme: — Meio a meio! — Pálido, Sidneye concordou: — Muito bem. — Ralls então se vestiu para o mergulho. — Boa sorte, capitão, — gritei eu, quando o seu bojo desaparecia da superfície. Em baixo, lentamente, Ralls descia em direção ao "Bruxo Vermelho"...

— Para mim, aqui!



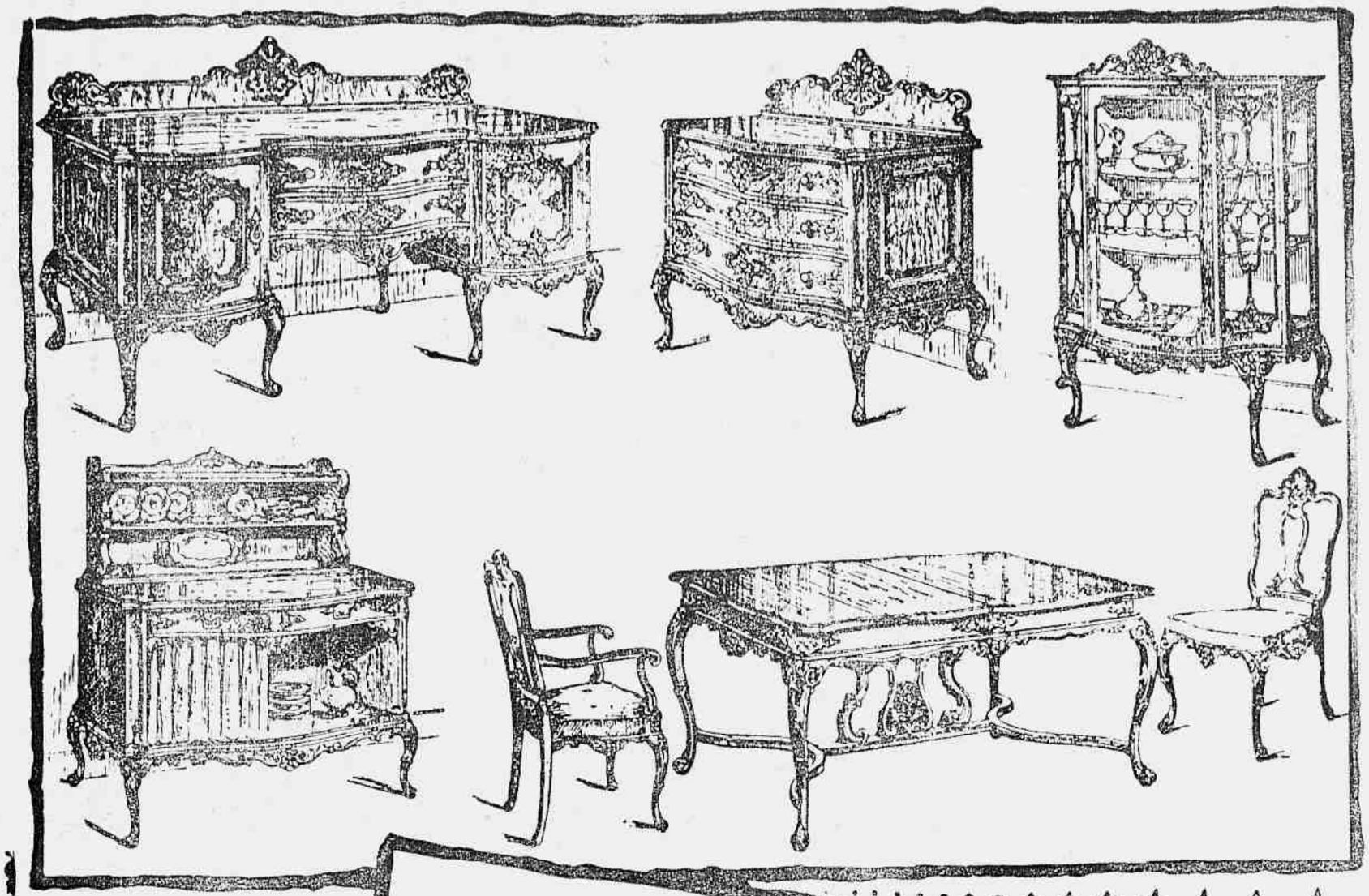
O barco mergulhou, com Ralls, ouro e tudo!

Livre dele, encontrei a paz...

A plataforma mergulhou atrás dele. O hidro comunicava a posição da lancha australiana quando ela subiu com as primeiras barras de ouro. — Aqui, para mim! — gritou Sidneye. A plataforma tornou a descer e o controlador de mergulho avisou: — Dificuldades! Êle está atrapalhando! — Alguém pediu o sino de im rsão, no qual desci junto com o homem para ver o que havia. Mas Ralls já parecia fora de perigo. — Vi-o saindo pela escotilha, com uma barra nas mãos. Colocou-a na plataforma e desapareceu pela escotilha, para logo sair com outra barra... De repente êle se imobilizou, olhando em frente, como se para comandar "Todo o pano" e o "Bruxo Vermelho" estremeceu... para ressuscitar vagarosamente. E' que o barco estava equilibrado de maneira tão delicada que a simples remoção de uma pequena parte do ouro foi bastante para que a popa subisse uma boa braça. Ralls continuou a trabalhar, sem temor, mas o "Bruxo" lutava pela vida. Deslisou um pouco para a frente e o homem a meu lado gritou pelo tubo: — Iça o mergulhador! — O cabo se esticou e os pés de Ralls deixaram o convés. Mas talvez o "Bruxo" ali estivesse à espera do seu mestre... Dizem que um barco só fica satisfeito quando tem no leme o seu capitão. A sua proa começou a cair e êle saíu para a última viagem de três navios heróicos: o "Quadrifólio", o "Cervo Dourado" e o "Bruxo Vermelho", mas reivindicando os seus direitos... E' que o cabo, esticado pelo pêso de Ralls, enroscou-se no coto do mastro da mezena. E lá se foi o "Bruxo Vermelho" para o fundo com Ralls ouro e tudo, pondo assim um ponto final, desta vez definitivo, na sua longa e tormentosa vida. E eu fiquei pensando que com Ralls no comando, agora no fundo dos mares, o mínimo que poderia acontecer seria uma série de tufões de violência inédita...

E foi assim que caíu a cortina sôbre o mar de Bismarck. Quando ela de novo subiu foi para mostrar uma bela cena, num maravilhoso palco... com um papel mesmo a calhar para mim. E o comerciante Sam Rosen obedeceu ao seu coração naquele pacífico mar de amor que navegou ao lado de Teleia. No devido tempo uma bonita menina dormia num enfeitado berço holandês... Angelique Rosen... um pedacinho do tesouro conseguido por seu pai na luta pelo "Bruxo Vermelho". E eu, Sam Rosen, uma vez livre da influência de Ralls, encontrei a paz e o sucesso onde êle fracassara.

Na próxima semana, iniciaremos a publicação de um novo folhetim: **"NINGUÉM PODE ESCAPAR"**, de autoria da famosa novelista **Faith Baldwin**, com primorosas ilustrações de **J. Schabelitz.** Exclusividade de REVISTA DA SEMANA para todo o Brasil, adquirida com o King Features Syndicate.



Sala de Jantar Renascimento

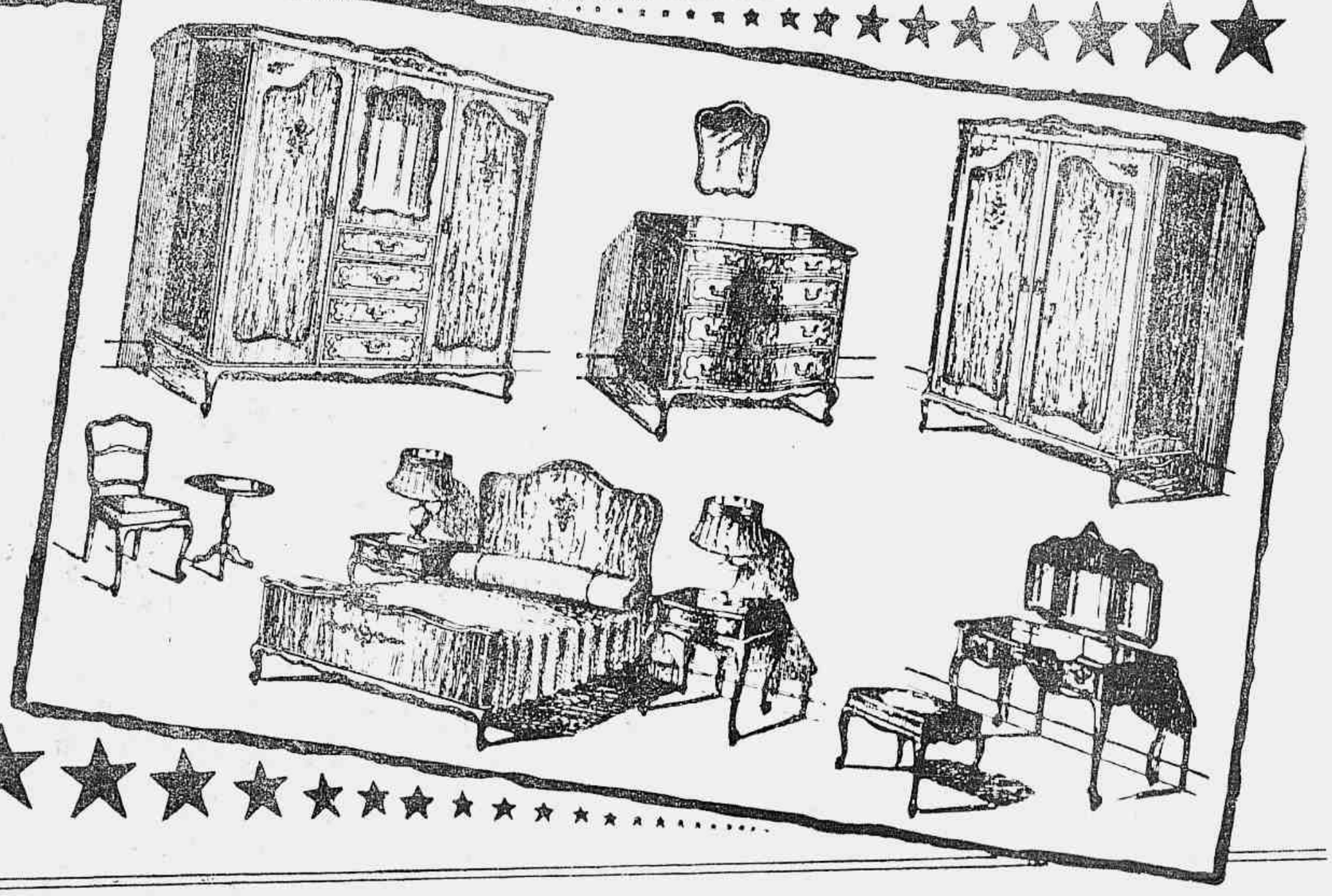
JACARANDÁ
MACIÇO
ESCULTURADO

BUFFET
ETAGERE
CRISTALEIRA
TRINCHANTE
MESA DE EXTENSÃO
2 POLTRONAS
6 CADEIRAS

Dormitório Chippendale

IMBUIA
ESCULTURADA

GUARDA-VESTIDOS
GUARDA-CASACAS
CAMISEIRO, COM
ESPELHO
SEPARADO
CAMA DE CASAL
PENTEADEIRA
2 MESINHAS
BANQUETA
MESA DE CENTRO
2 CADEIRAS



MOBILIARIOS E DECORAÇÕES

Os tapetes são de inegualavel valor decorativo e influem, poderosamente, na beleza e no confôrto de quaisquer aposentos... mas a sua escolha deve obedecer a requisitos imprescindíveis que, muitas vezes, só um bom técnico-decorador sabe discernir.

Fundada em 1912

65 -- RUA DA CARIOCA, 67 -- RIO

COLUMBIA
COLUMBIA
COLUMBIA
CIA. DE CIGARROS
Souza Cruz
NELSON